

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 17 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 640 ANO 48.º UM ESCUDO

amanhã
anda a roda
4 "TALUDAS"
6 MIL CONTOS!

MOÇAMBIQUE 3.ª ESCALA DO CHEFE DO GOVERNO AO ULTRAMAR DA VIAGEM

BEIRA, 17. — (L. e A. N. I.) — O Chefe do Governo, prof. Marcello Caetano, chegou, ao princípio da tarde, a esta cidade, vindo de

Luanda, em trânsito para Lourenço Marques, para onde seguiu, após cerca de 45 minutos dedicados a cerimónias de cumprimentos

D. Manuel Ferreira Cabral. O prof. Marcello Caetano recebeu, depois, os cumprimentos de autoridades civis, militares e eclesiásticas,

que não assistem à recepção em Lourenço Marques.

A partida de Luanda

LUANDA, 17. — (A. N. I.) — Eram precisamente 10 horas quando o quadricóptero «Santa Cruz», da TAP, levantou voo do aeroporto de Luanda, rumo a Beira, levando a bordo o prof. Marcello Caetano e a sua comitiva.

Embora não se tratasse ainda da sua despedida de Angola, visto que o prof. Marcello Caetano aqui voltará, no próximo domingo, para a sua visita a Nova Lisboa, muita gente acorreu, esta manhã, ao Aeroporto Craveiro Lopes e às ruas do percurso, para saudar o Chefe do Governo.

Na aerogare, entre outras entidades, apresentaram ao prof. Marcello Caetano

(Continua na página seguinte)



Entre as glórias da Inglaterra conta-se, desde o dia 14, Christine Thurnbull, estudante de Direito, a primeira mulher a atravessar a Mancha de balão. Já em França, após a travessia, Christine contou à imprensa as suas aventuras: «Foi um voo perfeito, excepto durante uns momentos, a dez milhas de Dungeness. Voávamos a 1500 pés de altitude, quando um forte vento começou a soprar do Oeste, e fomos levados na direcção do Mar do Norte. Julgávamos que íamos aterrar na Dinamarca». Na gravura, Christine e o pai, que a acompanhou, preparam-se para o assalto à Mancha.



Ao longo da sua viagem, o prof. Marcello Caetano tem recebido provas de apreço por parte das populações.

AGITAÇÃO NA BREITANHA E GREVE EM TODA A FRANÇA

(Ler na pág. 17)

HOJE 36 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

e honras militares no Aeroporto Gago Coutinho.

A chegada à capital de Moçambique, em avião especial da D. E. T. A., está prevista para as 17 e 5, não se realizando hoje, ali, quaisquer cerimónias oficiais.

O Presidente do Conselho era aguardado, no aeroporto, pelo governador-geral de Moçambique, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, pelo comandante-chefe das Forças Armadas, general António Augusto dos Santos, pelo governador do distrito de Manica e Sofala, tenente-coronel Sousa Telles e pelo bispo da Beira,

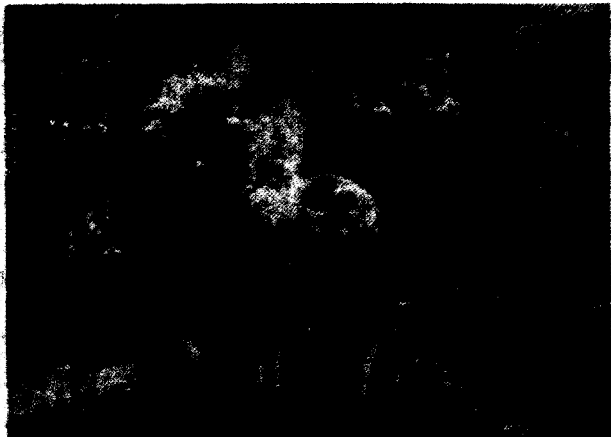
PODERÁ HAVER GUERRA A QUALQUER MOMENTO

— diz o ministro da Defesa da Coreia do Norte

TÓQUIO, 17. — (R.) — O ministro da Defesa a qualquer momento «devido às manobras agressivas da Coreia do Norte, Choi Hyun, foi hoje citado sivas dos imperialistas norte-americanos».

(Continua na 16.ª página)

O Jardim Zoológico transformado em maternidade



Nasceu um camelo no Zoo. E também três pumas. E mais um leopardo. As mães estão bem e têm sido muito visitadas. (LER NOTÍCIA NA PÁGINA CENTRAL)

MARCELLO CAETANO PERMANECE CERCA DE 48 HORAS EM MOÇAMBIQUE

(Continuação da pág. anterior)

tano votos de boa viagem o secretário-geral dr. Mário Montez, os secretários provinciais de Economia, dr. Costa Oliveira, de Obras Públicas e Comunicações, tenente-coronel Carlos de Castro, de Educação, dr. Pinheiro da Silva, do Fomento Rural, dr. Sousa Dias, e de Saúde, dr. Cardoso de Albuquerque, o arcebispo de Luanda e administrador apostólico da diocese de S. Tomé, D. Manuel Nunes Gabriel, o comandante naval, contra-almirante Ferreira de Almeida,

os comandantes da Região Militar e da II Região Aérea, respectivamente, generais Luz Cunha e Viana Tavares, o presidente do Tribunal da Relação de Luanda, desembargador Ribeiro Farinha; procurador da República, dr. Resende Rego; juizes desembargadores, reitor da Universidade de Luanda, prof. Ivo Soares; vogais do Conselho Ultramarino, oficiais-generais, inspectores superiores, deputados, governador do distrito de Luanda, presidente da comissão de província da União Nacional, presidente da Câmara

Municipal de Luanda e muitas outras entidades, civis e militares, representantes de associações, representantes consulares e autoridades tradicionais.

Com o prof. Marcello Caetano encontravam-se o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. Moreira Baptista; o governador-geral de Angola, tenente-coronel Rebocho Vaz; o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, general Venâncio Deslandes; e o comandante-chefe das Forças Armadas em Angola, general Almeida Viana.

Enquanto decorriam os cumprimentos, as sr.^{as} D. Maria Clara da Silva Cunha e D. Ana Maria de Barros Caetano, bem como os demais elementos da comitiva seguíam para bordo do avião, acompanhadas pelo chefe de gabinete do Governador-geral, tenente-coronel Kock Fritz.

ta metros, a partir do largo fronteiro à aerogare e a terminar na Ponta Vermelha, pelas avenidas Craveiro Lopes, General Machado e 24 de Julho, e pelas ruas dos Lusíadas e de Bartolomeu Dias — que é o trajecto do cortejo presidencial — erguem-se mastros que são outros tantos florões de bandeiras. Nesse mesmo percurso estarão alinhados, logo à tarde, cerca de vinte mil alunos de diversos estabelecimentos de ensino da cidade.

As montras ostentam retratos do prof. Marcello Caetano ou motivos alusivos à sua visita. Até em algumas bancas dos mercados — o de Vasco da Gama e o típico Xipamanine — já apareceram, pelas mãos de modestos comerciantes africanos e asiáticos, pequenas bandeiras verde-rubras.

No aeroporto, estão presentes tocando e dançando, numerosos grupos e falcoire nativo, alguns dos quais

se exibirão também amanhã, à noite, nos jardins de Ponta Vermelha.

Amanhã às 10 horas, o Presidente do Conselho preside no salão do Liceu Salazar, especialmente adaptado para o efeito, à sessão conjunta extraordinária do Conselho Legislativo e do Conselho Económico e Social, em que serão oradores, além do prof. Marcello Caetano, o dr. Rebelo de Sousa — que, na sua qualidade de governador-geral, e o presidente nato daqueles dois órgãos — e o vogal Pedro Baessa.

Finda a sessão, e depois de haver regressado à residência da Ponta Vermelha, o Chefe do Governo irá prestar homenagem à memória dos mortos ao serviço da Pátria em Moçambique, cerimónia que se efectua ao meio-dia perante o monumento da Praça Mac Mahon, com a assistência de efectivos dos três ramos das Forças Armadas.

De tarde, às 15 horas, o

prof. Marcello Caetano é recebido solenemente na Universidade de Lourenço Marques, cujo reitor, prof. Veloso Simão, lhe confere o grau de doutor «honoris causa».

Depois, a partir das 17 e 30, o Chefe do Governo concede, no salão nobre da Câmara Municipal, uma audiência colectiva a grupos representativos de todos os sectores da população.

No sábado, o programa começa com a ida do prof. Marcello Caetano ao gabinete militar, onde apreciará a situação actual da luta contra o terrorismo no norte da província.

Antes do almoço, o Presidente do Conselho percorrerá diversos locais de Lourenço Marques, incluindo o itinerário a Sociedade de Estudos de Moçambique, em cuja sede, no Bairro dos Cronistas, descenderá uma lâpida.

A partida para a Beira, nesse mesmo dia, está prevista para as 15 e 30.

Omar Sharif hoje em Lisboa para jogar bridge

É esperado esta tarde em Lisboa o célebre actor Omar Sharif, que com a sua equipa de bridge vem participar num torneio internacional, que decorre amanhã, sábado e domingo, no Casino Estoril, organizado pela Federação Portuguesa de Bridge, com a colaboração da Sociedade Estoril Sol, da TAP e da Direcção-Geral do Turismo, e o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol.

«Omar Sharif Bridge Circus» é uma famosa equipa, que acaba de fazer uma triunfante digressão pelos E. U. A., constituída pelo egípcio intérprete do «Dr. Jivago», cartel maior, por razões óbvias, internacional pelo seu país, Benito Gazzo campeão do

Mundo pela Itália, Giorgio Belladonna, campeão do Mundo pela Itália, Claude Delmouly, campeão da Europa pela França e Leon Yalhouse, internacional pelo Líbano.

Ainda ao fim da tarde de hoje realiza-se no Hotel Estoril-Sol, oferecido pela respectiva sociedade, um «cocktail» para apresentação à imprensa dos membros do grupo, e amanhã, às 22 horas, no Casino, efectua-se o 1.º encontro, em 24 mãos, entre «Omar Sharif Bridge Circus» e a equipa B portuguesa, transmitido através do bridgegrama. No sábado, à tarde, por sua vez, decorre a primeira sessão de pares, em que participam todos os elementos do grupo.

Folclore nativo no aeroporto Gago Coutinho

LOURENÇO MARQUES, 17. — (A. N. I.) — Estão concluídos os preparativos para receber, no aeroporto «Gago Coutinho», o Presidente do Conselho, que virá acompanhado, desde a Beira, pelo dr. Rebelo de Sousa. De cinquenta em cinquenta

A RANK XEROX EM LEIRIA

A Rank Xerox, Ltd., dentro do seu programa de expansão em Portugal, organiza pela primeira vez uma exposição sobre Comunicação Gráfica em Leiria. Este certame, organizado pela filial em Coimbra da Rank Xerox, Ltd., está patente ao público, a partir de hoje, no Hotel Euro-Sol.

DE ONTEM PARA HOJE

HOMENAGEM MUNICIPAL

Artistas, escritores, jornalistas e actores foram homenageados pela cidade de Lisboa em que quase todos eles viveram e que muitos enternecidamente amaram nos seus ambientes e costumes. A homenagem municipal reveste a forma de lhes apor o nome num canal de rua ou praça; e não deixa de ser de assinalar a homenagem àquele grande jornalista e nosso companheiro de trabalho que foi Artur Portela. Mas, noutro lugar, acentuamos o valor dessa homenagem ao Artur Portela. Marquemos também que amigo de Portela foi o Jaime Brasil homem de fibra, dos que não cedem. E Jaime Brasil foi homenageado pelo Município de Lisboa. E aquela Irene Lisboa, autêntica pintora de quadros lisboetas ou provincianos nas suas páginas simples e deliciosas, ficará com o nome no Bairro de Santa Cruz. Grandes, grandes foram escritores como Teixeira Gomes, que não mereces ainda tal homenagem. Porquê, santo Deus? E — mastro cimeiro — não haverá uma avenida nova, uma praça digna e larga, onde se afixe o nome do maior das letras portuguesas que se chamam Aquilino Ribeiro, de que foi Lisboa desde os seus vinte anos e tantas vezes nas suas páginas nos fala de bairros característicos e do rio de Lisboa onde se desenrolam aliás algumas das suas romances? Acentuemos as novas denominações de artérias municipais: No Bairro de Santa Cruz, em Benfica: A Rua de Várzea, a de Rua Comandante Augusto Cardoso, explorador ultramarino (1859-1939); a Rua 1, a de Rua Alfredo Pimenta escritor (1882-1950); a Rua 3, a de Rua Júlio Vas Junior, escultor (1877-1963); a Rua 5, a de Rua Moreira de Almeida, jornalista (1869-1925); a Rua 7, a de Rua Albino Sousa Cruz, benemérito (1870-1966); a Rua 9, a de Rua Eduardo Schwalbach, dramaturgo e jornalista (1869-1946); a Rua 11, a de Rua Coronel Campos Gonsaga oficial de artilharia (1861-1933); a Rua 12, a de Rua Irene Lisboa, escritora e jornalista (1892-1955); a Rua 13, a de Rua Dr. Cunha, Seixas, advogado, escritor e jornalista (1836-1895); a Rua 14, a de Rua Maestro Eral Ferrás, compositor municipal (1896-1963); a Rua 15, a de Rua Actor Estêvão Amarante (1889-1951); a Rua 16, a de Rua Actor Nascimento Fernandes (1881-1955); a Rua 17, a de Rua Actor Vasco Santana (1898-1968); a Rua 18, a de Rua Actor Alves da Cunha (1889-1956); a Rua 19, a de Rua Jaime Brasil, escritor e jornalista (1894-1966); a Rua 20, a de Rua Helena de Aragão, escritora e jornalista (1890-1961); a Rua 21, a de Rua Doutor José Alberto de Faria, médico e higienista (1888-1961). Na célula C, dos Olivais-Sul designadas as artérias com nomes de cidades de Angola.

NOVAS INSTALAÇÕES

Em cerimónia simples, foram ontem inauguradas as novas instalações da sede do Grupo Desportivo do Pessoal do Jornal «O Século». Assistiram o director e sua família, bem como administradores e muitos funcionários daquele nosso prezado colega. Disse o dr. Guilherme Pereira da Rosa, exprimindo o sentir de todos: «Boa sorte, felicidades e contem sempre com a minha ajuda e toda a boa vontade».

HOSPITAIS

O sr. ministro da Saúde, acompanhado dos drs. Carlos Georze e Lima das Neves, respectivamente, enfermeiro-mor e administrador-geral dos Hospitais Civis, visitou ontem os hospitais dos Capuchos e do Rego. No primeiro observou especialmente os serviços 5 e 6, os de Cirurgia e Oftalmologia. No segundo observou as obras de beneficiação.

PALÁCIO DE BELEM

O sr. Presidente da República recebeu ontem os sr. dr. Xavier Pinheiro, secretário de Estado do Comércio, eng.º Duarte do Amaral, deputado pelo Minho; almirante Paulo Viana, dr. Manuel José Homem de Melo, eng.º José Rodrigues dos Santos e dr. Henrique José Ramalho Ortigão, e a sr.ª D. Maria Leonor Soares Parente, acompanhada pelo sr. eng.º Agnelo Galambos de Oliveira.

PORTUGAL-VENEZUELA

No cenáculo literário Tábua Rasa foi homenageado ontem o embaixador da Venezuela, dr. Rafael Fernando Rojas. Estava ele acompanhado da esposa e filhos e do pessoal da Embaixada. O embaixador é também escritor e académico de História. Depois de enaltecida a sua obra proferiu ele uma conferência sobre o grande escritor que foi Romulo Gallegos, recentemente falecido.

10 MIL CONTOS

O Banco de Fomento Nacional pôs à disposição do sr. Presidente da República a soma de 10 mil contos para a Fundação Salazar. Foram ontem, no Palácio de Belém, o governador do Banco, prof. Daniel Barbosa, antigo ministro da Economia, e o vice-governador dr. Ricardo Faria Blanc, antigo subsecretário de Estado, e ainda o eng.º Pedro de Moraes Campinho, também vice-governador, e dr. Rebelo da Conceição, administrador por parte do Estado, comunicaram essa decisão ao sr. Presidente da República.

COMBOIO DE MORTE

Viria na Casa Velha, perto de Souto, o carregador da C. P. sr. José Gomes Boeri Junior, de 45 anos. Ontem ia a atravessar a via na estação de Souto, na em serviço o pobre homem. Mas uma composição o colheu e matou.

Cofres de aluguer
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

NAUTICAMPO-III
(Patente até ao dia 20)

Novidades em equipamentos de recreio náutico, desporto e de campismo

HORARIO
Horário de hoje e amanhã — Das 17 às 24 horas

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ESTORIL
PARA O SEU FIM-DE-SEMANA OU PARA AS SUAS FERIAS, O

TOURING CLUB DE PORTUGAL
ESPERA-O

APARTAMENTOS — RESTAURANTE — BABY-SITTING
VALE DO SOL — ESTORIL — Telef. 263385

A REPÚBLICA DA CHINA TEME A UNIÃO SOVIÉTICA

HONG-KONG — Mais violenta do que nunca no deslizar das escaramuças da fronteira, a denúncia pela China da União Soviética, reflete dois receios principais dos dirigentes chineses.

Em primeiro lugar, estes encontram-se convencidos de que a União Soviética poderá reinvidicar na invasão, desta vez da China, como fez para com a Checoslováquia. Tanto a província de Sinkiang como a Mongólia Interior seriam alvos bastante vulneráveis para uma intervenção russa deste género.

Os dirigentes chineses também estão preocupados com os efeitos do relativo liberalismo económico soviético sobre os chineses descontentes. Na sua origem, a grande revolução cultural proletária pretendia quebrar e suprimir a liberalização interna, denunciada pelos extremistas como «abrindo caminho a restauração do capitalismo».

Os dirigentes militares que dominam a China em nome do presidente do Partido Comunista, Mao Tsé-Tung, receiam que os russos possam encontrar muitos simpatizantes na China se entrarem em ac-

ção, ainda que ninguém possa avaliar a extensão destas simpatias.

Para contrariar uma possível intervenção soviética, Pequim denuncia com violência as «teorias revisionistas soviéticas da soberania limitada e da ditadura internacional».

Pequim diz que os russos usam esta «falsa base teórica» para justificar a «ditadura colonial e a exploração que exercem sobre a Europa Oriental e a Mongólia».

Enquanto estes ataques representam uma intensificação radical dos anteriores assaltos à política soviética de soberania, são

do mesmo modo violentos na denuncia das actividades do Kremlin no seu país, com o objectivo de contrariar uma possível infecção da China pela liberalização russa.

Em consequência das escaramuças fronteiriças albero-mandchus terem despertado o mais profundo e imediato receio dos chineses, as acusações contra a União Soviética são apresentadas na mais violenta linguagem, desde que em 1949 foi fundada a República do Povo da Chi-

por
Robert S. Elegant
«Los Angeles Times»-
«Washington
Post»

na. São ainda mais violentos do que a maior parte dos comentários críticos ocidentais, tanto sobre a China como sobre a Rússia, e mais intensos ainda que os ataques chineses contra os Estados Unidos. E as injúrias devem ainda aumentar: impelidos pela fúria e o medo, os chineses tornarão provavelmente inevitáveis novas escaramuças.

Pequim chama à administração soviética interna «tirania fascista dos novos czares prestes a ser derrubada». «A pandilha revisionista soviética pratica o social-fascismo no seu país e suprime cruelmente as grandes massas do povo trabalhador soviético numa tentativa de manter o seu cambaleante Governo reaccionário a exercer pressão no estrangeiro com o social-imperialismo», diz Pequim.

Os russos, segundo Pequim utilizam as suas tropas para a «sangrenta repressão da resistência cada vez maior dentro da U. Soviética», enquanto se estão comprometendo numa «frenética expansão dos armamentos e de prepara-

ção para a guerra».

O aparelho da polícia secreta, assevera Pequim, tem sido aumentado muitas vezes nos últimos anos, enquanto uma multidão de novas leis e regulamentos destroem a liberdade de que os russos gozavam. A «pátria do povo trabalhador soviético», foi transformada num campo de terror sob a ditadura fascista...

«Existem campos de concentração, cadeias e «manicomios» em todo o país, para deter e suprimir o povo soviético revolucionário: são abundantes por toda a parte os exemplos de terror branco...», dizem os chineses, argumentando que surgiu uma nova classe privilegiada, e referindo-se a criminosos que fogem ao merecido castigo apoiados nas suas ligações com o Partido Comunista.

Mas o fulcro de tudo isto, dizem os chineses, é a exploração económica desenfreada das massas em benefício da «nova burguesia».

Devido a que os lucros se tornaram a força estimulante da produção, reapareceram a anarquia do capitalismo na produção e na distribuição.

«Por conseguinte o desajustamento das fazendas colectivas, a produção de cereais caiu verticalmente, surgiu nova classe de «kulaks» (capitalistas rurais) e de «especuladores» que exploram impiedosamente o povo trabalhador.

Por conseguinte o desemprego aumenta o que faz com que exista um exército de desempregados que atinge actualmente para cima de 10 milhões de trabalhadores na União Soviética», acrescentam os chineses.

Com veemência e dureza igual os chineses denunciam o «novo colonialismo» que o Kremlin exerce no estrangeiro «coligado com o imperialismo americano». Os russos são acusados de procurarem governar o mundo inteiro, juntamente com os Estados Unidos.

Nota
do dia

A GRANDE AVENTURA

O INTERESSE MOSTRADO pelo ministro da Marinha na visita que faz às instalações novas ou provisórias dos diversos serviços do Instituto Hidrográfico, recentemente destruído pelo fogo, tem uma razão particular de actualidade no que diz respeito à pesquisa oceanográfica. Explica-se isso com a sugestão lançada pelo ex-presidente Johnson, dos Estados Unidos, alguns meses antes da sua retirada, para a coligação de esforços internacionais num grande projecto de investigação nos domínios da oceanografia.

De que se trata? Análise, de tentar descobrir da Terra aquilo que está por descobrir, de ir ao fundo dos mares, estudar-lhes a configuração, estudar principalmente o que por lá possa haver de vida, o que possam ser as condições de vida. Estudos, pois, fundamentalmente, nos domínios da Geologia e da Biologia marítimas, ir ao fundo do mar, tentar penetrar aí, nas próprias profundezas do subsolo submerso. Para quê?

O para quê é difícil. Está claro que tudo isto é sempre fomentado pelo desejo, pelo gosto ou pela necessidade de encontrar novas riquezas, é isso que o estimula, como estimulou aos navegadores portugueses de quinhentos. Mas esse estímulo é o que põe em movimento outra máquina, que é a de ir à procura do desconhecido, não se resignar o homem a não dar o passo para além do horizonte a que se habituou a ver confinados os seus movimentos e os seus interesses.

É nessa linha de interesse que teremos de inscrever as numerosas experiências que têm estado a decorrer em diversos países, viver meses no fundo de grutas, viver semanas sujeito a pressões atmosféricas cada vez maiores e correspondentes às das grandes profundidades submarinas, são passos de aproximação no sentido do projecto Johnson, previsto para um período de dez anos a começar no ano que vem. A empresa é de tal modo dispendiosa que os Estados Unidos não vão lá sósinhos, pedindo para ela a colaboração mundial.

Vale a pena? Justifica-se? Não é possível responder de duas maneiras, mas de uma só: claro que se justifica. E quando dizemos que se justifica não é pelas perspectivas de ir encontrar e explorar novas riquezas que têm estado cuidadosamente em reserva, longe da cobiça do homem. Não é o petróleo, nem o ouro que estejam para além ainda do fundo dos mares. Nem as reservas alimentares que possam colher-se e recolher-se. É o conhecimento novo que se conquista. Mas vale a pena? Com tanta fome de tudo que há por esse mundo conhecido, tanta gente que não tem o seu pão, vale a pena? Esse sacrifício é a grande aventura do homem de todos os tempos. Nos nossos dias vemos esse esforço lançar-se para a imensidão do espaço, o caminho à vista para outros planetas. O programa agora em perspectiva é a contrapartida desse, a imensidão dos espaços submersos. É a aventura do saber, a conquista do novo conhecimento, descobrir aquilo que teimosamente, ao longo dos séculos, se tem escondido de nós.

O 48.º ANIVERSÁRIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Ao assinalar a passagem do 48.º aniversário do nosso jornal, escreve o «Comércio do Funchal»:

«É costume, nestas ocasiões, os jornais se felicitarem mutuamente — as palavras são habitualmente as mesmas, os cabeçalhos é que mudam conforme o jornal... Mas o aniversário do «Diário de Lisboa» não é um aniversário qualquer. É o de um jornal que, no panorama da imprensa diária portuguesa sobressai pela sua dignidade e pelo esforço (para além de todas as dificuldades que se adivinham) em renovar métodos e temas. Não será de justiça, portanto, que C. F. relembre a efeméride e, cá de longe, abraço todos os que tornam todos os dias possível o «Diário de Lisboa»?

Pelo seu lado, o «Jornal do

Funchal», ao assinalar a entrada do «Diário de Lisboa» no 48.º ano de publicação acentua que o nosso jornal «continua uma linha de independência e dignidade merecedora do melhor apreço».

Aos dois prestigiosos semanários, o nosso profundo reconhecimento.

Também nos enviaram felicitações pela passagem do 48.º aniversário do nosso jornal a sr.ª D. Eduarda Leite Ventura e o sr. Alfredo dos Reis, correspondente do «Diário de Lisboa» no Cacém.

Referiram-se, igualmente, ao nosso aniversário os prezados colegas «Jornal do Comércio»; «Diário de Coimbra»; e «Diário do Norte», do Porto, e «A Voz do Minho», de Barcelos.

A todos, os nossos agradecimentos.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

«CRANPOOL»
PISCINAS e FILTROS
EXPOSIÇÃO NA «NAUTICAMPO»
EDIFÍCIOS DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

HOTEL RIOMAR
CENTRO DE LAGOS (5 minutos dos praias)

Para as suas férias no mais confortável Hotel de 2.ª classe do mundo. Preços especiais. Rodagem especial de 10% durante o mês de Abril. Todos os quartos com casa de banho e aquecimento central. Salas de convivência com ar condicionado. Marcação pelo telef. 498.

RECTÂNGULOS DA VIDA

TRANQUILIDADE

A tranquilidade acima de tudo. Para nós, para os nossos. A verdade é muito difícil, magoam-se os pés em caminhos de cabras, chega-se lá, onde é preciso chegar, com eles em sangue, e para quê? Tinha sido tão fácil ficarmos confortavelmente sentados a folhear livros sem problemas, livros de retratos com legenda por debaixo. Isto é assim, aquilo é assado. Para quê pensar mais nisso?

Desde muito pequenos que nos tranquilizaram pondo-nos diante dos olhos as imagens e o seu nome e a sua qualidade. A bruxa era feia tal como a madrastra ou a irmã invejosa, que até, por causa das coisas, era quase sempre meia-irmã ou, melhor ainda, filha da tal madrastra. A lealdade delas era mesmo tão grande, a sua maldade tão forte que chegavam a deixar sapos pela boca, ao falar. Pelo contrário, a doce menina pisca-maninho e cabelos de ouro que

murmurava música ou pétalas de rosa ou até brilhantes de não sei quantos quilates, era boa e linda, o mesmo se dando com a fada benévola, com a rainha boa dona de palácio e mãe amantíssima, e, até certo ponto, com o príncipe escantador, bom rapazinho e excelente partido.

Lembro-me perfeitamente de folhear um velho álbum de pintura e de estar convencida de que a Giocconda era a Virgem Maria. E pensa-

va-a como Nossa Senhora da Giocconda, o que até não era tão errado como isso, visto que a mãe de Jesus foi ao longo dos séculos pintada como a mais bela mulher do mundo. Por quê? Homenagem à santidade ou confusão entre santidade e beleza?

Com o decorrer do tempo aprendemos outras coisas. Por exemplo, que os ricos são maus e os pobres bons (ou vice-versa, conforme o ângulo de visão). Que a política de A é ótima e a de B péssima (ou precisamente o contrário). Que dantes tudo era melhor ou que hoje tudo é formidável. Que os jovens que conhecemos são óptimos ou que a actual juventude está perdida e por aí fora.

Se não fosse assim, se não tivéssemos aprendido as legendas de cor e não estivéssemos sempre a olhar o respectivo retrato a fim de não haver trocas, era uma destas trapalhadas... E depois, completamente perdidos, talvez até nos resolvéssemos a meter pelo tal caminho de cabras que magoa muitíssimo os pés. Um perigo e tanto.

por
**MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO**





Os jovens visitantes fotografados num recanto da nossa tipografia

Jovens do Caramão da Ajuda visitaram o «Diário de Lisboa»

No Centro Social do Caramão da Ajuda, alguns jovens resolveram concretizar uma ideia valiosa: a criação de uma biblioteca que constitua um ponto de encontro e de estudo, com fins culturais. Foi em consequência desse louvável programa que um grupo de leitores dessa biblioteca (tudo jovens, de várias idades) esteve no nosso jornal, a fim de visitar as instalações do «Diário de Lisboa» e de se familiarizar com a forma como se faz um diário. Os nossos jovens leitores (porque a biblioteca é assinante do nosso jornal) percorreram todos os departamentos, desde a redacção à secção de gravura, onde ouviram explicações dos nossos camareiros responsáveis por esses departamentos. A gravura

documenta uma fase da visita à Tipografia (secção de composição de títulos) onde os colegas que ali trabalham lhes ofereceram alguma distensão, para colocarem nas pa-

reides da sua sala de leitura. «A cultura é o pão do espírito» — esta foi uma das frases impressas no «Diário de Lisboa» para os jovens do Caramão da Ajuda.

A lavoura continua a negociar o gado pela maior oferta

Por despacho de 23 de Janeiro do ano corrente, o então ministro da Economia, dr. Corrêa de Oliveira definiu o caminho do auto-abastecimento do País em produtos pecuários, e estabeleceu os preços a pagar à lavoura pelo gado. Foi assim instituído o sistema de recepção e de pagamento do gado oferecido para abate, com vista a permitir à lavoura prescindir dos intermediários e receber, por cada uma das reses destinadas ao abastecimento público, o que efectivamente corresponda ao rendimento da carcaça. O sistema é, naturalmente, facultativo para o empresário agrícola e o seu funcionamento ficou dependente da colaboração que lhe quisessem prestar os Grémios da Lavoura e respectivas Federações de cada região.

É, realmente, sintomático o que se tem passado no sector da pecuária: a maior parcela dos subsídios de preço de carne fica na mão dos

intermediários, porque a lavoura continua a negociar o seu gado pela maior oferta, em lugar de o vender a peso (apesar de o Ministério da Economia se ter proposto pagar a instalação, nas feiras, das balanças necessárias).

Com a finalidade de estudar de forma eficiente a aplicação deste despacho no âmbito da província da Beira Litoral, realizaram-se já reuniões promovidas pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, para numa primeira fase escolher os locais, feiras ou mercados onde, pela importância que revestem como centros de conferência e comercialização de gado bovino, se justifique a criação do serviço de compras directas à lavoura, previsto no referido despacho.

Há dias realizou-se na Federação dos Grémios da Lavoura da Província Litoral uma reunião preliminar dos delegados de Coimbra e Aveiro do J. N. P. P., respectivamente dr. José Maria Guadalupe e Nuno da Cunha Dias, a que presidiu o dr. Fernando de Mello Costa e Almeida, presidente da direcção da Federação, e que visou precisamente conjugar ideias ou sistemas para que a aquisição do gado seja idêntica nas zonas das delegações do J. N. P. P. integradas na área da Federação.

Esta reunião preliminar teve ainda como finalidade preparar uma outra a efectuar, a nível mais elevado, com os Grémios da Lavoura, os seus representantes, na próxima segunda-feira, no Grémio de Coimbra, com a seguinte ordem de trabalhos: necessidade dos balanços; inscrição directa dos produtores nas feiras; representação dos Grémios nos centros de abate para verificação da pesagem e assistência aos produtores.

DIZ-SE NO PARECER DAS CONTAS GERAIS DO ESTADO (1967)

Das cerca de quinhentas páginas do «Parecer sobre as Contas Gerais do Estado de 1967», de que é relator o eng.º Araújo Correia, mais de um quinto são dedicadas às «Receitas Ordinárias». E logo nas «Considerações Gerais» deste capítulo se fornecem importantes dados e pertinentes considerações, parte das quais se transcrevem seguidamente.

• O maior aumento de sempre nas receitas ordinárias

O aumento de 2 954 100 contos nas receitas ordinárias, o maior verificado na Conta Geral do Estado desde sempre, foi devido, fundamentalmente, à receita dos impostos indirectos, que subiu para \$ 155 000 contos. Este capítulo acusa um acréscimo de 1 844 700 contos, proveniente, em grande parte, do imposto de transacções.

Mas outros capítulos orçamentais melhoraram as suas receitas, embora por somas muito menores. De tudo resultou o aumento nas receitas ordinárias soma indicada, o que, indirectamente, trouxe um excesso de receitas ordinárias sobre idênticas despesas de quase 7 milhões de contos. Ninguém poderia prever tão grande excesso.

• Profundas alterações necessárias

É evidente não terem sido apenas as receitas ordinárias a causa de tão grande soma, como adiante se verificará ao

estudar mais demoradamente o assunto. Até certo ponto, tão grande excesso deriva também de insuficiências nas dotações orçamentais da despesa.

Toda a máquina do Estado necessita de profundas alterações que permitam trabalho mais útil e acabem com atrasos sérios e insuficiências perniciosas em muitos serviços. Alterações substanciais, com tendência para melhor produtividade, provavelmente, proporcionarão, naturalmente, aumento nas despesas, até no caso de ser imposta, como preciso, redução sensível no número de unidades.

Melhorias nas despesas de guerra podem facilitar uma reorganização racional de todos os serviços do Estado.

• Verbo, fora de Conta

A Conta Geral pode trazer confusão sobre a carga tributária.

Na verdade, as receitas ordinárias, ou como tal consideradas, são muito maiores do que as acusadas na Conta. Não é, porém, função de pareceres avaliar essas re-

ceitas e sobre elas emitir uma opinião crítica. Mas conviria apurá-las todos os anos.

Andam fora da Conta verbas como as do Fundo de Desemprego, algumas do Fundo de Abastecimento, todas as da previdência, muitas dos organismos de coordenação económica e algumas do Fundo de Turismo. Vão longe os tempos áureos dos princípios financeiros em que se baseou toda a obra dos últimos trinta anos, e não se pode dizer que os desvios conhecidos tivessem sido salutares para a governação pública.

Haverá grandes vantagens em repromover a unidade orçamental, especialmente num momento em que a despesa sobe a passos largos e em que é indispensável reformar os serviços num sentido progressivo.

• Desfasamento excessivo

Costuma ser muito grande o desfasamento entre as receitas orçamentadas e cobradas, mas esse desvio atingiu, pela primeira vez, a soma de 3 milhões de contos, o que é excessivo. Provavelmente, a acatuação do desvio provêlo de grandes receitas no imposto de transacções.

CRUZEIROS CVR (III e IV)

Conheça, Viva, Realize-se

Lisboa - Casablanca - Tenerife - Las Palmas - Lisboa

De 12 a 18 de Junho

Paquete «MOÇAMBIQUE»

Saída de Lisboa a	12 de Junho
Estadia em Casablanca a	13 de Junho
Estadia em Tenerife a	15 de Junho
Estadia em Las Palmas a	16 de Junho
Chegada a Lisboa a	18 de Junho

Preços desde 1 900 000

Lisboa - Barcelona - Palma de Maiorca - Gibraltar - Lisboa

De 25 de Outubro a 1 de Novembro

Paquete «MOÇAMBIQUE»

Saída de Lisboa a	25 de Outubro
Estadia em Barcelona a	27 e 28 de Outubro
Estadia em Palma de Maiorca a	29 de Outubro
Estadia em Gibraltar a	31 de Outubro
Chegada a Lisboa a	1 de Novembro

Preços desde 1 900 000

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

RUA DO COMERCIO, 85 — Telef. 310011 — LISBOA
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 63 — Telef. 22430 — PORTO

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

concurso tofa

para selecção dos dois melhores projectos de filme publicitário e de anúncio de imprensa.

O concurso está aberto até 31 de Maio de 1969.

Informe-se pessoalmente nos Serviços de Publicidade da TOFA — Estrada do Carrascal — Linda-a-Velha.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO — «Amar andaluz».
REALIZAÇÃO — Rafael Gil (1968).
INTERPRETES — Car-

men Sevilla, Francisco Rabal, Arturo Fernández.

Uma história de amor é es-
panhola ou, melhor, é anda-
luza, com todos os matadores
e com todos os apetrechos.
Uma história de um amor
rico, belo e não aconselhável
e de um outro pobre, feio e
mas bastante aconselhável.
Colorido. Andaluzia, roma-
rias, vinho e tudo o mais que
adiante quem lá for verá.
Uma realização inexistente (e
porque não?), uma cor muito
espanhola e muito para ibé-
rico ver. Este filme, cuja ve-
deta é a popularíssima Car-
men Sevilla, está em exibição
no Odeon — o local próprio
para filmes deste género.

OS «VINDIMADORES DA VIDIGUEIRA» NA TELEVISÃO

No próximo dia 4 de Maio,
véspera do seu aniversário,
o grupo coral dos «Vindima-
dores da Vidigueira» actua
mais uma vez na R. T. P.,
em programa directo trans-
mitido do Porto. No dia se-
guinte os «Vindimadores» es-
tão em Lisboa, devendo
actuar em «fim de ceia» na
Casa do Alentejo.

VIOLENCIA E REALISMO
IMPRESSIONANTES A PAR
DE UMA ANÁLISE PRO-
FUNDA DE MENTALIDA-
DES EM CHOQUE!

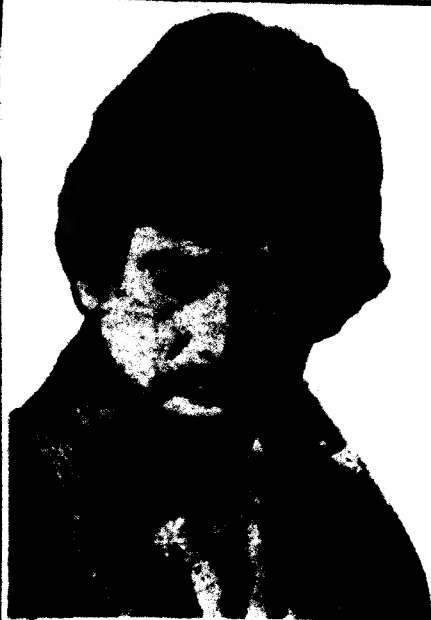


ESTREIA

HOJE
AS 21,45

AVIS

FILMES OCIDENTE
(ADULTOS)



EASTMANCOLOR

DELTA SCOPE

TOMAS MILAN • ANITA EKBERG

CLAUDIO CAMARGO

DINAMITE... ARMAS...
LUTAS TRAIÇOEIRAS...
PERIGOS INFERNAIS...
NA MAIS ESTRANHA
E ENCARNICADA
CAÇA AO HOMEM
ATÉ HOJE
VISTA!



MARTIN MILNER

CLU GULAGER • KAREN JENSEN • LINDEN CHILES • DON QUINE

UNIVERSAL
SONORO FILME

HOJE

EMOCIONANTE ESTREIA
COLORIDO — Maiores de 12 anos

POLITEAMA

3ª SEMANA

...E CONTINUA:

"A FESTA"

(THE PARTY)

NO CINEMA

SÃO JORGE



Peter Sellers



«A FESTA»... É FESTA!... E É TAMBÉM, O MAIS
HILARIANTE ESPECTÁCULO DA ACTUALIDADE

«A FESTA» É PARA ADULTOS

MARISCH CORPORATION apresenta
BLAKE EDWARDS como Produtor, Realizador
e autor de argumento

COLOR by DeLuxe
«PANAVISION»

Vasco Morgado apresenta

TEATRO VILLARET

(ADULTOS)

A PREGUIÇA

HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h

5.º MÊS DE ÊXITO

UMA COMÉDIA POPULAR

SÓ ATÉ DOMINGO

com **RAUL SOLNADO**

Direcção de

MARIA HELENA MATOS



FERNANDA
BORSATTI
(a mãe)

ALINA
VAZ
(a mulher)

MÁRIO
JACQUES
Relações
Públicas

ANTÓNIO
MONTEZ
(o colega)

DAVID
SILVA
(o pai)



AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «Um Império na selva»
Produção — Americana
Realização — Frank Price
Interpretes — Martin Milner, Chi Guler e Karen Jean-son
Gênero — Aventura
Distribuição — Universal — Sonoro Filme
Processo — Colorido
Classificação — 12 anos

No Aviz

Título em português — «História de um assalto»
Produção — Italiana
Realização — J. Balzarar
Interpretes — Tomas Millan, Anita Ekberg e Claudio Camaso
Gênero — Aventura
Distribuição — Filmes Ocidentais
Processo — Eastmancolor
Classificação — 17 anos

No Estúdio 444

Título em português — «Falemos de mulheres»
Produção — Italiana
Realização — Lina Manfredi
Interpretes — Margaret Lee, Luciana Paluzzi, Milena Vukotic e Patricia de Clara
Gênero — Comédia
Distribuição — Talma Filmes
Processo — Preto e branco
Classificação — 17 anos

CAPITÓLIO

Teat. 370879
 AMANHÃ AS 21.45 H
 M/ 17 anos

EQUILIBRIO INSTÁVEL

de Edward Albee
 Tradução de
 Fernando Freire
 Sábado e Domingo
 Tarde às 6 horas



Gabriel dos Santos e Maria da Nazaré Santos: os vencedores do concurso «O Fado Mora em Lisboa». Ao lado, o fadista Manuel Dias

O Fado Mora em Lisboa

A revista «Plata» abriu concurso entre os seus leitores para a descoberta de novos valores da canção nacional nos bairros de Lisboa. A iniciativa denominou-se, precisamente, «O Fado Mora em Lisboa» e do seu êxito falamos, ao por si, as duas centenas de concorrentes inscritos.

Os trabalhos dos sucessivos eliminatórios realizaram-se nos passados meses de Fevereiro e Março, na Sociedade Rodrigues Cordeiro, perante um júri formado por Carlos Conde e Martinho Bevilá e pelos fadistas Ivette Pessoa, Manuel Dias e António Rocha, que estavam em sérios apuros para escolherem os finalistas. Maria Júlia Lopes Alves, Maria da Nazaré Santos, Judite de Jesus Teixeira, Gabriel dos Santos e Hermínio da Silva.

A Adega Machado serviu de palco ao epílogo desta iniciativa.

Os concorrentes prestaram as suas provas como se de verdadeiros artistas profis-

sionais se tratasse — arrojando com muitos nervos, mas dando excelente conta de si.

Foram proclamados vencedores Maria da Nazaré Santos (15 anos, com excepcional dons vocais) e Gabriel dos Santos (31 anos, senhor de um estilo pessoalíssimo e um sincero cunho dramático em cada verso que canta).

Além de taças, ganharam o direito de gravar um disco comercial para a etiqueta «Ofra» e, ainda, a obtenção gratuita da carteira profissional, de que se ocupará a «Plata», chamando a si as despesas inerentes.

Todos os concorrentes finalistas receberam, ainda, em oferta da Agência Portuguesa de Revistas, rádios transistorizados e volumes com uma grande parte das 52 edições mensais da popular editorial.

A COMÉDIA «PEPSIE»

DENTRO DE DIAS

NO «LAURA ALVES»

Proseguem em bom ritmo os ensaios da comédia «Pepsie», um original de Pierrette Bruno, numa tradução de R. Lobato de Faria, com encenação de Jacinto Ramos, que actuará também num dos principais desempenhos. A seu lado, estarão os jovens Irene Cruz e João Lourenço e, ainda, Graça Lobo e Luís Pinhão.

«Pepsie» é uma comédia deliciosa, agradável e picaresca, mas sem grossaria. Muito em breve, estreia no moderno teatro «Laura Alves».

ABC

Às 20.45 e 23 horas
 DOMINGO
 TEL. 267 45-MATINEE
 (ADAPTAÇÃO) às 16 horas



Eles é que sabem

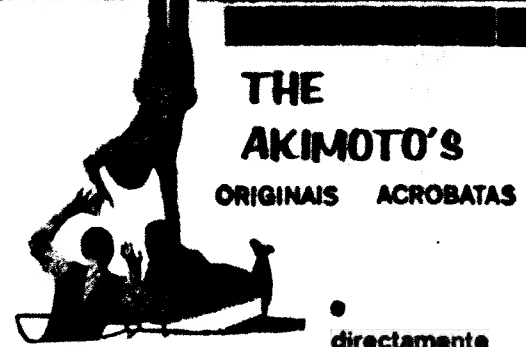
REVISTA com Irene Silva, Nélson Freixo, Margarida Mago, José de Castro, Nélson Silva, M. Chagas, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

Novo CASINO ESTORIL



apresenta HOJE em estreia

MADALENA IGLESIAS



THE AKIMOTO'S ORIGINALS ACROBATAS

directamente

da Broadway 'ÇA C'EST L'AMOUR'



produção de

PIERRE FRANCK PERRY MC CANN

SEGUNDO GALARZA e seu conjunto
 FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

o mais novo conjunto de J. Jirina e seu grupo

Nadja Nadlova só no wonder bar

No CINEMA, às 17 e 21 e 23

OS TEUS, OS MEUS E OS NOSSOS (M/ 12 ANOS)



um filme para ADULTOS

falemos de HOMENS

A COMPLETA DISSECAÇÃO DO HOMEM PELOS PROCESSOS MAIS FEMININOS!

com MARGARET LEE
 LUCIANA PALUZZI
 MILENA VUKOTIC
 PATRICIA DE CLARA

em que a vítima é NINO MANFREDI

num filme de LINA WERTMULLER

ESTREIA

HOJE AS 21.45

estúdio 444

MARIA VITÓRIA • NO TEATRO DOS EXITOS

O ENORME ÊXITO DE UMA REVISTA!

GRUPE BASTOS e VASCO MORGADO, apresentam:

MÃOS À OBRA!

Escrita por ANÍBAL NAZARÉ, SALVADOR e JOSÉ VIANA, com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

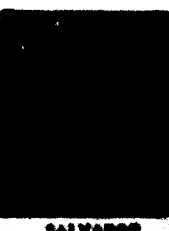
UM GRANDE ELENCO COM:

DOMINGO «MATINEE» AS 16

SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA

Miz • Anita Guerreiro • Dora Lail • Vitor Mendes
 Mariana Franco • Helena Cardozo • Vitor Espinalha
 e a orquestra francesa MAY AVRIL com Alberto Gonçalves

Às 20.45 e 23 horas
 TODAS AS NOITES DUAS SÉRIES
 Às 23 horas



SALVADOR

Um espetáculo que dignifica o Teatro de Rua

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Lapa, Matadouro, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhosa, Estação da Boavista, Praça Margalida de Fomel, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, S. João e Antas, a partir das 19 e 20, e na Tabacaria da Boavista, perto do Aeroporto em Foz de Arelim, a partir das 20 horas.

VIDA MUSICAL

Karine Georgian (Prémio Tchaikowsky) pela primeira vez em Lisboa

Poucas semanas após ter revelado ao público de Lisboa o maior pianista da actualidade (Sviatoslav Richter) o Tivoli anuncia a apresentação de um dos maiores talentos violoncelísticos da nossa época. Assim, depois de Nova York, Londres, Paris e Berlim, Lisboa vai conhecer, hoje, às 18 e 30, Karine Georgian, a jovem intérprete que no famoso concurso Thalkowsky, de Moscovo, perante dezenas de concorrentes de vários países, surpreendeu o júri do concurso desde a primeira prova, ao ponto de obter o 1.º Grande Prémio, por unanimidade — o que raríssimas vezes acontece. Rostropovitch, que estava presente, afirmou: «A cada excelente, técnica mag-

nífica; raras vezes o temperamento artístico, o lirismo acompanham essa técnica num mesmo artista». Não menos expressivas foram as palavras de outro célebre violoncelista (Gregor Piatigorsky). Por ocasião da sua estreia nos Estados Unidos, o crítico do «New Yorker Magazine» disse: «o seu canto largo e expressivo, o seu virtuosismo estão muito acima do comum». Na Suécia, não menos exuberante foi o acolhimento dispensado a Karine Georgian: «O auditorio foi surpreendido de tal maneira que os aplausos não terminavam».

No seu programa de estreia em Portugal, a jovem violoncelista tem a colaboração em piano de Vladimir Kralnev (1.º Prémio do Concurso Viana da Mota), num excelente programa que contém as «Variações sobre um tema de Flauta Mágica» (Beethoven), a sonata n.º 2, em fá maior (Brahms) e a sonata op. 19 de Rachmaninoff.

VEIO A PÉ DE ZURICH (2493 QUILOMETROS)

PARA ASSISTIR AO JOGO PORTUGAL-SUIÇA

Perseverou a pé 2493 quilómetros (exatamente a distância que separa Zurich de Lisboa), para assistir a um desafio de futebol. Esta foi a pressa que cometeu o cidadão suíço Emile Holliger, que somaria 51 anos em 3 de Setembro próximo e é operário de uma fábrica de vidros.

Emile chegou ontem à tarde à capital portuguesa depois de atravessar a França, a Espanha e Portugal, onde entrou pelo posto de fronteira do Calva na dia 13 de Abril, levando apenas três dias de Elvas a Lisboa.

Aliás não é esta a primeira façanha deste caminhante voluntário. Já assistiu aos jogos da selecção

de futebol do seu país no último «mundo», em Inglaterra, utilizando o mesmo processo de deslocação: a marcha. Agora este calcureador das estradas europeias levou trinta e sete dias na viagem, pois partiu de Zurique no dia 8 de Março às 17 e 50 conforme certifica o carimbo apostado pela polícia helvética no livro de «contrôle» que exhibe.

• Neve em Espanha

A travessia da França foi feita em onze dias (entrada por Saint Laurent du Pont em 15 de Março e saída a 26 do mesmo mês) entrando em Espanha por Junquera.

— «Aqui passei muito frio — disse-nos o incan-

sável caminheiro —. Entre Saragoça e Madrid encontrei neve com mais de dez centímetros de altura.

Emile Holliger teve na viagem um ligeiro contratempo. O carrinho de bebé onde transporta a bagagem e que ostenta o reclame de uma fábrica de calçado (ele não o diz, mas deve ser a patrocinadora da viagem) sofreu uma «panne» e teve de ficar em Mérida.

Houve que proceder a uma substituição e este sulco de boas pernas e pulmões (e miolos?) chegou a Lisboa empurrando um saco de compras com rodas, daquelas com que as senhoras vão ao mercado.

• Fanático do futebol

A razão da viagem? Bem, nem a próprio Emile Holliger sabe explicar. Apenas a justifica como consequência de ser «um fanático do futebol».

Também irá ao México? — «Atencion — E depois num francês germanizado: — *Nou, E Portugal quem vai classificar-se nesta série.*

Hoje porém o nosso ho-

Emile sobe a «cambrea» da estação do Marquês de Pombal, com um carrinho de compras

mem fará a viagem de regresso mas não a pé. De avião, que é mais rápido e menos cansativo.

Mas nestes três dias de marcha pelas estradas portuguesas já foi o bastante para afirmar: — «Portugal. Oh! Jolie.»



Frigorífico

PHILIPS



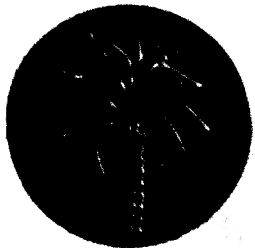
MM2425
275 L

UM OÁSIS EM SUA CASA

O frigorífico que cabe na sua cozinha e no seu orçamento. Pequeno por fora, enorme por dentro. Nove modelos à sua escolha. Em todos eles a qualidade, o serviço e a garantia de uma marca famosa em todo o Mundo. Entre outros salientam-se as seguintes características:

- Economia de espaço e de consumo.
- Conservação ideal e por longo tempo dos alimentos.
- Distribuição racional e regular da temperatura desejada.

A refrigeração nos modelos «Comb», de duas portas, faz-se pelo sistema F-H (Frio Húmido) que não permite a desidratação dos alimentos e dispensa a descongelação.



MM2400 - 160 L | MM2401 - 185 L | MM2402 - 190 L | MM2403 - 200 L | MM2404 - 220 L | MM2405 - 240 L



O suíço andrillho ao representante do «Diário de Lisboa»: «É muito simples: queria ver jogar a selecção do meu país em Lisboa, e vai daí meti pé ao caminho e cá estou»

«PORTUGAL E O OCIDENTE» — TEMA DA SEMANA DO ULTRAMAR QUE COMEÇA NA SEGUNDA-FEIRA

O sr. Presidente da República preside, na segunda-feira, na Sociedade de Geografia, à abertura solene da «Semana do Ultramar», que este ano se celebra sob o tema geral «Portugal e o Ocidente». É orador o sr. almirante Sarmiento Rodrigues, que abordará aquele tema.

A sessão de encerramento realizar-se-á em Santarém, no dia 24, integrada nas comemorações do centário da cidade. Presidirá o ministro do Ultramar, sendo ora-

dor o sr. prof. dr. João Ameal.

A «Semana do Ultramar» será ainda comemorada nas unidades militares, Legião Portuguesa, Camaras Municipais, organismos corporativos e estabelecimentos de ensino oficial e particular.

Para proporcionar aos vários oradores alguns elementos sobre o tema escolhido, a Sociedade de Geografia editou um pequeno livro de autoria do sr. prof. dr. Nuno Coimbrão, catedrático do I S C S P U, que tem por título «Portugal no Ocidente».

Aprovada a revisão de salários do pessoal camarário de Coimbra

COIMBRA, 17 — Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng.º Araújo Vieira, fez uma importante comunicação constituída por um estudo sobre a revisão de salários do pessoal eventual dos Serviços Municipalizados, e que já fora aprovado, no dia 1, em reunião do Conselho Municipal.

Diz-se que a última revisão foi feita em Maio de 1966, e que daí para cá se verificou uma evolução constante nos preços da mão-de-obra, fenómeno relacionado com a contínua diminuição do poder de compra, além de que a escassez de pessoal qualificado tem agravado os salários.

Fez o orador diversas considerações sobre o fenómeno — desvalorização monetária generalizada, manutenção do agregado familiar — e afirmou que, por isso, a elevação dos salários se apresenta como uma tendência lógica na presente conjuntura, pois quem trabalha tem direito a um salário que lhe permita manter-se e ao seu agregado familiar, num progressivo e razoável nível de vida.

Diz-se, ainda, o presidente que se devia, no interesse de todos, concretizar esse objectivo e dar melhoria de situação económica áqueles que empregam o seu esforço. Quando foram actualizados os salários — afirmou — não houve dificuldades na admissão de pessoal, enquanto hoje os de fora não procuram os serviços camarários e parte dos que trabalham nos mesmos abandonam os seus postos, procurando na actividade privada melhores condições de vida.

Fez o sr. eng.º Araújo Vieira uma análise da preparação de operários nos Ser-

viços Municipalizados e das providências que têm sido tomadas para manter um bom pessoal, pois os serviços não podem ser bons se o não for, também, o pessoal. Acrescentou que a revisão de salários acarreta um aumento de despesa na ordem dos 2800 contos, mas permite, também, que se possam pedir ao pessoal mais algumas sacrifícios, embora tudo se faça para que este agravamento não atreze, por enquanto, os sistemas tarifários actuais.

A revisão de salários foi, depois, aprovada.

Construção de uma fonte luminosa

Foram, ainda, adjudicadas empreitadas de obras, entre as quais a construção da fonte luminosa na Praça Salazar, cujo projecto ficou aprovado e que importará em 168 contos.

Depois de nova intervenção do sr. eng.º Araújo Vieira, em que deu conta do encontro com o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, sr. dr. Azeredo Perdigão, a quem apresentou o anteprojecto do novo edifício da Biblioteca Municipal, informou que o pedido de auxílio teve a melhor aceitação, e que vai ser feito o projecto definitivo e que será apresentado o orçamento da obra ao presidente da Fundação Gulbenkian.

Por fim, o vereador sr. dr. Viriato Namora apresentou um circunstanciado estudo sobre os resultados práticos da aplicação do imposto de trabalho, demonstrando que, afinal, se colhem mais prejuízos do que lucros, pelo que propôs para se obter a informação sobre a possibilidade legal de cancelar a cobrança desse imposto e,

se essa possibilidade existir, que esse cancelamento produzisse imediatamente esses efeitos, proposta que foi unanimemente aprovada.

VIA A TELEVISÃO E ARDIA-LINE A FAZENDA

SATÃO, 17 — O sr. José Carlos de Gouveia e Sousa acabou de ver televisão a meio morto de sono, fôlego daltir. Ele se não quando acordam violentamente pois, enquanto via televisão, ardia-lhe a serração do Perelro, de que é proprietário e onde enterrara para cima de mil contos de melhoramen-

tos. Naquela serração trabalhava mais de meia centena de operários e empregados, quase todos bastante novos, pois os adultos tomaram quase todos o caminho da emigração.

Ao incêndio não escaparam os fios telefónicos, pelo que se dirigiu a Viseu o filho do proprietário da serra-

ção, a pedir os socorros dos Bombeiros Municipais e Voluntários.

A secção de cerâmica, com os seus dois andares, foi totalmente devorada pelo fogo que, felizmente não atingiu a serração propriamente dita. Mesmo assim, os prejuízos ascendem a mais de 700 contos.

...E AS VITÓRIAS MORRIS CONTINUAM!...



CAMPEONATO NACIONAL DE RALLYES

RALLYE DE VISEU

VENCEDOR ABSOLUTO
ENG. HEITOR DE MORAIS

EM MORRIS COOPER'S.

A. M. ALMEDA, S.A.R.L.

Lisboa — Av. da Liberdade, 11 / Av. 8 de Outubro, 108
R. da Escola Politécnica, 38
Porto — Rua 84 da Bandeira, 501

SPQS 88.5



Artes plásticas

Julio expõe em Lisboa

Julio — um artista que desde a «Presença» (a cujo grupo pertenceu, e em cujas páginas se revelou) tem sempre revelado uma inconfundível personalidade criadora, quer como plástico, quer como poeta — Julio volta a expor em Lisboa: esta tarde na Galeria do «Diário de Notícias» é inaugurada uma exposição de desenhos e monotípicas.

Julio (Maria dos Reis Pereira, engenheiro civil, de 66 anos de idade, regressa assim ao convívio do público interessado de Lisboa, que decerto não deixará de acorrer a apreciar as criações do artista plástico que é ao mesmo tempo o poeta Saul Dias: e entre um e outro quase não existem fronteiras, acontecendo ser o mesmo o pequeno mas significativo universo da obra de ambos, feita, como diz um dos seus versos, de «tanta de quase nada», e também de «imagens desvalradas» e o quotidiano ingenuamente descrito.

E se, como têm notado quantos se interessam pela sua poesia, esta se caracteriza por uma delicadeza e pureza de expressão que levam a uma depuração excepcional uma linha poética que vem directamente de Camilo Pessanha, sobretudo os seus desenhos — como escreveu Jorge de Sena — reflectem esta mais relevante característica da obra poética: mas esta e outras características da sua obra poética e da sua criação artística

brutalidade de traços que é inseparável, e como que o suporte de uma quase complacência cénica, de uma melancólica e sonhadora malícia sarcástica.

Portanto, a partir da tarde de hoje e até ao fim do corrente mês, desenhos e monotípicas de Julio na Galeria do «Diário de Notícias».

Exposições de arte sacra em Leiria

LEIRIA, 17 — A Comissão Regional de Turismo vem promovendo já há anos, na sua Galeria de Arte, na época pascal, exposições que evocam, por meio de diferentes figurações de arte, o triunfo de Cristo sobre a Morte.

Tivemos oportunidade para meditar sobre a expressão mais positiva do Mistério Pascal, de ver ali exposições quadros dos Museus de Arte Antiga e de Machado de Castro, dos Paços do Ouvidor Velho, sem «edifício da Mater Dolorosa e de crucifixos; e, depois, foi-nos dado apreciar valiosos documentos de Registos de Santos, todos devotadamente emoldurados, a maioria do século XIX. Trinta e oito peças, pertencentes a duas colecções particulares, mensageiras de um valor humano espiritual do que foi guardado, vivo e palpante, de geração em geração, num recolhimento religioso, como se fosse um acontecimento de páginas dum «Flos Sanctorum» em omnipotência de Deus e de sublimidade dos Santos que edificam a sua doutrina.

A exposição foi muito visitada e filmada para a TV.

Os Jogos Florais da Emissora Nacional

Os poetas e prosadores portugueses que queiram concorrer aos Jogos Florais da Emissora Nacional, deverão, até ao dia 10 de Maio, entregar os seus originais dentro de um sobre-crito que, por sua vez, conterá um outro sobre-crito lacrado com o verdadeiro nome e morada do autor.

Só serão abertos os sobre-critos lacrados correspondentes aos trabalhos classificados. Os originais em verso não deverão exceder 3 páginas em papel vulgar de máquina.

Poderão ser apresentados os seguintes tipos de trabalho: em prosa, a) teatro radiofónico com a duração de 20 a 40 minutos; b) palestra radiofónica com a duração de 5 a 10 minutos; c) diálogo humorístico, com a duração de 10 minutos; d) monografia de uma freguesia (Ultramaria ou Metrópole), com extensão máxima de 50 páginas; e) conto relativo a experiência militar, reservado a quem tenha desde 1961 servido campanha na Guiné, Angola ou Moçambique, com a extensão de 10 páginas.

Em verso, a) poesia heróica; b) poesia lírica; c) quadra popular; d) poesia alusiva ao Algarve.

Ao melhor soneto em qualquer das alíneas a), b) e c) será atribuído prémio especial.

BINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua dedicacão nã-lha os combates eléctricos.

ora diga-nos...

— Gosta de estudar ao ar livre?

Os exames aproximam-se. O estudo intensifica-se. Os cafés, cortas cafés, estão cheios de estudantes. Mas há outros que não gostam dos cafés. E passeiam ao ar livre, em jardins, parques e esplanadas. Ennos preferem o ar livre. Para estudar...



● **Afirmou-nos a seguir o sr. Vitor Arlindo Marques, Ricardo:**

— Sem duvida nenhuma que sim. É bastante bom. Porque aprecio muito este ambiente. Uma vez vou para jardins publicos, outras para parques. É claro que muitas vezes há coisas que nos distraem. Olhe, as pequenas, por exemplo. Mas, no fundo, são apenas uma pausa. Depois, o trabalho ao ar livre rende muito mais.



● **Por ultimo disse-nos o sr. Destino Fernandes:**

— Sim senhor. Gosto muito de estudar ao ar livre. É um prazer fazê-lo entre árvores, com pássaros, por vezes, a chilrear e crianças a brincar. De manhã bem cedinho uma pessoa a estudar ao ar livre é das melhores coisas que pode suceder. Gosto muito de estudar ao ar livre, pronto!



● **Respondeu em primeiro lugar a nossa pergunta de hoje o sr. Vitor Fernando da Silva Almeida, que nos disse:**

— Sim. Gosto de estudar ao ar livre. Porque? Porque aprecio a tranquillidade, o sossego, e... o ar livre. Parece que me ajuda a concentrar, a fixar melhor aquilo que tenho de estudar. Sem duvida que gosto de estudar ao ar livre. E é pena que outros não experimentem. Há coisa melhor que este sol?

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 17 — (A. N. I. e L.) — É o seguinte o texto do boletim informativo das Forças Armadas na Guiné relativo ao período de 7 a 13:

«Durante o período, o inimigo flagelou os aquartelamentos de Cabuca, Falcunda, Quileje, Canjambari, Camacunda, Cacine, Nhami Cabucu, Manpatá e Enchele e implantou engenhos explosivos na estrada de Buba-Aldéa Formosa, na região de Saradibane. Buba, estrada Piche-Ponta Caum, na região de Sorimone, Bissau, na estrada Tite-lumbe e ponte sobre o rio Pulom Xitole e na região de Bissau armou emboscadas às nossas tropas na região de Cutia e Dandomandinga (Farim).

Em resultado das acções realizadas pelas nossas forças, o inimigo sofreu, na região de Bissau — Somadecima — Tita — dois mortos, dois capturados e a apreensão de documentos diversos; na estrada de Bula-Binar, um morto e a apreensão de material diverso; na região de Sansanto, a apreensão de documentos diversos; na região de Burne (Telxela

Pinto), um morto, e na região de Saradibane (Buba), o inimigo, em movimento, foi surpreendido pelas nossas tropas, que infligiram onze mortos e apreenderam, em combate, 21 espingardas automáticas.

No conjunto das acções levadas a efeito, foram recuperados nove elementos da população.

Durante o período, o inimigo sofreu 15 mortos e 2 capturados. As nossas forças sofreram um morto em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados aos órgãos de informação.

Em Angola há 67 anos visita a Metrópole pela segunda vez

OLIVEIRA DO BAIRRO, 16 — Está a ser preparada, nesta vila, uma recepção ao sr. José Duarte Teixeira que tem 85 anos e há 67 vive em Angola.

O sr. José Duarte Teixeira, natural desta freguesia foi agora distinguido com o prémio Governador-Geral de Angola. Colono dos mais antigos desta província, fundou, em 1913, a vila de Bela Vista, no distrito de Huambo. Há anos, foi condecorado com a comenda de Mérito Agrícola e com o grau de cavaleiro da Ordem do Império.

Durante a sua longa estadia em Angola é esta a sua segunda visita à Metrópole.

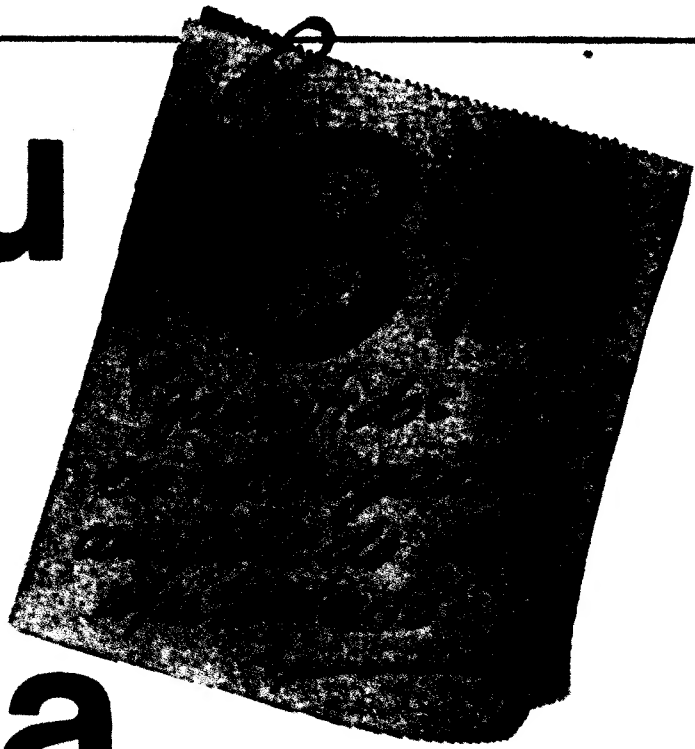
CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em prazos protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

O seu capital pode ser ainda mais rentável



Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.

Apartmentos desde 230 a 990 contos.

Informações:

Lisboa—Av. Duque de Loulé, 66-A, Telef. 51748 e 54479

Algarve—Hotel Golfinho
Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos

Praia de Alvor
Telef. 1324 e 428 de Portimão



VIVER ATÉ UM DIA...

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 30 anos de progresso. O **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO** marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA** a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar exclusivamente para si **UM NOVO SEGURO DE VIDA** adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o **CUPÃO** (abaixo). Receberá, completamente **GRÁTIS** e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**.



A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62 — Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o **SEGURO DE VIDA POR MEDIDA**.

NOME _____

ENDEREÇO _____

IAO SEU SERVIÇO



IMPÉRIO
a sua seguradora



Carlos Paredes e Fernando Alves foram á sede do Clube dos Publicitários para um agradável momento de convivência, de que damos esta imagem

AVENTURAS DE 2 RAPAZES NUM AUTOMÓVEL ROUBADO

LISBOA, 17 — Pela calçada da noite, passou em Cimo de Vila, lugar pacato, José Rocha Nunes Carlos, de 17 anos e viu á porta do comerciante local sr. João da Mata Visinho um automóvel estacionado. Sem carta, nem prático de condutor, entrou no carro, que estava aberto e pô-lo em marcha, de passeio, pelas Gafanhos, Barra, Aveiro, Coutada, sofrendo neste lugar um prejuízo do qual se livrou a custo, seguindo, depois, para Ermida onde arrendou um companheiro, Silvário Marques Correia de 18 anos e lá foram para Vagos,

numa passeata nocturna. Aqui, porém, faltou-lhes gasolina, que meteram numa bomba daquela vila, entrando um com 5000 e outro com 4800, que era o que possuíam. A saída daquela vila, o carro avariou-se e então, com a ajuda dum trabalhador meteram o veículo no caminho que segue para a Senhora de Vagos e desapareceram.

O dono do carro participou o caso á G. N. R., que conseguiu apenhar os dois aventureiros, os quais vão ser entregues ao tribunal.

A PROECÇÃO INTERNACIONAL DO BANCO TOTA-ALIANÇA

GENEVA, 17 — O Banco Totta-Alliança tornou-se accionista do Etablissement Financier de Placement, sociedade recentemente constituída em Genebra pela Chaterhouse Japhet and Thomasson Limited, que realizará operações financeiras quer no mercado do dinheiro a curto prazo, quer no mercado internacional de obrigações. Os outros accionistas são: The Standard Bank, Ltd., a firma F. Van Lanschot, o Banco Di Napoli e o Banco Alexandre de Saint-Phalle & Cie.

O Banco Totta-Alliança fará parte da administração desta sociedade suíça.

Necrologia

FALECIMENTOS

**D. Maria da Conceição
Pinto Fernandes**

Faleceu a sr.ª D. Maria da Conceição Pinto Fernandes, de 79 anos, viúva, natural de Caparica concelho de Almada

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 16 horas, da Igreja de São Domingos de Rana para o cemitério local, após missa de corpo presente.

FUNERAIS

**João Miguel Alves
da Cunha e Silva**

Para o cemitério do Alto de São João, seguiu esta tarde o funera do sr. João Miguel Alves da Cunha e Silva, chefe de secção da Direcção-Geral de Cultura Popular e Espectáculos

O extinto, natural de Lisboa, contava 58 anos e era casado com a sr.ª D. Maria de Lurdes Nunes Rocha da Cunha e Silva, também funcionária da Secretaria de Estado de Informação e Turismo e pai do estudante José Alberto Rocha da Cunha e Silva

Alvaro Santana

ESTREMOZ, 17. — Realizou-se hoje o funeral do sr. Alvaro Santana, de 78 anos, secretário de Finanças, aposentado, natural de Condado-a-Velha e há muito radicado nesta cidade, em cujo cemitério os seus restos ficaram, desde hoje, a repousar. Era casado com a sr.ª D. Maria de Lurdes de Sá Meneses e Vasconcelos Santana, e pai da sr.ª D. Maria de Lurdes de Sá Meneses e Vasconcelos Santana e do sr. Alvaro de Sá Meneses e Vasconcelos, e sogro da sr.ª D. Maria Te-

resa Ribeiro de Vasconcelos Santana. Após missa de corpo presente, na Igreja de S. Francisco, o funeral efectuou-se para o cemitério local.

José António Lourenço

MAHVAO 17 — Na povoação de Galegos, onde residia, realizou-se, após missa de corpo presente, para o túmulo dos combatentes no cemitério local o funeral do sr. José António Lourenço, de 74 anos que, como 1.º cabo do R. 1. 22, tomou parte na primeira Grande Guerra, em França. Era muito estimado por quantos o conheciam, e, por isso, o funeral teve grande acompanhamento incluindo a representação com o estandarte, da L.ª de Combatentes. Possuía a medalha de cobre, com legenda: «Exército Português — França 1917-18.»

O sr. José António Lourenço era casado com a sr.ª D. Joaquina Mendes Lourenço e pai dos srs. João e Manuel e das sr.ªs D. Francisca e D. Teresa e do sr. António Lourenço; e sogro das sr.ªs D. Gertrudes, D. Rosária, D. Júlia, D. Juliana e do sr. José Correia Garção. Deixa sete netos.

**António de Figueiredo
Pinto**

OGANAS DE SENHORIM, 17 — Realizou-se aqui, após missa de corpo presente e com grande acompanhamento, o funeral do sr. António de Figueiredo Pinto, abastado proprietário natural desta localidade e aqui residente, que faleceu em Coimbra. Contava 73 anos, era pai das sr.ªs D. Olga Celeste Pinto da Costa Borges Dinis, esposa do sr. Fernando Borges Dinis, de Vila Franca do Alentejo e D. Branca Maria Figueiredo Pinto Dinis Ferreira, casada com o sr. eng.º

João Dinis Ferreira, de Frelzeda (Guarda), director-geral da Junta de Energia Nuclear.

SUPRACIOS

**Daniel Gregório
Rosa Duque**

Comemorando o 5.º aniversário do falecimento do sr. Daniel Gregório Rosa Duque, que foi regente agrícola da Junta Nacional do Vinho, a sua família manda celebrar amanhã, ás 19 e 15, missa de sufrágio na Igreja de São Nicolau.

Dr. António Pedro Galvão

Por iniciativa de sua família, é celebrada amanhã, ás 12 e 45, na Basílica da Estrela, missa de sufrágio por alma do sr. dr. António Pedro Galvão que faleceu no passado dia 12.

O sr. dr. António Pedro Galvão tinha 42 anos, era natural de Coimbra e deixou viúva a sr.ª D. Anita Salles Lane Galvão

Missa por alma da última rainha de Espanha

A Embaixada de Espanha comunica-nos que, depois de amanhã, ás 11 horas, será celebrada Missa de Requiem, na Igreja de São Roque, sufragando a alma de D. Victoria Eugénia, última rainha de Espanha.

A mesma Embaixada comunica que, nos salões da respectiva Chancelaria, á Rua do Salitre, 1, estará patente um livro de pêsames, durante hoje, amanhã e depois de amanhã.



Diário DO PORTO

Não se cumprem as novas regras do trânsito

A Câmara Municipal elaborou um vasto plano para melhorar o trânsito cittadino, de qual por mais de uma vez nos temos referido. Pela sua envergadura não pode ser posto em prática de uma vez só, e assim, o Município entendeu aplicá-lo por partes, as quais, desde o mês passado que em sessões mensais da Câmara, são aprovadas. Na última sessão foi aprovada a segunda parte.

Entretanto, as disposições que foram aprovadas, praticamente há um mês, só no último sábado entraram em vigor. Mas, passaram-se alguns dias de efectividade dessas disposições, e as col-

ses mantêm-se na mesma. Ora, para que esse vasto plano que se pretende pôr em prática a fim de se solucionar um dos mais cruciantes problemas, tenha os resultados previstos será preciso que, de entrada, ele seja cumprido a rigor. E se não houver, para isso, uma fiscalização justa e atenta, do modo a que todos se habituem a observar o que lhes é determinado, tudo ficará na mesma ou, talvez, pior ainda.

Na realidade, parece que não nos apercebemos ainda do que foi prometido numa reunião especial com a imprensa para a apresentação do referido programa, nem da garantia, noutra conferência da imprensa, do anterior ministro das Comunicações, segundo a qual as entidades respectivas fariam cumprir de justa as novas disposições para se evitar a indisciplina e o pandemónio do trânsito na cidade. Vêem-se, porém, carros estacionados sobre os passeios e em locais absolutamente proibidos; e assestadas a cargas e descargas, feitas de qualquer modo e em qualquer sítio atravessando ou não o trânsito. Enfim, tudo como dantes, mesmo nas ruas e troços já abrangidos pelas novas disposições. E quanto aos semáforos, alguns não funcionam hoje para funcionarem amanhã; e assim o automobilista e os peões nunca sabem quando os mesmos trabalham.

Ocorrências policiais

Queixaram-se na P. S. P. o sr. Carlos Alberto Lopes Marinho, Travessa do Campo Lândo, 154, r/c., porque lhe furtaram da residência um cofre portátil com \$700.000; e a cigana, sr.ª Maria do Carmo Monteiro, de 36 anos, casada, residente no Bairro de Aldoar, contra três sobrinhos, ali residentes, que a perseguem constantemente e a cinco filhos menores, ameaçando-os de morte. Acrescentou, que as ameaças provêm do facto de o seu marido, que está preso, ter assassinado o próprio irmão, pai dos arguidos. Agora, ela, com medo de que os sobrinhos realizem os seus intentos, nem sequer vai ficar a casa.

Concerto musical

Amanhã, às 18 e 30, no Cinema Trindade, actuará o Conjunto de Percussão Siegfried Fink, que veio ao Porto, sob o patrocínio do Instituto de Cultura Alemã. Este conjunto, formado em 1966, tem como director-fundador Siegfried Fink, professor de timbales e bateria do Conservatório Estadual da Baviera. O programa inclui composições de autores modernos espanhóis e alemães e ainda de S. Fink, Telemann e de J.S. Bach.

CAMPIONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

União de Tomar-Benfica

Domingo, 27 de Abril

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um encontro especial de Lisboa a Tomar, e volta, no dia 27 de Abril, por ocasião do jogo de futebol, o jogo de Lisboa a Tomar, no campo de 3000.

HORARIO

Partida de Lisboa (Estádio Apolónia) 9-45 h.
Chegada a Tomar 10-45 h.
Partida de Tomar 19-35 h.
Chegada a Lisboa (Estádio Apolónia) 21-45 h.

Nota: O jogo de Lisboa a Tomar, e o jogo de Tomar a Lisboa, são jogos de Lisboa (Estádio Apolónia).

Inaugura-se no dia 27, no Porto, um parque desportivo de F. N. A. T.

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (F. N. A. T.) inaugura no dia 27, em Ramalde, no Porto, o seu novo parque desportivo.

Nos dias antecedentes à inauguração efectuar-se-á um ciclo de palestras relacionadas com a educação física e as classes trabalhadoras.

Campeonatos Regionais de Iniciados de A. A. Faro

A Associação de Atletismo de Faro promove nos próximos dias 19 e 20, no campo de jogos Romão da Trindade, em Lagos, a disputa do campeonato regional de atletismo de iniciados.

A completar o programa realizam-se também provas extras para juniores, juvenis e seniores.

Farmácias de serviço este noite (5.º turno)

AMEAL, Rua de Amal, 127 (Tel. 4-5530) e SERRA, Praça da Liberdade, 28 (Tel. 2-0463) e COSTA LIMA, Av. de Beato, 555 (Tel. 6-0808) e FALCÃO, R. de Santo António, 61 (Tel. 21366) e INVICTA, R. de Santa, 330 (Tel. 2-212) e LAPA, Rua Antero de Queros, 211 (Tel. 4-0897) e MARTINHO SUCE, Praça Marquês de Pombal, 122 (Tel. 4-0747) e ORDEM DA TRINDADE, Rua de Trindade, 19 (Tel. 2-7423) e RAMOS, Rua de Santo António, 91 (Tel. 6-4955) e SANTA TERESA, P. R. Gomes Figueira, 100 (Tel. 35718) e TERNHEIRO, R. de António, 21 (Tel. 2536) e VAZ TEIXEIRA, SUCE, R. de Vitorino, 16 (Tel. 6820-9) e NACIONAL, R. de L. 26 (Tel. 68088) — Fax

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

TEATROS

ANTONIO PEDRO — As 22: «A Raposa e as Uvas» (17 anos).

CINEMAS

SAO JOAO — As 21 e 30: «O doce sabor do Deserto» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Doutor... Vamos a isto» (17 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «O Profeta» (17 anos).

TRINDADE — As 21 e 30: «O destino das águas» (12 anos).
BATALLA — As 21 e 30: «Quem tem medo de Virginia Woolf?» (17 anos).

OLIMPIA — As 21 e 30: «Quatro noites em Lisboa» (12 anos).
AGUA DE OURO — As 21 e 30: «Oito dias de violência» (12 anos).

ESTUDIO — As 21 e 30: «O amor de pelo quente» (17 anos).

JULIO DINIS — As 21 e 30: «A morte arrebatada» (12 anos).

CARLOS ALBERTO — As 21: «Pecados sem justiça» e «Tempestade no Juncal» (12 anos).

VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Os dois mandamentos» (12 anos).

MURTAVALDES — As 21 e 30: «Homem que não tem» (12 anos).

GALA — As 21 e 30: «Quando digo que te amo» (17 anos).

Amanhã, à tarde

SAO JOAO — As 5 e 30: «O doce sabor do Deserto» (17 anos).

COLISEU — As 5 e 30: «Doutor... Vamos a isto» (17 anos).

RIVOLI — As 15 e 30: «O Profeta» (17 anos).

TRINDADE — As 15 e 30: «O destino das águas» (17 anos).

BATALLA — As 15 e 30: «Quem tem medo de Virginia Woolf?» (17 anos).

OLIMPIA — As 5 e 30: «Quatro noites em Lisboa» (12 anos).

AGUA DE OURO — As 15 e 30: «Oito dias de violência» (12 anos).

ESTUDIO — As 5 e 30: «O amor de pelo quente» (17 anos).

JULIO DINIS — As 15 e 30: «A morte arrebatada» (12 anos).

CARLOS ALBERTO — As 15: «Pecados sem justiça» e «Tempestade no Juncal» (12 anos).

VALE FORMOSO — As 5 e 30: «Os dois mandamentos» (12 anos).

Homenagem póstuma a um dirigente do Sindicato dos Construtores Cívicos

Na sede do Sindicato Nacional dos Construtores Cívicos, foi prestada ontem homenagem póstuma a Adriano Guedes que exerceu funções directivas naquele organismo desde 1940 a Maio do ano passado, data em que faleceu, sendo na altura, presidente da assembleia geral.

Durante a cerimónia, a que assistiram muitos sócios do Sindicato, falaram os srs. Mário Afonso Neves e José do Espírito Santo Silva, respectivamente presidentes do conselho fiscal e da direcção, que se referiram à obra do homenageado.

No final, a sr.ª D. Maria da Graça Guedes descerrou uma lápide que dá o nome de seu marido a uma das salas da sede daquele organismo.

NOVA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE ASPIRANTES A BOMBEIROS

A Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa vai abrir, no próximo mês, uma nova Escola de Formação de Aspirantes a Bombeiro.

A inscrição pode fazer-se a qualquer hora do dia, no quartel actual, ao Largo do Barão de Quintela ou na Rua das Flores, 101, na secretaria da sede.

PNEUS E TRANSPORTES — PROBLEMAS ESTUDADOS NUMA REUNIÃO INTERNACIONAL QUE DECORRE EM LISBOA

Com sessões dedicadas ao estudo dos problemas gerais da indústria de pneus e sua relação com a indústria de transportes e com a economia dos países representados, tem decorrido em Lisboa, no Hotel Ritz, a Reunião Mundial das Empresas Associadas da General Tire, em que participam dirigentes de empresas de dezasseis países. Foi a primeira reunião em que se juntaram os delegados de toda a vasta rede de empresas associadas da General Tire, que abrange a Europa, África, Ásia e América do Sul.

Na primeira parte dos trabalhos, que ontem ficou concluída, participaram os srs. M. G. O'Neill, presidente da General Tire International Co., H. J. Harmon, director da Produção da General Tire International Co., Paul Weisfer, administrador do pelouro técnico relativo ao aperfeiçoamento do estudo e fabrico de pneus da General Tire International, e T. Fahy, administrador do sector de vendas da mesma organização.

A Maibor, associada portuguesa da General Tire Inter-

nacional, esteve representada pelos srs. dr. Miguel Quina, Henrique Malheiro Dias, administrador-delegado, dr. Albert Reynolds, administrador, Jorge Sotto-Mayor e José Manuel Quina, gerentes de Lisboa.

O sr. M. G. O'Neill presidiu à sessão de encerramento da primeira parte dos trabalhos ontem realizada, tendo pronunciado um importante discurso em que analisou a evolução da produção de pneus dentro e fora dos Estados Unidos.

Comparando o mercado dos Estados Unidos com o resto do Mundo, acrescentou que a importância relativa deste último aumentará apreciavelmente até 1972 devendo atingir o dobro do volume correspondente ao mercado norte-americano naquele ano, o que é consequência de cuidada programação que irá ao encontro das previstas necessidades da indústria de transportes.

Os trabalhos continuam hoje e prolongam-se até à próxima terça-feira, com sessões técnicas onde serão analisados os problemas de cada um dos países representados.

ENGENHEIRO OU AGENTE TÉCNICO (civil)

para trabalhar em pré-emprego. Admite-se Fábrika Tijomel — Tomar



BANCO DO ALENTEJO

1875

SEDE EM ÉVORA

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1968

A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 28 DE ABRIL ESTARÁ A PAGAMENTO NA SEDE, FILIAL DE LISBOA E AGÊNCIAS O DIVIDENDO DE 8% REFERENTE AO EXERCÍCIO DO ANO DE 1968.

ÉVORA, 15 DE ABRIL DE 1968.

ECOS

TRAVA-SE nos Estados Unidos uma tenaz batalha pelo poder econômico. O ano de 1968 registou a maior vaga de concentração da pós-guerra. Duas milhas sociais americanas — segundo informam os próprios jornais econômicos estadunidenses — controlam já cerca de 60 por cento da produção industrial. Um porte-voz de Washington foi ao ponto de dizer: não se puser o furo a isto, em breve haverá apenas uns 60 centros de decisões na economia americana. Paradoxalmente, os conglomerados nasceram da legislação anti-truista. E eis que apresentamos Richard Nixon, brande os raios da lei anti-truista contra os conglomerados, temerários campeões da concentração industrial e perigosos técnicos da oferta pública de compra. O presidente dos Estados Unidos procura salvar o papel de árbitro dos grandes negócios que tradicionalmente cabe à Casa Branca. Porém, um novo conceito entra assim em jogo: o da superconcentração. Talvez seja conveniente explicar que as fusões conglomeradas, do tipo de absorção dos filmes Pa-

ramount e de uma mina de zinco pela Gulf and Western, diferem das fusões horizontais (entre empresas do mesmo setor) e verticais (entre fornecedores e clientes). Nixon não podia, de facto, ignorar o perigo de eventualmente resultaria da quebra de um grande grupo, susceptível de arrastar na sua queda toda a economia americana. Nos Estados Unidos a contar com a inflação e onde o aluguer do dinheiro não pára de crescer, Nixon tem de enfrentar, pelo menos, desde já, o grave problema da especulação.

A participação é a palavra do dia. A participação é provável que o próprio general de Gaulle, após a revolução de Maio, haja sentido a sua importância histórica. Teria mesmo, porventura, reconstruído as suas amplas interrogações filosóficas de há vinte anos sobre o lugar do homem nos mecanismos da produção, em suma, aquilo que Servan-Schreiber baptizou de «expostação francesa à nossa época».

Artur Portela tem agora o seu nome numa praça de Lisboa

Acertámos que seria um acto de justiça a Câmara Municipal homenagear, em nome da cidade, a memória de Artur Portela, apaixonado e vibrante cronista de Lisboa, ao celebrá-lo, com festas e expressivas cerimónias evocadoras, o 10.º aniversário da sua morte.

Grande jornalista, cronista fulgurante e emotivo, escritor com um punhado de livros que dão a medida de um admirável talento e da sensibilidade de um artista requintado, ele, repórter extraordinário, que entregou a sua existência a fascinante, e porventura trágica aventura do jornalismo, foi um dos enamorados de Lisboa e as suas reportagens em rajadas de emoção descrevendo dramas e dores anónimas e heróicas ou em rutilantes exaltações em comovidos acentos de simpatia humana glorificando a cidade dos humildes, dos pobres e das figuras eternas da epopeia do trabalho.

Evocámos, então, o saudoso companheiro, figura pro-

eminente na plenitude dos que, com garra e talento, estuam e ousada juventude, acompanhando Joaquim Manoel, o inolvidável fundador do «Diário de Lisboa», deram o prestígio e a projecção a este jornal argumentando a posição que ocupa na imprensa portuguesa. E recordando o extraordinário biógrafo da urbe e asinando na in grãdão desta para com tantos dos que a glorificam, sugerimos a homenagem a Artur Portela, perpetuando-lhe a cidade o nome na sua toponímia. O nosso alvitre teve, desde logo, o apoio de figuras de relevo no panorama intelectual, as quais firmaram uma petição à Câmara Municipal. Desde logo, também, o ilustre presidente da edilidade sr. general França Borges — grande defensor dos valores intelectuais e artísticos da cidade, que muitos serviços lhe deve — se interessou pela questão; e assim, de acordo com a competência que lhe é atribuída pelo Código Administrativo e graças à sua valiosa influência, o burgo paga a dívida de gratidão para com um dos seus maiores cronistas.

A Praça da Quinta do



Brilho, à Estrada do Poço do Chão, será, pela denominação Praça Artur Portela — escritor e jornalista (1901-1958).

É uma praça moderna e agradável, que se situa perto da rua à qual a cidade agradece a sua existência. O nome do Dr. Joaquim Manoel, fundador e primeiro director do «Diário de Lisboa».

O sr. general França Borges, a quem testemunhamos o nosso agradecimento, teve ainda a cativante gentileza de acompanhar o piloto Severo Portela, irmão de Artur Portela, numa visita àquela local onde o nome do grande jornalista evoca, também, um dos que melhor sentiram e souberam definir a alma de Lisboa.

NUNCA COMO HOJE SE ESPEROU TANTO DOS MESTRES E DOS ESTUDANTES

— DISSE O MINISTRO DA EDUCAÇÃO NO ACTO INAUGURAL DO EDIFÍCIO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA A QUE PRESIDIU O CHEFE DO ESTADO

COIMBRA, 17 — Com a presença do sr. Presidente da República, foi hoje solenemente inaugurado o edifício da Faculdade de Ciências e da secção de Matemática. Por esse motivo, a Praça de D. Dinis, onde se ergue o novo edifício, como a antiga Rua Larga, encontravam-se, esta manhã, e a galeonada com mastros e bandeiras, oferecendo um ar festivo a toda a zona da Cidade Universitária.

Um pouco antes das 11 horas, foram chegando à Universidade os ministros da Educação Nacional, da Justiça e das Obras Públicas e o subsecretário desta pasta, respectivamente, sr. dr. José Hermano Saraiva, prof. dr. Mário João de Almeida e Costa, eng. Rui da Silva Sanches e dr. Silva Pinto, que foram recebidos pelo magnífico reitor, sr. prof. dr. António Jorge Andrade de Gouveia, acompanhado do vice-reitor, professores da secção de Matemática, membros do Senado Universitário e secretário. Quando o ministro

da Educação Nacional deu entrada no pátio, os sinos repicaram.

As 11 horas, o sr. almirante Américo Thomas, acompanhado do chefe da sua Casa Militar, general Humberto Pais, e do ajudante de campo, comandante Benedito da Fonseca, chegou à Praça de D. Dinis, num automóvel precedido por batelões da P. T. Na antiga Rua Larga encontrava-se a guarda de honra, constituída por uma companhia a três pelotões, composta por elementos do R. A. L.-2 e C. I. C. A.-4, com bandeira, fanfara e banda de música do R. I.-15, de Tomar, sob o comando do sr. major Rosa Carvalhal.

O sr. Presidente da República, depois de saudar a bandeira nacional, passou revista à guarda de honra e subiu a um estrado, onde assistiu ao desfile em continência pela guarda de honra.

Após esta cerimónia, o Chefe do Estado dirigiu-se para o Paço das Escolas, onde era aguardado pelas entidades acima referidas. A sua entrada no Pátio, os

sinos repicaram, e foi logo o partilhado presidencial do mestre da terra.

O sr. almirante Américo Thomas subiu para as salas da reitoria, onde recebeu os cumprimentos.

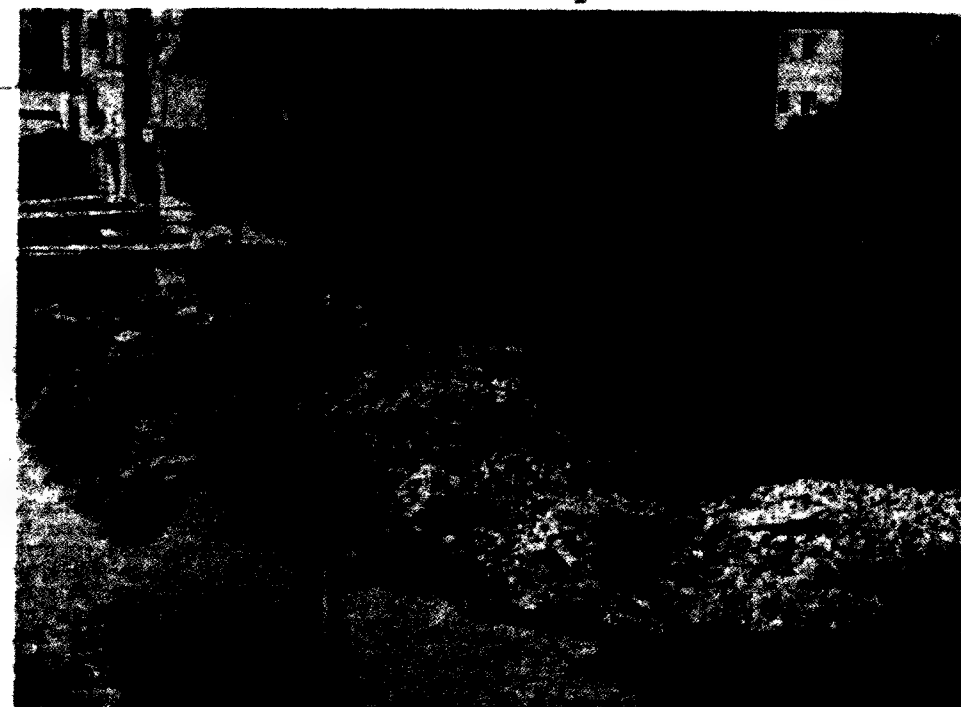
Entretanto, foram chegando ao novo edifício da

secção de Matemática muitas personalidades, entre as quais os srs. dr. Armando Rocha, director-geral da Educação Física e Desportos, eng.º Borlido de Moura, governador civil de Coimbra; eng.º Araújo Vieira, presidente da Câmara Mu-

nicipal de Coimbra; general Vitor de Carvalho, comandante da II Região Militar; eng.º Abreu Porto, presidente do Instituto de Alta Cultura; prof. dr. Barcelos de Carvalho, reitor da Universidade Técnica de Lisboa; padre sr. José Sanches, vice-reitor da Universidade Católica; prof. dr. Evaristo de Sá, vice-reitor da Universidade Clássica de Lisboa; e eng.º Raul Mesquita de Lima, presidente do Conselho Superior das Obras Públicas.

(Continua na 21.ª página)

Será isto uma zona urbanizada?



A gravura documenta o estado actual de uma moderna zona residencial do Paço do Arcos. Lamentável estado, como se pode ver: montes de entulho, cordões e urtigas, em vez de pavimentos e paredes. Isto, como urbanizada? Indica um tipo de desenvolvimento designado Avenida Semelhante aos Navegantes. As casas novas estão lá, mas implantadas no meio de lixo, ervas, pedras e detritos de toda a ordem. Quando é que a Câmara de Oeiras se dispõe a completar (ou começar?) a urbanização desta zona residencial, onde há uma avenida, por acabar e um templo a inaugurar em breve?

PARTOS FELIZES NO «ZOO» — UM CAMELO, TRÊS PUMAS E UM LEOPARDO

O Jardim Zoológico tem novos bebés: um camelo (que mais parece um carneiro), três pumas

(«Olla gatinheira» — dizia um garotito) e um leopardo (já com os dentes de ferozidade).

A camela mãe, muito pacífica ao sol da manhã, não estranhou o «flash» do repórter fotográfico.

Visita às instalações do Banco Total-Aliança

Os alunos da Banca Industrial e Comercial do Município, acompanhados por alguns dos seus professores, visitaram as instalações do Banco Total-Aliança.

Após uma pequena palestra sobre a Banca, os alunos puderam percorrer os departamentos e a P.T.A. (Serviço de Atendimento ao Cliente) onde os alunos puderam conhecer o funcionamento do banco.

Levantou-se, veio até à rede e disse-lhes: — Chamo-me Zaida, já conheço quase todos os leopardos. São pessoas muito curiosas.

— Correu bem o parto, correu...?

— Foi assistida por um veterinário. Correu tudo bem, muito obrigado.

Zaida chamou o filho para as apresentações.

— Aqui tem o rebento — disse. — Ainda não tem nome. Tem de ser um nome drôa, sabe? Talvez Ocho...?

Os pumas recém-nascidos portaram-se muito mal durante a objectiva.

Assustados, recuaram, espreitavam-se mutuamente, arranhavam os dentes.

— Quietos... Nascidos há quinze dias, os pumalinhos ainda não correm e nem se «viciam» curiosos a que o camelo tivesse tido aliado. São meninos birrentos, fugitivos do sol para a mãe puma.

Quando o tratador apareceu com o leopardo há pouco tempo nascido seguro pela cauda, a fim de ser devidamente fotografado, ouviu-se o gemido de três garotitos que visitavam o jardim.

— Ena, pai! O animal com o torção, parecia querer torar, arrancar-se aos sorrisos dos presentes.

Impávido, o tratador erguia-se pela cauda, a modo de brinde à Natureza prodígia de beleza. E, na verdade, era um momento grande: nunca a vida se mostrara tão impetuosa, impaciente, por se sentir agarrada pela cauda...

As festas da Senhora da Saúde

Está elaborado o programa das festas de Nossa Senhora da Saúde e de S. Sebastião, no popular bairro de Mouraria, as quais se iniciam no dia 28, com diversas cerimónias religiosas, prolongando-se até 4 de Maio, dia em que decorrerá a tradicional procissão.

Torre de Babel

por João Medina

AS ILHAS ENCANTADAS

Recordamos primeiro os factos. Em Março passado, o navegador francês Moitessier, à frente num veleiro que já nos parece tão antiquado como o do Lindbergh em Maio de 1927. Voltando a citar a canção de Guy Béart:

passional na província, um tremor de terra na Argélia, uma batalha seguiu no Oriente, um golpe de Estado que já nos parece tão antiquado como o do Lindbergh em Maio de 1927. Voltando a citar a canção de Guy Béart:

Tournez, tournez rotativos. Pour les âmes sensibles. Le monde est un spectacle. Il nous fait des miracles.

Mas os milagres hodiernos duram o tempo das rosas, fenecem dum dia para o outro. Milagres didáticos que servem apenas para distrair as almas sensíveis de que fala Béart, os «faits divers» têm uma vida fulgurante mas breve, morrem jovens como os deuses antigos, atravessam o céu do nosso quotidiano como meteoritos, ardem um momento, deixam nos jornais um rasto breve e logo se apagam. Vista de Sirius, toda a História universal é aliás «fait divers» também: as civilizações, os povos e as grandes épocas culturais duram um instante, erguem-se e fanam-se como flores duma só noite, deixam à superfície da Terra uma cicatriz tão tênue como a esteira aberta pelo veleiro «Joshua», o qual, desistindo de atingir Plymouth e sagrar-se vencedor da volta ao mundo, apontou a proa em direcção às Ilhas do Pacífico. Vista de Canopus, a epopeia dum certo aventureiro corso que fez tremer a Europa durante uma década de anos, derrubou tronos e convulsões por algum tempo a cartá politica do Globo parece, afinal, tão fútil ou tão passageira como a mudança de rota do navegador Moitessier. Mas como vivemos no mundo sublimar e não numa estela distante, tentemos erguer a aventura do «Joshua» à dignidade duma mini-epopeia, duma espécie de «Odisseia» de câmara.

Algures entre o Cabo da Boa Esperança e as Ilhas Samoa, o tripulante solitário do «Joshua» talvez tenha redescoberto o axioma

antigo: basta solidão, pela beleza do mundo, para o sentido do mundo, mas numa perspectiva nova, rica com efeitos, os dirigit-se para a Polinésia. Moitessier não sucumbiu apenas a tentação das Ilhas Encantadas, ao mito dum paraíso perdido onde os homens ainda são felizes e a natureza não foi poluída e ofendida pela vulgaridade do mundo industrial (detritos, publicidade, embaixagens perdidas, destruição da «estoca» excedentária, expansão demográfica, paisagens fabris, florestas invadidas por rebanhos de forçados dominicais com uma televisão portátil de costas, etc.). A seriedade que o fez mudar de rota chama-se Solidão. Sim, a boa solidão, a feliz solidão, a «sola beatitudo» do adágio antigo. Mas não confundamos esta solidão dos grandes espaços originados: perambulados dos mares do Sul com o misticismo perverso cantado pelos poetas decadentes do século XIX, pelos epistolários modernos ou pelos «desprezadores da turba».

A solidão a bordo dum veleiro rumo às Ilhas do Pacífico é apenas hominílica daquela que, no fundo, rei e entropice o nosso mundo mecânico, urbano, técnico, produtivo: a primeira é pureza, harmonia, frescura da madrugada, reencontro com a Natureza, inocência e plenitude; a segunda, a solidão da civilização industrial, não passa de azedume, desamparo no meio da multidão, no emprego, no metropolitano, em casa, na cidade. Solidões gregárias: eis as nossas cidades. Olhemos as estações do suicídio em França: de dez em dez minutos, um habitante deste país tenta suprimir-se. Não, amigo, não é na solidão imensa e plena do mar que o homem está só e abandonado aos demónios da violência e do ódio, mas nas ruas das nossas grandes urbes industrializadas, civilizadas, estrondosas, perfeitas. Amargas. Quem está só não é Moitessier no seu veleiro, somos nós nos nossos autocarros e nos nossos combolos suburbanos.

Conta Infantil BANCO DO ALENTEJO

Quilómetros da GUIA

GARANTIA DE PROFISSÃO E COMPETÊNCIA

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial)

O mundo é feito de poucos. Ganhando menos, conseguindo mais. GRANDE QUIRIBERIA DA MODA RUA DA PRATA, 297

MORADIAS Vendem-se em Caracelos e Paredes. Trato Tel. 539773 ou 771664

STEVE MCQUEEN

guia um FORD MUSTANG na perseguição mais alucinante do cinema!

veja "BULLITT" no S. Luiz, Alvalade e Eden

E VEJA TODA A LINHA FORD NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

Ford à frente com Escort, Cortina, 12M, 15M, XL, 17M, 20M, Capri (Todos tão excitantes como o Mustang)



Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

à venda nas livrarias

2.º volume

da ENCICLOPÉDIA
DA EMPRESA
MODERNA

Organização
Contabilística
e Financeira

EDITORIAL INOVA □ PORTO



AS DEFESAS DE HANOI — Modernas segundas de fabricação soviética estão apontadas para o céu da capital da República Democrática do Vietnam, prontas a entrar em acção

O VIETCONG BOMBARDEOU A CIDADE DE DA NANG

SAIGÃO, 17 — (R.) — Guerrilheiros do Vietcong dispararam, às primeiras horas de hoje, 16 foguetes contra a cidade de Da Nang, matando seis pessoas e ferindo quarenta — segundo revelou um informador militar sul-vietnamiano.

Por seu turno, uma fonte americana declarou que um dos foguetes caiu na grande base militar dos E.U.A. nesta cidade, ao Norte do país, mas não causara baixas ou estragos. Foi atingido um depósito de combustível, perto da base.

O ataque contra Da Nang, a segunda maior cidade do Vietnam do Sul, ocorreu pouco antes da

meia-noite e continuou para além dessa hora.

O informador sul-vietnamiano acrescentou que quatro civis e dois soldados governamentais foram mortos em consequência do bombardeamento. Entre os feridos encontravam-se 20 civis.

Registaram-se também cerca de 15 outros ataques com foguetes e morteiros, embora menos violentos, contra várias cidades e instalações militares no Vietnam do Sul, incluindo um acampamento de infantaria americana apenas a nove quilómetros a sudoeste de Saigão. Cinco foguetes caíram no acampamento, mas as baixas foram ligeiras, segundo

anunciou um informador norte-americano.

Da Nang tem sido atacada várias vezes pelos guerrilheiros desde que desencadearam em 23 de Fevereiro a sua ofensiva de bombardeamentos nocturnos.

Por outro lado, na província de Tay Ninh, ao Sul soldados de cavalaria aerotransportada americana descobriram ontem um grande arsenal a 50 quilómetros a noroeste de Saigão.

Pesando mais de duas toneladas, o arsenal incluía 250 granadas de morteiro, 530 foguetes e granadas de mão e 41 quilos de T.N.T.

Antes, infantaria norte-americana, que efectuava buscas na área, a quatro quilómetros mais a nordeste, encontrou sepulturas contendo os corpos de onze «vietcongs», que se julga tenham sido mortos dois dias antes pelo fogo da artilharia dos Estados Unidos.

O mau estado das cadeias entre as causas dos motins de presos

ROMA, 17 — (R.) — Os motins, que se tem verificado nas prisões italianas, vieram pôr em foco o mau estado em que se encontram as cadeias do país — muitas vezes instaladas em sombrios e velhos conventos, fortes e castelos — e as trágicas ironias da justiça à moda da Itália.

Os motins e manifestações registados em Turim, Milão e Génova tiveram como finalidade uma lei segundo a qual qualquer suspeito de ter praticado um crime pode ficar preso durante anos antes de ser julgado.

Nas cadeias da Itália existem cerca de 30 000 presos condenados a penas longas e cerca de 80 000 passam por elas todos os anos para cumprirem penas de curta duração.

As autoridades italianas mostram-se convencidas de que os motins não são mais do que o reflexo da atmosfera de agitação geral que se respira no país e que tem sido sublinhada por numerosas manifestações de ruas e atentados bombistas.

Todavia, os problemas penais são já velhos e numerosos na Itália.

A prisão de Turim, por exemplo, tem o nome de «Carceri Nuove» (prisões novas), mas tal designação não corresponde à verdade. A cadeia recebeu esse nome quando foi construída em 1867, para acomodar apenas 600 prisioneiros. Durante os recentes motins encontravam-se ali internados 1070 reclusos.

No entanto, o ponto mais controverso de todo o sistema penal italiano consiste numa lei relativa à detenção preventiva, que data dos tempos do fascis-

mo. Segundo ela, todos os que forem presos por crimes graves continuarão na cadeia até que um tribunal anuncie o seu veredicto.

Como resultado de tal lei, um indivíduo pode passar quatro ou cinco anos

entre os seus nos e ladrões, dada a notória lentidão com que se movimenta a maquinaria legal italiana, desde as investigações até ao julgamento e, muitas vezes, até às decisões sobre os apelos apresentados.

A ala esquerda dos socialistas italianos propõe-se colaborar com os comunistas

ROMA, 17. — (F. P.) Golpe de teatro na Câmara dos Deputados italiana: a ala esquerda do Partido Socialista (governamental), pediu que os ministros socialistas abandonem o Governo de Mariano Rumor e propôs-se colaborar com os partidos Comunista e Socialista Proletário (da oposição).

Falando em nome da ala esquerda, o deputado socialista Riccardo Lombardi afirmou que após os incidentes de Battipaglia o governo de coligação deixara de ser o que era, pelo que convinha que os socialistas saíssem dele. Ao mesmo tempo, é necessária uma «mudança radical»: a colaboração dos comunistas e dos socialistas proletários com os socialistas, para resolver os problemas mais importantes da nossa vida democrática.

Lombardi acusou os cristãos-democratas de terem efectuado uma «viragem à direita», com a nova preocupação de defenderem a ordem pública a pedido dos meios reaccionários, que desejam a guerra civil.

Ha, na actual campanha de Imprensa a favor da guerra civil algo que recorda a iminência de um golpe de Estado, afirmou ainda o deputado socialista.

Antes, o secretário-geral da Democracia Cristã, Flaminio Piccoli, tinha insistido na tese de que as últimas manifestações sindicais foram provocadas por elementos subversivos e admitiu a possibilidade de haver um plano organizado para atentados contra edifícios públicos. Também em nome da maioria, o representante do Partido Republicano mostrou-se optimista quanto à presente situação económica italiana, reconhecendo, porém, que a prolongar-se a presente crise, as perspectivas de progresso podem ser prejudiciais.

Para a oposição da direita (liberais, monárquicos e neo-fascistas), a fraqueza do Governo, incapaz de debelar um plano organizado de subversão, deve-se às dissensões internas existentes na coligação do centro-esquerda.

DO PERU AO MÉXICO NUMA JANGADA DE CANAS E JUNCOS

LIMA (Peru), 17 — (R.) — Um norte-americano, um peruano e um italiano, navegavam hoje para o México numa frágil jangada de canas e juncos.

Os três aventureiros, o explorador norte-americano Gene Savoy, de 41 anos, o peruano Segundo Grandez Zumaeta, de 35, e o italiano Tomas Serafini, de 43, partiram anteontem do porto de Salaverry, no norte do Peru, a bordo da sua jangada «Kiviku», para tentarem provar que as civilizações pré-incas do Peru utilizaram este tipo de jangada para fazerem comércio com os aztecas do que hoje é o México.

A jangada, com três metros de comprimento e dois de largura, foi construída por peritos indianos com juncos, canas e cordas do Equador e não contém um único prego. Foi coberta com várias camadas espessas de verniz para proteger as canas da água salgada.

Os três aventureiros declararam aos jornalistas antes de partirem de Salaverry, a 550 quilómetros ao norte desta capital, que esperavam demorar três meses para alcançar a costa mexicana.

A jangada transporta três toneladas de víveres e água em recipientes de barro semelhantes aos utilizados pelos índios.

AGITAÇÃO NA BREITANHA E GREVE DE COMERCIANTES EM TODA A FRANÇA

PARIS, 17 — (A. N. I.) — A França foi afectada ontem por uma greve geral dos pequenos comerciantes e dos trabalhadores por conta própria, que pretendem a reforma do sistema de impostos e da assistência social.

Em Paris, formaram-se longas ebições junto aos raros estabelecimentos que venderam cigarros e café. A fim de evitarem faltas de alimentos, os estabelecimentos de víveres estiveram abertos da parte da

manhã, mas encerraram à tarde.

Em Quimper, na Bretanha, bombas de plástico destruíram as janelas da repartição de finanças local. Não há notícias de vítimas.

A Polícia teve que usar granadas de gás lacrimogénico e bastões para obrigar a dispersar um grupo de trezentas pessoas que tentou invadir a repartição de finanças de Morlaix, também na Bretanha.

Os grevistas bloquearam o trânsito em algumas estradas importantes, mas foram sempre obrigados a retirar rapidamente. As únicas regiões onde a greve não foi respeitada foram o departamento de Isère, onde o movimento sindical representativo dos trabalhadores por conta própria aconselhou os seus associados a tomarem medidas mais directas, em Sete, na costa do Mediterrâneo, e na Córsega.

O Governo francês tomou a sua habitual atitude perante as greves de um dia — ignorou-a.

BASE ARGENTINA ATACADA

BUENOS AIRES, 17 — (R.) — A Força Aérea argentina revelou a noite passada que um pequeno grupo de guerrilheiros atacou, às primeiras horas de ontem, uma base de aviação na estância do Mar del Plata, na costa atlântica. Um comunicado emitido pela defesa desta capital, cuja sede o ataque foi

repellido, após um combate a tiro em que ficou ferida uma sentinela.

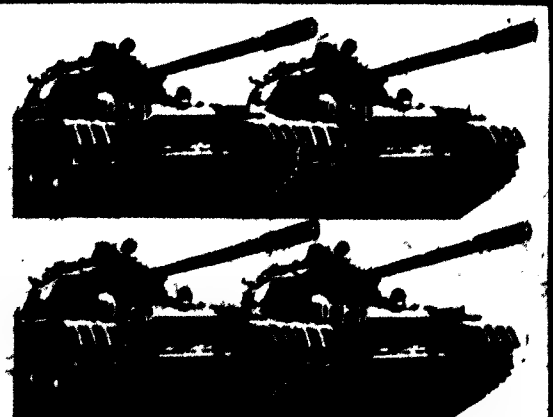
A sentinela, disparara contra os assaltantes — três ou quatro pessoas num pequeno automóvel — e investigadores julgavam que pelo menos um dos suspeitos ficara ferido.

A Imprensa diz que uma mulher se encontrava en-

tre os atacantes, mas isso não foi confirmado pela Força Aérea.

Num ataque semelhante contra a grande base militar de Campo de Mayo, perto de Buenos Aires, que ocorreu no passado dia 5, dez homens, convergendo uniformes militares, fugiram com duas metralhadoras, pistolas e duas pistolas.

A PRIMAVERA DE PRAGA



A REVOLTA ESTRANGULADA DE PRAGA E BRATISLAVA
A INVASÃO DA CHECOSLOVÁQUIA PELAS TROPAS DO PACTO DE VARSÓVIA E DA U.R.S.S.

430 PÁGS. COM 50 FOTOS EM EXTRATEXTO - 80100



EDITORIAL INICIO

Av. da República, 27, 4.º e 5.º andares

FORNECIMENTO DE VIATURAS Concurso público n.º 30/69 No Serviço Central de Agulhas do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Av. 24 de Julho, Lda —, onde se encontram patentes as condições do concurso, recibos, propostas para o fornecimento das agulhas. As propostas são abertas ao dia 20 de grémio mês de Maio, pelas 9.30 horas, devendo trazer-se a sua entrega, e a das correspondentes depósitos em \$ 25.000 antes do dia em imediatamente anterior. Lda, 17 de Abril de 1969.	MISERICÓRDIA DE ALCOCHETE MÉDICO Está aberto concurso de medicina, até ao dia 15 de Maio de 1969, para provimento de um lugar de médico de clínica geral para prestar serviços no Hospital desta localidade. No Secretariado de Administração, de horas normais de expediente, prestem-se as indicações necessárias sobre as condições de concurso, de prestação dos serviços. Alcochete, 25 de Abril de 1969. O Provedor, ANTONIO ANTUNES
---	---

**VEJA AS NOVAS
MÁQUINAS DE LAMAR
AUTOMÁTICAS**

RELAX



RELAX Use 

**EXTRAORDINÁRIA ACÇÃO
DE LAMAGEM E SECAGEM**

**MODELOS DE 10 A 14
PROGRAMAS, E COM
ECONOMIZADOR**

a venda nas boas lojas
de eletrodomésticos

MAFRA - MAFRA

**CANISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE**

R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Em MAFRA o «DIÁRIO DE
LEBOA» vende-se no café
comestível Babão, entre 18 e

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS
SECRETARIA

**VENDA DE LOTES DE TERRENO NO CONCE-
LHO DE CASCAIS**

2 lotes para prédio de rendimento com 3 pisos, situado nas Fontainhas, Cascais.
A Câmara Municipal de Cascais, anuncia que no dia 19 do corrente, mais, pelas 15 horas, na Sala das Sessões das Paços do Concelho, serão vendidos em hasta pública os seguintes lotes de terreno para construção:

2 lotes no Bairro de Assunção, em Cascais, um com a área de 83 m², destinado à construção de um estabelecimento comercial, pelo preço base de licitação de 800.000 cada metro quadrado, e outro com 322 m², destinado a um prédio de rendimento com 3 pisos, pelo preço base de licitação de 2.200.000 cada metro quadrado; com as áreas de 168,5 m² e

163,5 m², pelo preço base de licitação de 250.000 cada metro quadrado;

1 lote de terreno para construção de um estabelecimento comercial, situado na Parade, junto ao Bairro da F. d. d. das Caixas de Previdência, com a área de 176,64 m², pelo preço base de licitação de 300.000 cada metro quadrado;

3 lotes de terreno para construção de moradia isolada, situados na Rua de Santa Joana, em Cascais, com as áreas de 329 m² e

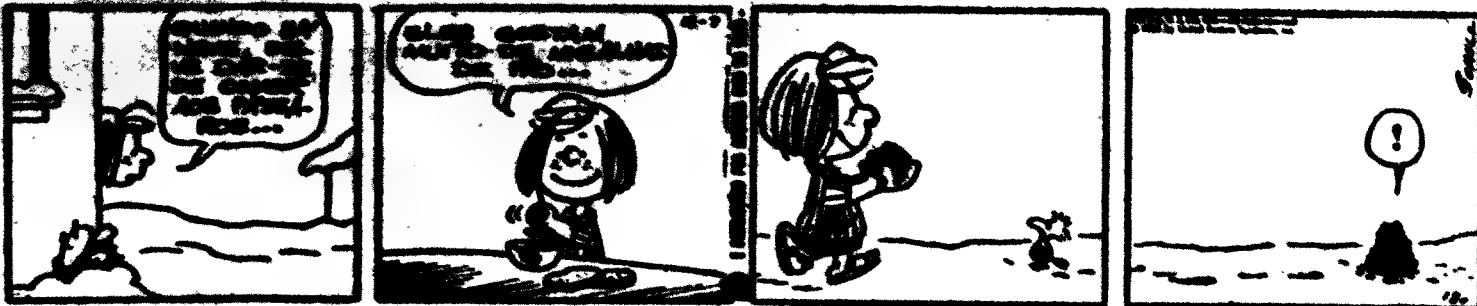
353 m², pelo preço base de licitação de 350.000 cada metro quadrado;

3 lotes de terreno na Rua Dr. João de Barros, em Cascais, destinados a moradias isoladas, com as áreas de 682 m², 530 m² e 671 m², pelo preço base de licitação de 300.000 cada metro quadrado;

3 lotes de terreno, situado no Bairro de Moreira, em Cascais, com as áreas de 450 m², destinados à construção de uma moradia isolada, pelo preço base de licitação de

The top section of the advertisement features a woman's face on the left, looking upwards with a surprised expression. To her right, the text "VEJA O QUE" is written in a small, sans-serif font, followed by the brand name "RUTON" in large, bold, stylized letters. Below "RUTON", the text "CRIOU PARA SI" is written in a similar sans-serif font. On the right side of this section, there is an oval-shaped inset showing a close-up of a car seat with horizontal stripes and a vertical support structure.

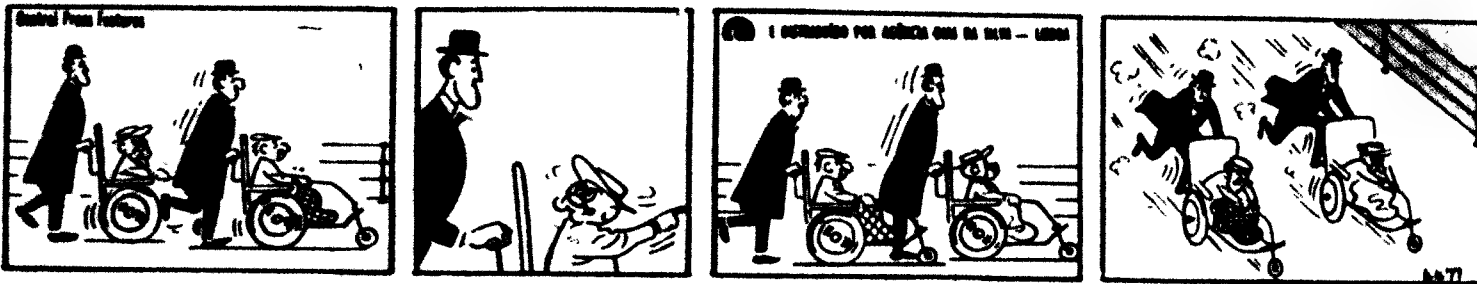
Os Pássaros



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

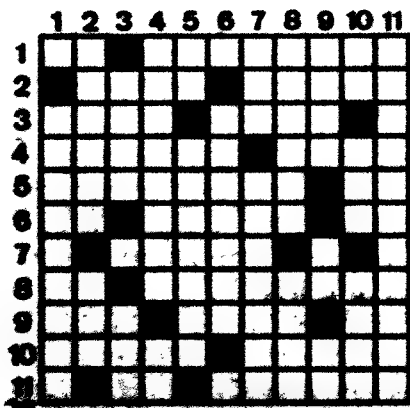
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5150

HORIZONTAIS: 1 — Ande. Ficarei por tantas horas. 2 — Não viciada. Barro do lene de uma embarcação. 3 — Uma das principais personagens de «Otelio», de Shakespeare. Cada uma das extremidades do circuito de uma pilha elétrica. 4 — Refrear. Indignar. 5 — Passa por cima. Papa. 6 — Entre nós. Afetos. Pertences. 7 — Alvejar. 8 — Em a. Afastamento. 9 — Eca. Senhora Graciosa. 10 — Verbo. Abominar. 11 — Prefixo que designa praveção. Empregar.

VERTICAIS: 1 — Naturais de Itaca. 2 — Afasto. Preposição e artigo (pl.). 3 — Apertar. molhos. Prende. 4 — Travejara. Prefixo de negação. 5 — Em doses iguais (abrev.). Aclama. 6 — Exacta. 7 — Sufixo que designa diminuição. Interpretamos um escrito. 8 — Atribua como originar. Nascida. 9 — Grande afeição. Antes de Cristo. Frequente. 10 — Partida. Decimetro quadrado. Encolerizar. 11 — Distinguir-se.

Resolva completamente este problema? Procura agora, em segundo pensamento, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5149

HORIZONTAIS: 1 — Mitocrita. 2 — Algeva. 3 — Lila. 4 — Hino. 5 — Hino. 6 — Hino. 7 — Hino. 8 — Hino. 9 — Hino. 10 — Hino. 11 — Hino.

VERTICAIS: 1 — Hino. 2 — Hino. 3 — Hino. 4 — Hino. 5 — Hino. 6 — Hino. 7 — Hino. 8 — Hino. 9 — Hino. 10 — Hino. 11 — Hino.

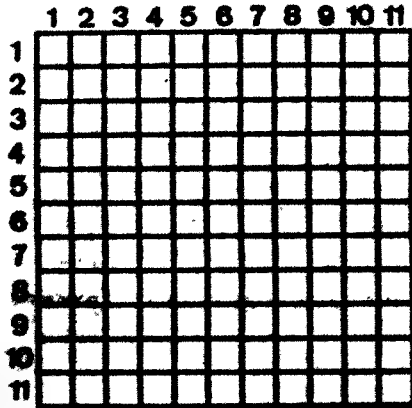
SOLUÇÃO COM PALAVRAS E SER DOM

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 5993

HORIZONTAIS: 1 — Posseção portuguesa na Ásia. Nome de frutos. 2 — Encolher. Dampico. 3 — Mochas adultas da galinha doméstica. Que é do ar. 4 — Torno mestre. 5 — Tecer. 6 — Viração. Preposição. 7 — A Irlanda. Tombos. 8 — Poisara no mar (o avião). 9 — Bocados. Direcções. 10 — Terra nova e arrefecida de fresco. Introduzido. 11 — Nome de flores. Unir por casamento.

VERTICAIS: 1 — Parte em migalhas. Joier. 2 — Arara. O mesmo que três. Cincha. 3 — Guardar segredo. Estípe. 4 — Perfume. Sacrific. 5 — Períodos de sete dias seguidos (pl.). 6 — Apelido. 7 — Travar luta com. 8 — Estive unido por aderência. Perfume. 9 — Diadema. Pequenos barcos de recreio. 10 — Estime. Cate. 11 — Ecoar. Empregar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA

HORIZONTAIS: 1 — Porto. Fraca. 2 — Adia. 3 — Lila. 4 — Coa. Cruz. 5 — La. Tampa. 6 — Ovals. Emor. 7 — Ape. Ra. 8 — Uta. 9 — Sa. Arda. 10 — Sal. 11 — Mar. 12 — Hino. 13 — Hino.

VERTICAIS: 1 — Pêla. Poste. 2 — Odava. 3 — Hino. 4 — Hino. 5 — Hino. 6 — Hino. 7 — Hino. 8 — Hino. 9 — Hino. 10 — Hino. 11 — Hino.

NA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 17 de Abril de 1939 publicava:

«O Journal» regista:

«Publica-se integralmente em Roma a mensagem de Roosevelt, embora sem comentários, o que é significativo, desde que se sabe que os aliados firmaram a mensagem do presidente tão mais acanhada. Os italianos foram unânimes em reconhecer que o presidente dos Estados Unidos ardia um meio de salvar a paz que desejam, tanto como qualquer outro povo do mundo.»

EXCURSÃO DA C. P.
Évora-Monsaraz-Ponte do Guadiana

Comunica-nos a C. P. de que realiza no próximo dia 20 do corrente, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Évora, Monsaraz e Ponte do Guadiana, incluindo a viagem no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado), pequeno almoço no comboio, almoço regional em Évora e circuito turístico em autocarro.

PREÇOS

MODALIDADE 1

215\$00

MODALIDADE 2

(Incluindo o jantar no comboio FIAT na viagem de regresso) 270\$00

Só transporte em caminho de ferro, de Lisboa a Évora, e volta, 83\$50 (incluído no preço o serviço de pequeno almoço no comboio).

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Romeo) e Lisboa Santa Apolónia nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Contratos do caminho-de-ferro em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

METALURGIA CASAL, S.A.R.L.

AVEIRO—PORTUGAL

Capital social: 30 000 000\$00

AUMENTO DE CAPITAL

Para a realização de novos investimentos (ampliação de maquinaria e instalações) vai a METALURGIA CASAL, S.A.R.L. aumentar o seu capital social para Esc.: 40 000 000\$00, mediante a emissão de 10 000 acções no valor nominal de Esc.: 1 000\$00 cada uma.

As acções são postas à subscrição pelo valor nominal para os actuais accionistas e pelo valor de 1 500\$00 para os novos.

É dada preferência aos antigos accionistas. O prazo de subscrição termina em 31 de Maio, procedendo-se a rateio, se necessário, até ao dia 15 de Junho.

O pagamento efectuar-se-á em duas prestações, sendo uma de 50% do total de acções subscritas no acto da subscrição e o restante após o rateio, até ao dia 30 de Junho de 1969. As acções subscritas beneficiarão dos dividendos relativos ao 2.º semestre de 1969.

Os interessados devem dirigir-se à METALURGIA CASAL, S. A. R. L., Apartado 83 — AVEIRO, que prestará todos os esclarecimentos e reservará as acções que desejarem subscrever.

A ADMINISTRAÇÃO



POLAR

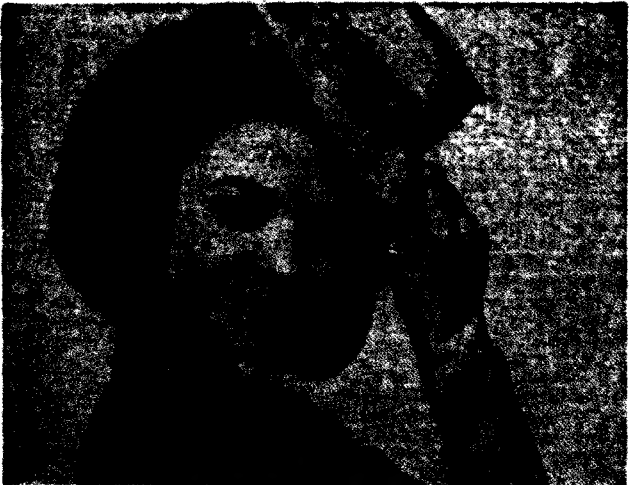
na vanguarda do frio

Conquista a confiança da sua clientela e ganha tempo e dinheiro com os armários frigoríficos POLAR modelos de 800 a 2.800 litros

REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA PARA O PORTUGAL E ALGARVE

dia a dia

HOJE PODE VER...



AUDREY, a cançonista francesa que logo pelas 21 e 55, apresentará a «Estúdio C»

ESTÚDIO C: AUDREY ARNO

PELA VOZ de Pedro Montinho será apresentada a cançonista francesa Audrey Arno, cujo programa de Variedades da série «Estúdio C» foi gravado há relativamente pouco tempo, sendo Ruy Ferrão o realizador do mesmo.

Audrey Arno, que aparecerá nos pequenos ecrãs pelas 21 e 55, interpretará as seguintes canções:

«Nero», «Caroline est Symphonie», «Il passe dans mon cœur», «Tu as la touche», «Retour à Naples», «Lorsque ma joie s'enveloppe», «Printemps», «L'homme et la femme», «Ah! Quelle affaire», «Tu joues et tu sais si bien».

2.º PROGRAMA UNIVERSIDADE NA TV E PORTA 77

O PROGRAMA Regional será preenchido pela rubrica «Universidade na TV», com um documentário da série «O Mundo e os Homens»: «Os Caminhos de Santiago» e da 22 e 40, Roger Smith, Efram Zimbalis Jr. e Edward Byrnes a aparecerem nos pequenos ecrãs para a interpretação de mais um episódio da série policial «Porta 77».

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19 e 30: Telejornal, 19 e 30: Lanterna Mágica; 20 e 30: A criança perante a vida; 20 e 45: Vamos jogar no Totobola; 21: Parada da Indústria; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Variedades; 22 e 45: Reportagem do Exterior; 24: Telejornal, e Fecho.
II Programa — As 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 30: Universidade na TV; 22 e 40: Série Policial; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

TELEVISION GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV, 19: TV Educativa — Matemática Moderna, pelo dr. Almeida e Costa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Aspectos de Laurence Marques; 20 e 20: Vamos Dançar; 20 e 30: Nós, as Mulheres; 20 e 45: Sangue na Estrada; 21: Cortaz TV e Nós e o Público; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema — «Casanova Junior» (Give e Give a Break); 23 e 35: Telejornal; Meditação e Fecho.
II Programa — As 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: Folhetim «Sílvia dos 3 Umeiros» (6.º episódio); (transmitido no I Programa em 10.11.60); 22 e 23: Cultural (no I Programa em 22.3.60); 22 e 50: Concerto.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES



— O anticiclone continua a centrar-se, teimosamente, a oeste dos Açores. Resultado: pode chover, pode fazer sol

canal da crítica

ESSA NOITE EM QUE TUDO FOI MODESTO...

A noite foi dedicada ao futebol que jogava mais uma partida internacional. Para entrar o futebol, saiu o teatro. Aceite-se, dado que os produtos enlatados podem esperar.

Suponho que será de boa norma generalizar-se o conceito de que os jogos de selecção portugueses, realizados no nosso País, devem transmitir-se. Quanto mais não seja para confirmar-se na prática o título de «equipa de nós todos».

No que respeita à exibição da equipa da Federação, os críticos do «Diário de Lisboa» vão escrever de sua justiça. No que respeita à exibição da equipa da Televisão, deve dizer-se que ela esteve ao mesmo nível...

Foi uma emissão perfeitamente cotidiana. Ao jogo «aficionados» dos jogadores portugueses, correspondem o jogo «aficionado» das câmaras. Foi tudo muito comum, dentro e fora do rectângulo. Acontece que nada aconteceu diferente do que costuma acontecer. Entretanto, se jogou de futebol hoje em dia como se transmitisse há meia dúzia de anos. As reportagens são de um desle-

do primarismo. Quando será que as câmaras portuguesas saem da idade da pedra, isto é, abandonam o seu lugar fixo nas bancadas para dinamizarem a transmissão? O problema é natural: que se ponha em relação a deficiências de material. Será, no entanto, a pobreza assim tanta que, por um lado, a televisão portuguesa se limita a tudo de gastar centenas de contos em emissões

de baixo nível, e por outro lado fuja à necessidade de obter o material indispensável às crescentes exigências do público?

Ver uma transmissão de futebol executada a partir da BBC ou da RAI e comparada depois com as nossas, causa-nos uma sensação angustiante. Salvas as devidas distâncias, a nossa televisão ainda vive no período das balizas às costas...

A actividade como comentador de Alves dos Santos deve dizer-se que foi, desta vez, particularmente infeliz. Não me refiro, apenas, ao golo que foi e que não foi; esqueço a falta que era e que não era; ignoro, por agora, a má visão no discernimento das jogadas e da nomeação dos jogadores. Resumo-me, em particular, a dois aspectos francamente negativos do seu trabalho: a flutuação do julgamento ao longo da partida, com generalizações a que, depois, os factos não correspondiam. Existe, assim, o perigo de desmoralizar e fustigar o espectador.

O outro aspecto refere-se aos comentários, por vezes

lúcidos e com amplo desenvolvimento, sem dúvida, mas feitos no decorrer do jogo. A grande experiência de Alves dos Santos devia já mostrar-lhe que o telespectador se irrita, se enerva, com esse género de trabalho. Os comentários devem processar-se durante as interrupções do jogo, tal como se pratica com a publicidade nos relatos radiofónicos.

Não é por falar muito que um comentador se faz notar como bom, nem se é necessariamente um bom árbitro pelo facto de apitar muito. As vezes, até, é o contrário que sucede. Parece que um árbitro é tanto melhor quanto menos se reparar nele. Estou a emitir, aliás, um conceito tornado lugar-comum quando se aprecia o trabalho do juiz da partida.

Enfim: numa noite em que tudo foi modesto, Alves dos Santos não quis destoar. Pruridos de solidariedade que ficam sempre bem.

Na programação de ontem aconteceu ainda a terceira palestra de Vitorino Nemésio: «Se bem me lembro...»

Vitorino Nemésio não falou de nada de especial. Mas ouvindo os nomes de Magalhães de Castro, Unamuno, Ru-

ben Dario, etc., enquadramos em breves e desmanteladas recordações. Só por isso valeu a pena São,

(Continua na página seguinte)

UMA NOVA, MODERNA E CONFORTÁVEL SALA DE ESPECTÁCULOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO CINE. FILO DE LISBOA!

EST UNIDOS DA AMÉRICA
AV. VOX
A INAUGURAR DENTRO DE DIAS

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — I.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: A Viagem do Presidente da Comissão ao Ultramar; Transmissão directa da chegada ao Aeroporto de Laurence Marques; 16 e 40:

Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas lígeiros; 20 e 40: Apresentação do Folhetim «O Imortal de Florence», biografia de Miguel Ângelo, original de Álvaro Martins Lopes; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Ronnie Aldrich; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de Teatro: «A Vizinha do Lado», de André Brun, em adaptação de Leopoldo de Araújo — intérpretes: Nicolau Bryner, Assis Pacheco, Rui Furtado, Armando Cortês, Fernando Borsetti, Ivone de Moura Josefina Silva, Cecília Guimarães, Elisa Lisboa, Lourdes Lima, Júlia Cleta, Cremilda Gil; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 745 kc/s — As 16 e 10: Música de câmara de Haydn; 16 e 30: 2.º Acto da Ópera «Lohengrin» (Wagner); 18: Música do século XX — Obras de William Walton; 19: Crónica Literária, pelo dr. João Bignotte Chorda; 19 e 10: Folhetim Português — Música da Beira Alta e da Beira Baixa; 19 e 25: Música de Tecla; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música Instrumental; 20 e 30: Glória em Sol Maior (Paulenc) — Coro e Orquestra da Radiodifusão-Televisão Francesa; 21: Concerto em Si Bemol Maior para Violoncelo e Orquestra; 21 e 30: Panoramas da História, pelo Dr. João Ameal; 21 e 50: Recital ao pianista Adalberto Tormado, preenchido com obras de Heitor Villa-Lobos; 22 e 10: Cinco Canções Franciscas (Auric) — Coral da Rádio difusão Francesa sob a direcção de Yvonne Gouvenne; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1: 15: Fecho.

2.º Programa (cultural MF 2) — 94,2 mc/s — As 28: Música de piano; 23 e 30: Intercâmbio musical — Festival Estival de Paris de 1960 — em gravações cadidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa; O h.: Música sinfónica; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Rádio Universidade

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C O C; 18: E a o seu mundo; 18 e 15: Canções do oceano; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo acontece; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Noite de Abertura e Notícias; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Recordando sucessos; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando a telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contato; 3 e 04: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C O C; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 07: Programa 6 G6 G6; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C O C; 18: Depois do chá; 18 e 30: E a o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 09: Miscelânea; 19 e 17: E a; 19 e 30: Robbials; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Noite dia a dia; 21 e 07: Orquestra; 21 e 15: 50-Rádio; 21 e 30: Leituras; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todos as nações; 22 e 30: Presença colimbrá; 23 e 04: Cube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Cortaz musical de Paris; 18 e 30: Terço e bênção do Basilica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Guitarradas portuguesas; 21 e 45: Música do cinema; 22: Quando a telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação de Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra, 8 e 30: Terço e bênção do Basilica dos Mártires de Lisboa; 1 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 186 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30 — Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22 — Rádio Radiódifusão de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2 — Rádio Europa — Das 14 e 30 às 19 e 30

VASCO MORGADO JR. VAI CASAR-SE

Vasco Morgado Junior vai casar-se. A notícia, que certamente surpreenderá aqueles que ainda se não habituaram a ver o jovem filho do «patrão» do teatro português como um homem já feito, começa agora a correr pelo meio artístico.

Vasco Morgado Junior, que acaba de representar o protagonista da peça «O jovem mentiroso» partiu para a África proximamente, a fim de tomar parte na digressão que a companhia de sua mãe, Laura Alves, ali efectuará, com as peças «Retinha do Ferro-Velho», «O comprador de horas», «A mulher do roupaço» e «O jovem mentiroso». A futura nora de Vasco Morgado e Laura Alves é uma jovem de 16 anos, que não pertence ao meio teatral. Parece ser intenção de Vasco Morgado Junior casar-se antes de iniciar o seu serviço militar, o que acontecerá brevemente.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Instituto dos Ferrovias do Sul e Sueste

Em assembleia geral, foram eleitos os corpos gerentes do Instituto dos Ferrovias do Sul e Sueste. A direcção ficou composta pelos srs. Celso Vaz de Carvalho, Joaquim Baptista Candeias, Teodoro Mauricio Costa, José Emílio, Cristino Ferrão, Joaquim Francisco Castanheira e Humberto Martins Aleixo.

Presidem a assembleia geral e ao conselho fiscal respectivamente, os srs. Ezequiel da Costa Cavaco e António Cláudio Pereira.

Companhia Angolana de Agricultura (CADA)

A assembleia geral ordinária da Companhia Angolana de Agricultura (CADA), reunida sob a presidência do sr. Rogério Cândido da Silva, aprovou o relatório e contas referentes ao exercício do ano passado.

Na sua exposição, o presidente do conselho de administração, sr. Manuel de Queirós Pereira referiu-se à situação da Companhia e acentuou a diminuição da produção de café que se fixou, nos últimos anos, além daquilo que poderia considerar-se normal.

Estas considerações estão, de resto, na sequência do relatório que dá um panorama dos problemas de natureza e fiscal que afectam as empresas, desigualmente aquelas que ocupam lugar de maior predomínio.

Anglo Portuguese Bank Limited

Para apreciar o relatório, balanço e contas relativos ao exercício findo em 31 de Janeiro deste ano, vai reunir-se em Londres, no dia 22 do próximo mês de Maio, a assembleia geral ordinária do Anglo Portuguese Bank Limited.

Através daquele documento agora divulgado pode verificar-se que o Anglo Portuguese Bank Limited mantém o ritmo de progresso que desde há anos caracteriza a sua actividade. As reservas subiram de 2 000 000 libras para 2 250 000 libras; o saldo da conta «Adiantamentos Concedidos a Clientes» perfaz 35 427 531 libras, seja mais 5 303 059 libras do que em 1968; a rubrica «Contas Correntes, Depósitos e Outras Contas» encobriu com o saldo de 43 190 206 libras, contra 38 765 716 libras no exercício transacto; a conta «Activos e Créditos Confirmados» registou um aumento de 266 160 libras, mostrando o saldo de 6 421 698 libras. O total do balanço elevou-se de 49 943 297 libras para 56 891 292 libras. Este acréscimo de movimentos influiu no lucro líquido do exercício que, depois de retiradas as verbas para «Encargos Fiscais» e «Reservas para Imprevistos», ascendeu a 279 545 libras, em comparação com 251 960 libras, no exercício findo em 31 de Janeiro de 1968.

No seu breve discurso, o sr. prof. dr. Manuel dos Reis fez a história da escola que durante 140 anos foi Faculdade de Matemática, até que em 1911 foi transformada na 1.ª secção da Faculdade de Ciências, então criada. Salientou que o edifício agora inaugurado vem resolver o grave problema das instalações da sua escola, cujas aulas se encontravam, nos últimos anos, em diversas salas dos Geraes.

A importância da Universidade na construção do mundo do futuro salientada pelo ministro da Educação

Ao usar da palavra, o ministro da Educação, depois

(Continuação da pág. central) de agradecer ao seu colega das Obras Públicas o interesse que do seu departamento têm merecido os problemas da política educacional, revelou verbas que, no programa do III Plano de Fomento, serão gastas em 1969 no sector do Ensino Superior e afirmou:

Bênção e discursos

Pouco depois, chegou ao edifício o sr. Presidente da República. Depois de o bispo de Coimbra, sr. D. Francisco Rendeiro, ter procedido à bênção do edifício, o Chefe do Estado e todas as entidades presentes deram entrada no edifício e dirigiram-se para a Sala Infante D. Henrique, onde se realizou a sessão solene.

Presidiu o sr. almirante Américo Thomas, ladeado pelos ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional, reitor da Universidade, director da Faculdade de Ciências e pelo decano da Faculdade, sr. prof. dr. Manuel dos Reis.

Nessa sessão discursaram sucessivamente o reitor da Universidade, o decano da Faculdade de Ciências e os ministros da Educação e das Obras Públicas, tendo este feito a entrega do edifício.

No seu breve discurso, o sr. prof. dr. Manuel dos Reis fez a história da escola que durante 140 anos foi Faculdade de Matemática, até que em 1911 foi transformada na 1.ª secção da Faculdade de Ciências, então criada.

Salientou que o edifício agora inaugurado vem resolver o grave problema das instalações da sua escola, cujas aulas se encontravam, nos últimos anos, em diversas salas dos Geraes.

A importância da Universidade na construção do mundo do futuro salientada pelo ministro da Educação

Ao usar da palavra, o ministro da Educação, depois

de agradecer ao seu colega das Obras Públicas o interesse que do seu departamento têm merecido os problemas da política educacional, revelou verbas que, no programa do III Plano de Fomento, serão gastas em 1969 no sector do Ensino Superior e afirmou:

«É certo que as questões que no seu conjunto constituem o problema universitário não poderão ser resolvidas unicamente no quadro de uma política de investimentos; mas também é certo que sem essa política dificilmente se poderia dar algum passo no caminho das reformas necessárias. A Universidade é ao mesmo tempo um conjunto de estruturas e um sistema de funções. A parte do Estado é facultar-lhe as estruturas indispensáveis à prossecução dos seus fins próprios. A criação das funções é domínio que só à Universidade pertence realizar.»

Referindo-se, depois, ao clima de contestação que nos últimos anos se tem generalizado, o ministro José Hermano Saraiva afirmou:

«Mas os espíritos são naturalmente levados a prestar mais atenção ao ruído do que ao silêncio. O que ainda ninguém contestou foi a essencialidade das Universidades como instrumento de toda a política cultural que pretenda perdurar. O que ninguém até hoje pôs em causa foi a responsabilidade da Universidade pela construção da sociedade do futuro. A mesma intensidade das preocupações de que ela se tornou objecto comprova quanto os povos ainda nela confiam. Poderia até dizer-se da sua história, tantas vezes secular, nunca porventura a humanidade

esperou tanto dos mestres e dos estudantes como nos dias que estamos a viver».

Ao usar da palavra, o ministro das Obras Públicas recordou que foi aluno da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e que, portanto, era grande o seu júbilo por lhe ser possível fazer, agora, a entrega do novo edifício. E disse:

«Vamos continuar a trabalhar em Coimbra com o maior empenho de satisfazer nos mais curtos prazos as necessidades do ensino em matéria de instalações, conforme os planos aprovados. Apressa-se, aqui ao lado, a conclusão do edifício destinado à Secção de Física e Química da Faculdade de Ciências e está em curso a ampliação das instalações, aliás precárias, da Faculdade de Farmácia, a conclusão das obras do Centro Universitário e a ampliação e beneficiação das Instalações Académicas. Iniciar-se-á, dentro em pouco, o grupo residencial de Montes Claros, e este será o ano de arranque definitivo para a construção do hospital escolar, por que a Universidade tanto anseia. Também dentro em breve vamos começar a construir o Instituto Industrial de Coimbra».

Ao todo, é de 54 mil contos o dispêndio que o Ministério das Obras Públicas conta efectuar no corrente ano com as realizações da Cidade Universitária de Coimbra. Trata-se de um esforço considerável, que é indispensável acrescentar ainda, pois as construções escolares, como tudo o que respeita à Educação, têm lugar prioritário no III Plano de Fomento. O Ministério das Obras Públicas empenha-se em corresponder aos designios do Governo e procura preparar-se para satisfazer o ritmo acelerado do desenvolvimento escolar. No corrente ano, há-de o Ministério despendar 479 mil contos em construções escolares em todo o País.

Acrescentou o ministro que o programa de trabalhos do ano em curso comporta a construção de 33 edifícios, 15 dos quais começados em anos anteriores, e 18 com início neste ano orçando pelos 800 mil contos o custo global destas obras. Anunciou, também, que vai ser criado no seu Ministério um departamento destinado ao estudo, projecto e construção de todos os edifícios escolares do País.

Visita ao edifício

Finda a sessão solene, o sr. Presidente da República fez uma demorada visita ao edifício, cujo projecto é da autoria dos srs. arquitecto Lucínio Cruz e prof. eng.º Edgar Cardoso, com capacidade de 35 salas de aulas (1700 lugares) e, ainda, 36 gabinetes. A biblioteca tem capacidade para 60 000 unidades e dispõe de uma sala de leitura para 50 leitores. Além disto, dispõe, ainda, de salas especiais, de topografia, duas com 74 lugares de desenho, 4 com 136 estíreos, 8 com 626 lugares.

Na fachada principal tem dois baixos-relevos com 10 metros de altura, da autoria do escultor Gustavo Bastos, subordinados aos temas: «A Criação do Mundo», «As Matemáticas como Ciência da Natureza», «A Matemática como Ciência do Pensamento e da Razão Pura».

Para o átrio estão previstos dois painéis a fresco, do artista Almada Negreiros, cujas maquetas já estão concluídas, cada um com as dimensões de 7,30 x 4,80 m, representando «A Matemática Portuguesa ao Serviço da Epopeia Nacional» e «A Matemática desde os Caldeus e Egípcios, até aos nossos dias».

Na Sala do Conselho existe uma tapeçaria sobre cartão, do pintor Rogério Ribeiro, obedecendo ao tema, «O Progresso Técnico», com as dimensões de 3,30 x 5,50 m.

O sr. Presidente da República percorreu todo o edifício e ouviu os esclarecimentos que lhe foram dados pelos técnicos, manifestando a sua satisfação pela forma como tudo se encontrava.

Finda a cerimónia da inauguração, o Chefe do Estado voltou ao Paço das Escolas, onde, na Sala do Senado, se realizou uma pequena sessão, onde o sr. almirante Américo Thomas entregou ao sr. prof. dr. Luís de Cabral Moncada, lente jubilado da Faculdade de Direito, a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago de Espada.

Pouco depois, realizou-se, na Reitoria, um almoço, oferecido pelo sr. Presidente da República, a que assistiram setenta convidados, que foi magnificamente servido pelo Café-Restaurante Nicola, de Coimbra, que mereceu os maiores louvores de todos os convivas.

Findo o almoço, o sr. Presidente da República visitou as novas instalações da Escola de Regentes Agrícolas e o Liceu D. Duarte, seguindo, depois, para a Figueira da Foz.

Continuando uma tradição de relevo, justificativa do bom nome da indústria nacional, a firma Francisco Miguel Bombarda, do Porto, e a semelhança do acontecido em tantas outras obras anteriores, de grande relevo, associou-se ao esforço desta excepcional construção, fornecendo e colocando todas as armaduras de iluminação em quantidades da ordem dos milhares, números bem expressivos da grandiosidade da obra presente.

O Chefe do Estado visita Peniche no próximo domingo

Como foi já anunciado, o sr. Presidente da República deslocar-se-á a Peniche no próximo domingo, sendo acompanhado pelos ministros do Interior, Marinha, Corporações e Obras Públicas. Entre as várias cerimónias programadas para aquele dia, contam-se uma sessão solene nos Paços do Concelho, benção da Frota de Pesca e inauguração de um bairro de 112 casas para pescadores.

Quatro milhões de visitantes na Feira Internacional de Milão onde estão representados 90 países (incluindo Portugal)

A Feira Internacional de Milão, inaugurada pelo Presidente da República Italiana, estará patente ao público até ao dia 25 do corrente, e calcula-se que deve ter cerca de quatro milhões de visitantes.

Estão representados 90 países, entre os quais Portugal, que participa oficialmente, meros da organização do Fundo de Fomento de Exportação e com as suas delegações de Roma e de Milão. Milão representa várias entidades mais interessadas, como o Instituto das Conservas de Peixe, a Junta Nacional do Vinho, Instituto do Vinho do Porto e ainda, o Fundo de Fomento e Propaganda do Café, além de numerosas firmas. O grande recinto da feira estende-se a uma área de 400 mil metros quadrados com a configuração de uma verda-

deira cidade, dotada de espaçosas praças e avenidas, ladeadas pelos vastos pavilhões, verdadeiros edifícios de várias andares, vistosos como belos palácios. Representam, com a utilização também dos espaços ao ar livre, uma capacidade expositiva numa área global de cerca de 640 000 m², inteiramente ocupada pelos expositores de 90 países — que andam, cada ano, à roda de 14 000. O total dos expositores anuais na Feira de Milão sob alis para cerca de 24 a 25 mil, contando ainda com os 40 certames especializados por sectores que, no decorrer de todo o ano, se realizam sob o patrocínio da mesma Feira nos seus pavilhões.

O sector que mais se evidencia é, possivelmente, o da mecânica, representando

as actividades industriais com maior incremento e expansão em todos os países mais desenvolvidos e, de modo especial, na Itália.

Foi criado um especial serviço de assistência para os comerciantes estrangeiros que visitam a feira, com o fim de lhes permitir as melhores relações comerciais com as 14 000 firmas industriais expositoras. Os visitantes estrangeiros — comerciantes qualificados — recebem (já antes de se deslocarem ao grande certame) nas delegações da Feira, funcionam em todos os países (incluindo Portugal), uma carteira de legitimção que lhes dá direito ao livre acesso ao recinto da própria feira e a toda a assistência gratuita prestada pelo S. A. V. E., instalado no Palácio Internacional dos Intercâmbios.

NOVA COMISSÃO

DISTRITAL DA U. N.

Tomará posse dentro de dias a nova comissão distrital da União Nacional no Funchal, agora nomeada pelo sr. conselheiro Albino dos Reis, vice-presidente, em exercício, da Comissão Central daquela organização.

A nova comissão fica assim constituída: presidente, dr. José dos Ramos, conservador do Registo Predial; vice-presidente, dr. Graciano Ferreira Alves, notário; vogais, dr. Carlos Manuel Monteiro de França, doutor, intendente de Polícia; eng.º Gilberto Homem de Freitas, agrónomo; dr. João de Lemos Gomes, médico; dr. João Milhã, advogado, funcionário público; e dr. Rui Faria Paes, conservador do Registo Civil.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Centro da esquerda, falta espectacular de Humberto Coelho e golo de Vuilleumier. Era o «vício»

O MÉXICO... CADA VEZ MAIS LONGE

A INFERIORIDADE DA NOSSA «SUPERIORIDADE TÉCNICA»

O futebol suíço não goza de verdadeira projecção internacional. Não tem grandes títulos de glória no passado, não conquista evidência no presente e talvez não esteja destinado a melhores proezas no futuro. Mas ontem à noite, no Estádio José Alvalade, onze robustos e decididos rapazes suíços fizeram mais do que triunfar num jogo. Eles devem ter despedido do próximo campeonato do Mundo a representação que milhões de entusiastas admiraram e muitos milhares aplaudiram no «Mundial» anterior. E para aqueles que não voltaram a ver o futebol português desde 1966 em Inglaterra, vai ser difícil de compreender essa coisa da Suíça vir ganhar a Lisboa, e por 2-0, deixando a selecção portuguesa na muito provável e pobre situação de ver o «Mundial» do México... pela TV.

Quando se efectuou o sorteio dos «Grupos» de apuramento para a competição de 70, foi um farfote de optimismo. Uma mais, outros menos, aqueles lembrando cuidados necessários, estes pensando que a selecção portuguesa iria conquistar a qualificação com toda a facilidade, generalizou-se a ideia que de gregos, romenos e suíços não podia vir mal ao mundo das nossas convicções futebolísticas.

É certo que já o futebol português sofrera o golpe de não se qualificar para a fase final do Campeonato da Europa, superado que foi pelos búlgaros. Isto, um ano depois do «brilhante» de Inglaterra, que atrairá com os Eusebios, os Simões, os Torres, os Hilários, etc., para uma evidência praticamente universal.

O fracasso do «Europeu» foi esquecido rapidamente, depois de mais ou menos justificado pelas velhas contingências do futebol, que têm nome pomposo e largas costas. Pensou-se

(não também) que a selecção nacional ia conquistar o primeiro lugar do seu «Grupo», no qual os próximos adversários a consideravam a grande favorita. A desilusão consumou-se ontem, à noite. A derrota em Atenas, enfim, já fora uma escorregadelasita, mas perder no país do adversário é normal, mesmo que esse adversário seja inferior. A tal história de que cada um em sua casa...

... Mas ontem, os da casa, os considerados superiores, os favoritos, os que tinham, teoricamente, quase todos os trunfos, sofreram uma derrota decisiva.

Como foi? O curioso é que nada do que aconteceu foi surpreendente. Esperava-se que os suíços reforçassem a defesa, com «ferro» e tudo — e foi isso que se viu. Esperava-se que fossem rápidos no contra-ataque, e foi, nem mais nem menos, o que sucedeu. E não se

aguardava (ou alguém pensou que si?) uma boa actuação dos portugueses, e também nesse aspecto as previsões saíram certas.

Ao fim e ao cabo, poder-se-ia dizer-se, e com razão,

Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

que houve uma certa má sorte nos golos que se sofreram (em ambos os defensores portugueses estiveram donos do lance) e no falhar de um ou dois muito possíveis. Mas isso não mascara a verdade de que o nosso futebol foi vertiginosamente ultrapassado. Nem está só em causa o tão debatido problema da força (aiheia) e da falta de força (nossa). É toda uma concepção em que

se perdeu o sentido do práctico, caindo-se no estilismo, no adorno, como que um falar muito para não dizer nada.

O futebol português sulamericanoizou-se. Com as vantagens dos progressos na execução, no toque de bola, no drible, nos primores técnicos, que não deixam de ser o aval dos grandes futebolistas. Mas devemos lembrar-nos de que as próprias equipas da América do Sul, apesar dos extraordinários jogadores que são os brasileiros, os argentinos e os uruguayos, foram sentindo cada vez mais dificuldades em impor a sua arte. O futebol do músculo começou a ditar a sua lei. E não só do músculo: do resultado. Com todos os esforços e toda a atenção orientados para as duas verdades do jogo: marcar e não sofrer golos.

Dai que os próprios sul-americanos, apesar de

(Continua na página seguinte)

DR. JOSÉ MARIA ANTUNES:

Ainda acredito na ida ao México

«...AGORA É, APENAS, MAIS DIFÍCIL»

Cabibauze, sentindo na carne a derrota da equipa, o seleccionador nacional, dr. José Maria Antunes, caminhou lentamente até aos balneários. Foi deserto dos últimos a entrar.

Abordámo-lo ao sair do revalido e o dr. José Maria Antunes não se recusou a responder-nos. A explicar-nos como fora aquilo: — «Tivemos muita infelicidade. A equipa, ainda que a princípio me pareceu um pouco pressa, correspondeu ao que se esperava. Os golos é que não saíram. E quando assim é...»

— Comprometida definitivamente a qualificação para o México?

— Comprometida definitivamente porque? Apenas se tornou mais difícil alcançá-la. Tal como seles vieram a ganhar nós também poderemos ir ganhar

fora. E se assim acontecer, voltamos outra vez ao princípio.

E com um gesto de revolta: — Ainda poderemos ir ao México e continuo a acreditar que iremos. Sabemos vencer os obstáculos. Os rapazes têm valor para conseguí-lo.

OUTROS JOGOS PARA O «MUNDIAL»

Para o Campeonato do Mundo (prova de qualificação) disputaram-se, ontem, mais alguns encontros. Eis os resultados:

Grécia, 2-Roménia, 2; Escócia, 1-República Federal da Alemanha, 1; República Democrática Alemã, 2-País de Gales, 1.

DOMINGO: REGRESSO AO «NACIONAL»

QUINZE MIL PORTUENSES AO «ASSALTO» DE LISBOA

O próximo jogo entre o Benfica e o F. C. Porto está a despertar um enorme interesse na capital do Norte. Segundo informes da comissão pró-sede do F. C. Porto, treze mil bilhetes que se destinam às pessoas que viajarão em quatro comboios especiais que o clube portuense «fretou» à C.P. e em cerca de duzentos autocarros, foram já requisitados ao clube. A estes meios de transporte juntar-se-ão, certamente, algumas dezenas de automóveis e outros entusiastas viajarão de avião, pelo que se calcula que cerca de 15 mil portuenses tomem o rumo do Estádio da Luz neste fim-de-semana.

Entre a massa associativa

do F. C. Porto há uma fé inquebrantável de que o clube regressará vitorioso desta jornada considerada de transcendente importância para as aspirações e anseios dos dois grandes clubes em luta.

ROLANDO, ÚNICO PROBLEMA

Para já, na equipa do F. C. Porto não há problemas de ordem física. É desconhecido, por enquanto, o estado físico de Rolando, que no jogo contra a Suíça sofreu um toque numa coxa. Mas as primeiras impressões é de que o médio portuense estará em perfeitas condições de jogar na Luz.

Hoje efectuou-se, no revalido principal das Antas, o último treino de conjunto do F. C. Porto, após o que a equipa ficará concentrada no «Lar do Jogador», de onde sairá ao princípio da tarde de sábado com rumo a Vale de Lobos.

A comitiva do F. C. Porto, com os jogadores, treinador, massagista e chefe da secção, dr. Miguel Pereira, encetarà a viagem para Lisboa em avião especial. Serão acompanhados de alguns dirigentes e do presidente do clube, Afonso Pinto de Magalhães. O avião deverá pisar solo lisboeta cerca das 14 horas de sábado.

Torneio da Primavera da Associação de Atletismo de Lisboa

A Associação de Atletismo de Lisboa fará disputar nos dias 19 e 20, respectivamente nas pistas do Campo Grande e do Estádio José Alvalade, a segunda volta do Torneio da Primavera, assim como o triatlo de iniciados e outras provas entre para as diversas categorias de atletas.



Festa do Sluiter, a compor-se para o comitê directivo

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

OS QUE JOGARAM EM ALVALADE

DE DAMAS A JACINTO JOÃO
RARAS FORAM AS NOTAS POSITIVAS

• KUNZLI, SIGNORELLI E WILLEUMIER
FIGURAS DESTACADAS DOS HELVÉTICOS

Nem sempre o tecnicismo se casa com o arrepanho. Vis-à-vis isso ontem à noite em Alvalade onde a equipa portuguesa servida por executantes de escol fracassou ante o grupo suíço, inegavelmente de menores atributos técnicos, mas infindavelmente mais veloz.

Os jogadores de Portugal quiseram fazer bem. Os helvéticos preferiram fazer depressa. E dentro dessas linhas de orientação uma foram de mais acerto do labor, do que outras. Vejamos como individualmente se comportaram

Por Encarnação Viegas

os jogadores que pisaram o relvado de Alvalade, num desafio de desagradáveis recordações para o futebol português.

Rolando e Peres — os mais iguais em rendimento

No compartimento defensivo da turma de Portugal Hilário (quem tal diria) pareceu o mais perturbado do quarteto que oscilou demasiado ante o contra-ataque apoiado dos suíços. Até o próprio Damas (mal batido no segundo gol?) não sugeriu tranquilidade e segurança.

No meio-campo terão actuado os homens mais influentes da turma portuguesa: ROLANDO e PERES. De rendimento mais igual do primeiro ao último minuto, aproveitando com acerto a relativa liberdade concedida pelos helvéticos. Poucas vezes, porém, ter-se-ão metido com afoiteza na área de remate, embora ao académico tenham pertencido as intenções mais agressivas, de entre os futebolistas nacionais.

A razão maior da derrota terá de encontrar-se na insuficiência da vanguarda, em perfurar uma coracina defensiva como foi a helvética. Complicativos os extremos, que pareciam apenas apostados em ganhar cantos, SIMÕES e JACINTO JOÃO, não puderam ser os criadores de espaços para a penetração dos «pontas-de-lança».

A verdade é que quer TORRES como HUMBERTO foram encurralados, estáticos recusando as possibilidades de penetração pelos corredores laterais.

Saram de ginástica

No próximo sábado, dia 19, o Lisboa Ginástico Clube promove o seu tradicional anual de ginástica, cujo programa inclui, para além da apresentação das classes de ginástica educativa, rítmica e aplicada, as de balé e duas modalidades das mais espectaculares: a voadora e a acrobática de mesa alemã.

As suas tentativas para se furta à marcação dos opositores eram autênticas fugas para a retaguarda sem um propósito verdadeiramente objectivo. MANUEL ANTONIO que substituiu Torres não teve ensejo para mostrar do que é capaz e quanto a JACINTO que entrou no início da segunda parte a ocupar a posição de José Carlos, convenhamos que emprestou maior vivacidade à equipa até porque como convinha, frequentemente se integrou nos movimentos atacantes.

Um triunfo de onze jogadores

Os jogadores suíços actuaram como um verdadeiro bloco. Naturalmente que mais preocupados em defender do que atacar, particularmente depois que se viram com a vantagem de dois golos.

A verdade é que para além da sua organização os helvéticos contaram ontem com um magnífico guarda-redes: PROSPER. Que bem defendeu o «keeper» suíço. Teve uma espantosa defesa, já na segunda parte a remate de Eusebio que define a classe de um jogador. A classe e os reflexos.

Da defesa, que contou com o apoio de quatro companheiros. TAOHELLA terá sido o de acção mais destacada, ocorrendo onde se tornasse necessário colmatar uma brecha. Todos eles porém nunca hesitaram em ceder canto. Muito seguros, RAMSEIER e SIGNORELLI este com a específica missão de vigiar Torres.

O ataque dos helvéticos esteve confiado a KUNZLI e a WILLEUMIER. Pois estes dois homens por si só constituíram um perigo constante para a baliza portuguesa. Rápidos, acutilantes e decididos na progressão rectilínea que se impunha, aproveitaram da melhor forma os grandes espaços que se observaram no meio-campo dos adversários.

Notável também o apoio prestado pelos extremos (técnicos) UDERMATT e QUENTIN nos movimentos ofensivos da sua equipa. Oportuníssimos a libertar-se das tarefas do meio-campo, e a integrar-se na vanguarda a ponta esquerda pôde até ir classificar o primeiro gol, que esteve na origem da primeira goleada. Mas quando isso já estava agastado para tirar vantagem das facilidades de marcação feitas pelas defesas portuguesas. E no

flanco esquerdo da cortina de protecção a Damas geraram-se muitos lances perigosos, por virtude exclusiva do n.º 8 visitante. Todos os jogadores visi-

tantes foram contudo de elevado espírito de sacrifício. Quantas vezes neutralizaram lances perigosos com risco da sua integridade física?



Nem melhor, nem pior. Sai Torres contra Manuel António

PORTUGAL-SUIÇA (0-2)

Continuação da pág. anterior

sempre ufanos do seu «melhor futebol», estejam a procurar uma europeização nos processos, desde os cuidados com a preparação física, até à simplificação do seu jogo.

Quando aos portugueses, a sua tão frequentemente apontada «superioridade técnica», começa a ser um peso terrível. O primeiro passo para uma inferioridade que os resultados não mostrando.

As duas derrotas portuguesas de ontem, à noite, num esclarecedor total de 6-0, não podem deixar de reflectir esse problema, cada vez mais evidente. Mas haverá que ter em conta outras razões, algumas delas ocasionais, como é o caso da má «forma» de vários jogadores.

(Aqui, e relativamente ao Portugal-Suíça, não faltará quem pergunte: mas então, por que jogaram esses, e não outros? Na maioria dos casos — não todos — terá de se responder com outra pergunta: Quais outros?...

A grande dificuldade está, manifestamente, nos avançados. Em três jogos (os dois de ontem e o Portugal-México de há dias) não obtivemos um único tento. Quer dizer: entre efectivos e suplentes utilizados estiveram em campo nestes jogos uma boa dúzia de jogadores com o rótulo de avançados. E nem sequer um gol! Isto não pode situar-se inteiramente no plano individual, de categoria ou má «forma». Reflecte, sem dúvida, o tal hábito, cada vez mais enraizado, de atacar «cau ralenti» e a quase total ausência de verdadeiras jogadas de «association», em que a técnica se alia à velocidade. E vê-se o que se viu ontem em Alvalade: quando se verifica a necessidade de atacar com decisão cal-se no simplismo do pontapé ao Deus-dará, a fazer a bola cair na área, com as habituais vantagens para quem defende.

Tudo isto se refere a problemas técnicos do jogo, mas há outro ponto que tem de ser, igualmente, tido em consideração. Menos de três anos depois de ser

festejada com todas as pompas e aplaudida com simpatia até pelos que não costumam entusiasmar-se com o futebol, a selecção portuguesa volta a sentir uma certa frieza, um quase alheamento sobre o que possa ou não fazer. O estado de espírito da nossa equipa, o seu ânimo ou desânimo, dependem, em grande parte, do ambiente que a rodeia. E esse estado de espírito, bom ou mau, é decisivo para o bom ou mau que uma equipa realiza.

Noutro lugar se faz mais detalhada análise da actuação dos jogadores, das dificuldades da defesa ante os céleres ataques adversários, dos «tormentos» dos «pontas-de-lança» situados, cercados de suíços, e, também, sem movimentação adequada para se furtarem, quanto possível, a tal cerco. Fala-se do que o fogo foi — não do que o fogo poderia ter sido, se...

Sim, se a nossa selecção tem tido a sorte (mesmo que fosse por sorte...) de marcar um tento antes do adversário; se, como é natural, os serviços abandonassem mais a defesa para procurar a igualdade; se houvesse a moralização do golo marcado em vez da perturbação do golo sofrido; se o princípio tem sido diferente, enfim, o jogo e as ambições dos jogadores seriam, certamente, diferentes. Não se falaria,

Circuito fechado de TV para os adeptos do Manchester

MANCHESTER, 17 — (A. N. I.) — A direcção do Manchester United decidiu montar um circuito fechado de televisão para que os adeptos do clube possam assistir, no seu Estádio de Trafford, ao desafio contra o Milão, na Itália, a 23 de Abril, para as meias-finais da Taça dos Campeões Europeus.

O secretário do clube, Lee Olive, declarou em Manchester que as negociações se encontram já na fase final, acrescentando que o desafio será transmitido num écran de 12 por 9 metros.

O projecto custará ao clube mais de 10 mil libras (685 contos).

então, e por ora, em «problemas do futebol português». Mas seria apenas um adiamento. Porque os erros, os embaraços, a confusão — estão lá.

... E não vale a pena zangarmo-nos com a selecção. Ela fez o que lhe foi possível. Que não foi o suficiente para superar uma equipa bem organizada, mas de segunda linha». E, pelo que se viu ontem, a selecção portuguesa não merece mais que a da Suíça a viagem até terras mexicanas. Pelo que vimos nestes últimos tempos, só merecemos mais a viagem ao México — do que o próprio México.

M. Z.

Árbitro: o inglês John Taylor.

PORTUGAL — Damas: Correição, Humberto Coelho, José Carlos e Hilário (cap.); Rolando e Peres; Simões, Torres, Eusebio e Jacinto João.

SUIÇA — Prosper; Mischak; Ramseier, Tachell (cap.), Signorelli e Hilerli; Odermatt e Vuilleumier; Kuhn, Kunzli e Quentlin.

Na primeira parte, 6-2. Golos de Vuilleumier, aos 20 e 25 minutos.

Substituições: na segunda parte, Jacinto rendeu José Carlos. Aos 28 minutos, Manuel António substituiu Torres e Desbrières entrou para o lugar de Quentlin.

RÂGUEBI

PARTIU PARA MARROCOS A SELECÇÃO PORTUGUESA

Partiram hoje do aeroporto de Lisboa para Marrocos, onde vão disputar o seu segundo jogo da «Taça das Nações», os raguebistas portugueses que constituem a selecção nacional da modalidade.

A delegação portuguesa é chefiada por Luís Caldas, secretário da Federação, e fazem parte da mesma o seleccionador e treinador Luís Miramon, o massagista José Almeida e os jogadores Correia Pinto, Barros Costa, José Guedes, Ponte, Lucena, Francisco Guedes, L. Penha

e Costa, A. Penha e Costa, Nuno Lino e Beana, do C. D. U. L.; Neto, Silvestre, Trindade, Nobre e Gaspar Ramos, do Benfica; Cunha, de Direito; e Ernesto, de Económicas.

Apesar da derrota no Lavradio ter tornado mais difícil a classificação da equipa nacional, é de esperar, desta vez, melhor comportamento do raguebi português nos terrenos secos do Norte de África, que facilitam o tipo de jogo dos nossos raguebistas.



Eusebio capturado no instante do remate

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

EM COVENTRY, SELECÇÕES DE «ESPERANÇAS»

SÓ TEVE «MEIO-CAMPO» A EQUIPA DE PORTUGAL

• INGLATERRA, 4 - PORTUGAL, 0

COVENTRY, 17 — (Especial para o «Diário de Lisboa») — No mesmo dia em que em Lisboa alguns celebrados jogadores portugueses se apresentaram, sensacionalmente, diante da equipa suíça, também as «esperanças» lusas, aqui em Coventry, contra as inglesas, baquearam por 4-0.

Seria caso para afirmar que ontem soprou forte aragem em desfavor do futebol português, cujo futuro parece apresentar-se nos dias de hoje sob perspectivas já que o presente se nos afigura inundado de perturbações de mau augúrio.

Os «sebastianistas» do futebol luso, que continuam amarrados às glórias do passado, deveriam ter sofrido profunda decepção...

Mas reportemo-nos ao desenrolar do Coventry.

«Como inglês deu alguma preocupação ao seleccionador Alf Ramsey, por lhe faltarem alguns elementos tidos como insubstituíveis, tais como Hurst, Royce, Osgood e Hughes, mas, diante da frágil equipa lusa, não lhe foi grandemente difícil conseguir triunfo sobranceiro.

Diga-se que determinados jogadores portugueses revelaram indiscutíveis recursos, mas os seus adversários mostraram-se superiores em todos os pormenores futebolísticos, desde o conjunto sólido e maciço, por vezes pesado e monótono, aos primeiros de execução individual e a um poder atlético que, à força de repetição, já de maneira alguma poderá surpreender a lusa gente.

O encontro revestiu-se continuamente de uma feição de claro predomínio inglês, revelando-se o quadro português vulnerável na defesa e mais ainda no ataque. E esta inferioridade ofensiva, cremos nós, também já não oferecerá surpresas de maior a quem quer que seja...

Em conjunto, os portugueses deram débil amostra de possibilidades, parecendo amilhe que alguns deles formavam equipa pela primeira vez. Na defesa registaram lapsos consecutivos, provenientes de desorganização e de falhas de atributos técnicos, embora todos os seus componentes se houvessem batido sempre com brio e voluntariedade, até ao limite da sua resistência, o que frequentemente, aliás, costuma definir a acção dos defesas nestas andanças internacionais.

No ataque é que tudo se conjugou para redundar em acção paupérrima, muito ao sabor, igualmente, do futebol português. Trabalho descomandado, escassez de audácia em tentativas de natureza individual, daquelas que amodo conduzem ao remate mais ou menos fácil ou de situações de golfe à vista. E, em conjunto, actuação de autêntica mediocridade. Nem individualismos firmes nem ligação a solicitar e a criar oportunidades de golfe. Portanto, um ataque destinado a franco malogro. E foi o que naturalmente sucedeu.

Em especial os dianteiros não poderão queixar-se da tarefa apurada dos colegas do meio-campo. Porque foram precisamente os «centro-campistas» os que se distinguiram por uma acção peritina e caracterizada por repetida eficiência. Quer dizer: foram eles — Pavão e Toni — os mais destacados elementos da equipa, não se esquecendo o defensor Murça, cuja acção, só por si, chegou, em determinados trechos, a notabilizar todo um compartimento defensivo.

Do ataque inglês na que analisámos em globo e não pela individualidade que o

constituíram. Um conjunto forte, poderoso, forte e poderoso de mais para o dos adversários. No entanto, nele houve uma «estrela» de rutinante grandeza. Queremos referir-nos ao avançado Clarke, do Leicester. Um avançado de real categoria, daquelas que enchem de fulgor um campo de jogos e o labor que despendem.

Em suma: a equipa inglesa obteve um triunfo fácil, talvez mais fácil do que esperava. As «esperanças» portuguesas foram pouco «esperançosas», aparte os três referidos elementos. Aliás o conjunto não os favoreceu. Navegaram ao sabor da corrente, raramente assinalando espírito de entrosadura. E não houve aquela determinação, aquela imaginação e aquele irrequietismo que costumam distinguir os jogadores latinos, em especial, e os portugueses, em particular, quando os tempos correm de feição e não existem nuvens negras a acastelá-los no horizonte. E, quando a condição atlética não ajuda, então os malogros surgem com um realismo ainda mais chocante. Na verdade, foram pouco «esperançosas», aqui, em Coventry, as «esperanças» de Portugal.

Árbitro: Vang Emert (holandês).

INGLATERRA — Shilton; Smith, Booth, Sadler e Pardee; Doyle, Robson e Clarke; Coles, Evans e Henson.

Após 25 minutos de segundo tempo, Nick substituiu Sadler.

PORTUGAL — Fomes; Barros, Calé, Adriano e Murça; Mário Campos, Toni, Pavão e Toni; Nelson e Camelas.

No segundo tempo, Chico substituiu Camelas.

As intervalos 2-0.

Goles de Clarke (9 e 40 m. da primeira parte), Simpson (24) e Robson (60).



Foto de Jorge Sporting-Desportivo de Lourenço Marques. Os jogadores estão no ataque.

BASQUETEBOL

O SPORTING A UM PASSO DO TÍTULO NACIONAL?

Realizou-se ontem a penúltima jornada do Nacional de Basquetebol. Os clubes com a vitória de ontem devem assegurar o título subtraindo (claro e com o maior respeito pelo Sporting de Luanda), a possível vitória deste no encontro de hoje.

O jogo de ontem começou equilibrado, com as equipas a alternarem na defesa, homens-a-homens e zonas flutuantes.

Os homens do Sporting actuaram muito bem no capítulo defensivo, em que construíram uma barreira tal que os ataques moçambicanos não conseguiram penetrar. Não surpreendeu, portanto, que passados alguns minutos o Sporting, saindo bem para o contra-ataque, começasse a usufruir de vantagem, que mais se acentuou a partir do meio da segunda parte, acabando, por vencer de forma indiscutível e com toda justiça pela diferença expressiva de vinte e nove pontos.

Esta equipa do Desportivo mostrou-se na vulgaridade idêntica às equipas médias existentes na Metrópole. Esperávamos mais, de facto, do representante de Moçambique.

No primeiro encontro da noite, a Académica venceu (sem contestação) o Sporting de Luanda, dominando o encontro de início até final. Os rapazes de Angola, como tem sido seu apanágio, lutaram abnegadamente. Mas, parece-nos que alguns dos seus elementos já não

possuem a mesma frescura física do início da competição. E mais que justo salientar (e aqui abrimos uma excepção devido à regularidade das suas actuações) o jogador Carvalho, pivô do Sporting de Luanda, que de facto mostrou ser fora de série (pela facilidade de processos e eficiência). Sózinho na tabela, deu luta aos vários «estabelecidos» das restantes equipas.

Alinharam e marcaram: ACADÉMICA (81) — Reis Pires (6), L. Almeida (27), Guy (22), Hilmário (2), Bagnina II (13), Gomes (5), Bequeira (2), Sérgio (2), Catarina e Ching (2).

SP. LUANDA (61) — José

Santos (7), José Maria (8), Carvalho (30), Macedo (8), Barbosa (2), Barroso (1), Guimarães Santos (3) e Guerreiro (2).

Árbitros — José Cardoso e Orlando Rebelo.

DESSPORTIVO (46) — Paulo Carvalho (14), Lima (4), Aleixo (9), Arruda, Lopes (8), Alves (6) e Aurélio (9).

SPORTING (74) — José Mário (5), Encarnação (18), Sousa (8), Augusto (11), Sobrelho (19), Valente (10), Montelero (6) e Vicente (2).

Árbitros — Carlos Tomás e A. Baptista.

Classificação — Sporting, 9 pontos; Académica, 8; Desportivo, 8 e Sp. Luanda, 5.

TIRO EM BRAGA

O Clube dos Caçadores de Braga promove, de amanhã a domingo, provas extraordinárias de tiro ao voo, dotadas com valiosos troféus e magníficas prémios pecuniários.

O programa é o seguinte: AMANHÃ — Taça «Raul Dias» e quarenta mil escudos. Distâncias de tiro: vinte e dois, vinte e cinco e trinta e sete metros. A tarde, a um pêssoiro.

SABADO — Campeonato do Clube («Taça Câmara Municipal de Braga») e setenta mil escudos. «Poules» em quinze pêssoiros a 26 metros de distância.

DOMINGO — Grande Prémio («Taça de Ouro do Go-

verno Civil de Braga») e noventa mil escudos. Prova de «poules» em doze pêssoiros, com handicaps.

As inscrições de tiradores fazem prever um inusitado movimento de interesse em torno destas competições que, por iniciativa do Clube dos Caçadores de Braga e sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Tiro a Chumbo devem atrair, à capital do Minho, inúmeros forasteiros.

Não se tem poupado a esforços, no sentido de reunir o melhor conjunto de tiradores do momento, a direcção do Clube, constituída por Fernando Gomes, Vitor Laranjeira, Joaquim Manuel Ferreira, José Pezoto Rodrigues, Alberto Jorge Teixeira Gomes, João Vieira e Maurício Freire.

TORNEIO DE TIRO AOS PRATOS

O Clube dos Caçadores Portugueses realizou no dia 20 no stand dos Soeiros, um torneio de tiro aos pratos para o qual foram instituídos valiosos prémios e troféus.

HOJE À NOITE

BADMINTON — Primeira jornada do Torneio de Pares-Veteranos promovido pelo Clube de Badminton de Lisboa, na Escola Nuno Gonçalves, às 21 e 45.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão (masculino): Sporting-Sporting de Luanda, às 21 e 15; e Académica-Desportivo de Lourenço Marques, às 22 e 30, no Pavilhão da Tapada da Ajuda.

GINÁSTICA — Povo dos dirigentes eleitos para cargos vagos, na Federação, às 21 e 30.

TÊNIS DE MESA — Torneio Popular de Seniores: Série A: Palmeiras-Oriental,

Beatas B-Luizano e Combatentes-Vikória, Série C: Estrelas de Alvalade-Beatas B e Académica 1.ª de Junho-Bairro Tachas, às 21 e 30, na mesa dos primeiros.

— Campeonato de Lisboa de Seniores: Combatentes-Sporting, na mesa do primeiro, às 21 e 30.

— Sorteio das mesas e dos dias do final da Taça de Portugal de Seniores (fase de Lisboa), entre o Sporting e o Benfica, na Associação, às 21 e 30.

VOLÉIBOL — Campeonato de Lisboa de Seniores: C. D. U. L-Faculdade de Ciências, na Faculdade de Ciências, às 22 horas.

CICLISMO

NÃO VAMOS À «VUELTA»...

Comunica a Federação Portuguesa de Ciclismo:

«Por sugestão do Conselho Técnico, realizou-se ontem, na sede desta Federação uma reunião entre os ciclistas indicados como possíveis seleccionados, o técnico Manuel Graça e os membros desta Direcção, para se indagar das condições físicas em que se encontravam os referidos ciclistas e bem assim do seu interesse pela participação na Volta d'Espanha.

Após troca de impressões foi declarado pelos ciclistas não se considerarem com suficiente preparação para tomar parte naquela dura prova.

Esta decisão não foi também confirmada pelos respectivos directores de clube do F. C. Porto e Sporting.

Como não é a esta Federação que compete dar a adequada preparação dos ciclistas e encarregar o problema bem de frente, visto não haver a mínima garantia de uma representação digna das cores nacionais, embora com profundo pesar, decide-

rou esta Direcção não participar na aludida prova.

Sobre o assunto e presidente da Federação de Ciclismo, Lúcio Freitas, declarou-nos esta manhã:

— A maior parte dos ciclistas ainda não possui, inegavelmente, a quilómetros necessários para uma prova desta natureza. Além disso, houve outros problemas: Leonel Miranda disse não estar ainda recuperado totalmente da ruptura contrainda em França; Joaquim Agostinho afirmou, igualmente não se encontrar bem, não ter forças e de que o médico o aconselhava a desistir. Já depois, se mostravam dispostos a ir Fernando Mendes e Joaquim Andrade. Porém, ainda que outros possíveis seleccionados fracassaram miseravelmente durante o «Prémio Bispo de Faro» e panaceia, não animados, resolveu-se que seria melhor não mandar ninguém de que estar a improvisar uma equipa que, logo nos primeiros dias de prova, se iria revelar muito reduzida. Por isso não estamos em «vuelta».

O NORTE

Hoje em Lisboa e partir das 14 horas
O SUPLEMENTO DE AUTOMOBILISMO
DA PRIMAVERA (doz páginas) com os preços
de todos os automóveis à venda em Portugal
Ao preço da edição normal

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje — UM IMPERIO NA SELVA — Politeama
— FALEMOS DE HOMENS — Estudio 444
— HISTÓRIA DE UM ASSALTO — Avis

* POLITEAMA

12 anos Tel. 335305
NOVE À NOITE — As 21.30
 Sessão de Alta Tensão
 com MARTIN MICKER

* UM IMPERIO NA SELVA

A história de três aventureiros num império de sonho e morte (col.)

HOJE — As 18.30
SESSÃO CLÁSSICA
 (Maiores 17 anos)

* ODEON

Tel. 335305
 As 15.15 e 18.15 (P.r.)
 e As 21.30

GRANDIOSO ÊXITO
 Uma comédia em alto estilo
 de fascinação espectacular

* AMOR ANDALUZ

com Carmen Sevilla
 Francisco Rabal e Arturo
 Fernández
LINDAS CANÇÕES
 Eastmancolor

* IMPERIO

(M. 12 anos) Tel. 335324
 A maior produção cinematográfica do mundo

1.ª e última semana

* AUSTERLITZ

1.º episódio de
«GUERRA E PAZ»
 70 mm — Monocolor
 Realiza de Sergei Bondarchuk
 segundo a obra de Leo Tolstoy
 Horário das sessões:
 Sessão Filme
 15.30 18.15
 21.30 21.45

* ESTUDIO

(M. 12 anos) Tel. 335309
 As 15.30 18.30 e 21.45

4.ª SEMANA
 Technicolor — Techniscope

* CHARLY

Um filme de Ralph Nelson
 com Cliff Robertson e Claire Bloom

* LIDO

Praça D. João I — Amadora
 (M. 12 anos) Tel. 937593
 As 21 e 30

O mais original filme musical
 de todos os tempos!

* CHITTY, CHITTY BANG BANG

Em maravilhoso 70 mm
 com Dick Van Dyke

* ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 739605
ESTREIA — As 21.45
 A completa dissecação de
 homem pelos processos mais
 femininos

* FALEMOS DE HOMENS

c/ Nino Manfredi e Margaret Lee

* SAO LUIZ

(Adultos) Tel. 337772
 As 15.15, 18.15 e 21.30
 O maior filme policial dos
 últimos vinte anos

* STEVE MCQUEEN & BULLITT

TECHNICOLOR

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 733000
 As 15.45 e 21.45
 O maior filme policial dos
 últimos vinte anos

* STEVE MCQUEEN & BULLITT

Verbo jura e cognoscit

* EDEN

(Adultos) Tel. 337700
 As 15.15, 18.30 e 21.45
 O maior filme policial dos
 últimos vinte anos

* STEVE MCQUEEN & BULLITT

TECHNICOLOR

* TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 330017
 As 21 horas

* AS DUAS MULHERES

MODELOS DE PARIS

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
 As 21.30

* A FLOR AMARGA

com Melville Darc, Anouk
 Fajó e Henri Garcia

* LIZ

(Adultos) Tel. 483640
 As 21 horas

* A CONDESSA DE HONG-KONG

O MISTÉRIO DO CÍRCULO
 VERMELHO

* IMPERIAL

(Adultos) Tel. 450333
 As 21 horas

* A MULHER DESCONHECIDA

DINGAKA

* AVIS

(Adultos) Tel. 67163
 As 21.45 — ESTREIA
HISTÓRIA DE UM ASSALTO

Eastmancolor — Deltascop
 c/ Tomas Millan
 e Anita Ekberg

* SAO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
 3.ª SEMANA
 As 18.15 18.30 e 21.30

Uma verdadeira paixão
 cinematográfica

* A FESTA

com Peter Sellers e Claudine Longet

* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 30305
 As 3 da tarde (p. r.)
 e 8.30 da noite

Alex Debon, Romy Schneider
 e Maurice Ronet em

* A PISCINA

Um filme de Jacques Deray

* CONDES

Tel. 335323 - 336710
 As 18.15 e 21.15 (Adultos)
 3.ª SEMANA

* E TUDO O VENTO LEVOU

c/ Clark Gable Vivian Leigh,
 Leslie Howard e Olivia de
 Havilland

O filme começa a ser exibido
 10 minutos depois do início
 das sessões

* MUNDIAL

(Adultos) Tel. 335743
 As 15.15, 18.30 e 21.45

* 2.ª SEMANA

Edward G. Robinson e Janet
 Leigh em empolgante história de
 um roubo audacioso

* O ÚLTIMO TRUNFO

Cinemascop — Technicolor
 Um filme que é um êxito!

* EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
 As 15.15 e 21.30

* EM 3.ª SEMANA

uma comédia piante e maliciosa
 c/ David Niven e Lela Albright

* A MINHA FILHA É UM PROBLEMA

SCOPE - COLOR

* MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
 As 18 e 21.30

* 4.ª SEMANA

FUNNY GIRL
 Uma repartição endiabrada
 com Barbra Streisand
 e Omar Sharif

* QUINZEANA

O AMOR NO CINEMA

Amanhã — 18.30 h. — Adultos
FORA DO DESEJO, de King
 Vidor, com Charlton Heston,
 Jennifer Jones, Karl Malden
 Dia 21: **O Grande Amor da**
Minha Vida (Adultos)

* ROMA

(Adultos) Tel. 737778
 As 15.15 e 21.15

* 3.ª SEMANA

* O FILME DOS 10 OSCARES

E TUDO O VENTO LEVOU

70 mm — Metrocolor
 c/ Clark Gable Vivian Leigh,
 Leslie Howard e Olivia de
 Havilland

Atenção: o filme projecta-se
 10 minutos após o início da
 sessão

* CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 288729
 As 17 e 21.30 horas

* OS TEUS, OS MEUS

E OS NOSSOS

c/ Lucille Ball, Henri Fonda,
 Van Johnson e Tom Bosley

FARMACIAS DE SERVIÇO

* Em Lisboa — Turno C

ALVALADE — Senas, Av. do Gra-
 ma, 31-C (776905) e Aeroporto
 Av. Gago Coutinho, lote 0-0
 (6 Av. D. Rodrigo do Cunha)
 (722384) e Rio de Janeiro, Av.
 Rio de Janeiro, 4-C (6 Av. Es-
 tados Unidos da América —
 (721409)

ALCANTARA — Vieira Reis, Rua
 Prior do Crato, 14 (660 871)

ALMIRANTE REIS — Centro, Av.
 Almirante Reis, 76-A (443731)

ALTO DO PINA — Liberdade, R. Ba-
 rão de Sabrosa, 235-A (6 Al-
 ameda) (728277)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

AVENIDAS NOVAS — Campo Pa-
 queiro, Av. da República, 58-D-
 E, (77 661) e Figueiras, Av.
 Marques de Tamar, 20 (449958)

* OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — As 21 e 45.
 «Anatomia de uma história de
 amor» (17 anos)
A B C — As 20 e 45 e 23: «Elos
 é que sabem» (17 anos)
VARIEDADES — As 21 e 45: «Car-
 toas no mesa» (17 anos)
GIL VICENTE — As 21 e 45: «Ma-
 na Shurt» (12 anos)
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45
 e 23: «Mãos & Ombros» (17 anos)
MONUMENTAL — As 21 e 45:
 Quando ela se despiu» (17
 anos)
VILLARET — As 21 e 23: «A Pre-
 guiceira» (17 anos)

CINEMAS

CINEARTE — As 21: «O que me
 deu o amor» (17 anos)
PARIS — As 21: «A Lenda de
 uma estrela» (12 anos)
ROYAL — As 21: «Guarnição
 permanente» (12 anos)
ARCO IRIS — As 21: «Histórias
 magníficas» (17 anos)
JARDIM — As 21: «O grande
 Carnaval» (12 anos)
OLÍMPIA — As 9: «Continente
 perdido» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Adus
 amigos» (12 anos)
PROMOTORA — As 21: «O adus
 agente especial» (17 anos)
CINE ORIENTE — As 21: «A mar-
 te espera em Atenas» (12 anos)
UNIVERSAL — As 21: «O homem
 de Oklaoma» (12 anos)
A VOZ DO OPERÁRIO — As 21:
 «As cartas do enforcado» (12
 anos)

ENCARNAÇÃO — As 21: «A vida
 de uma estrela» (12 anos)
VOL DE LOURES — As 21 e 30:
 «A noite perversa» (12 anos)
SALÃO LISBOA — As 9: «Mon-
 tinho de Luz» (17 anos)

* Linha de Cais

PARADE — ROYAL — CINE — As
 21: «Os longos dias de vingan-
 ça» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — As 17 e
 21 e 30: «Os teus os meus
 e os nossos» (12 anos)

CASCAIS — 5 JÓIA — As 21 e 30:
 «Quem tem medo de Virgínia
 Woolf» (17 anos)

* Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21
 e 30: «Viva Diogo» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO J.A.R-
 DIM — As 21 e 30: «Se o meu
 marido estiver desligado» (17
 anos)

COVA DA PIEDADE — UNIAO
 ARTÍSTICA — As 21 e 30: «O
 Diabo atrás da porta» (17 anos)

* Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21
 e 30: «O grande mestre do cri-
 me» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE ARTU-
 GAL — As 21 e 30: «O in-
 gador atira à esquerda» e «Má-
 cora do Zorro» (12 anos)

QUELUZ — QUELUZ CINE — As
 21 e 30: «Deserto em chamas»
 e «Kongo» (12 anos)

MEM MARTINS — CINE-CHABY
 — As 21 e 30: «Blue» (17 anos)

SINTRA — CARLOS MANUEL —
 As 21 e 30: «A revolta dos
 Cascais» (12 anos)

BOM APETITE

* CANTARELA

E. de Torres - Lamas - 770168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
 (M. 15 anos)

* O CONVES

Av. Santos Paredes
 de 10.000
 Tel. 51252 - 51256

* RESTAURANTE SNACK & PASTELARIA

e todas as noites
 para M/ 17 ANOS
 VÁ AO

* PORÃO DA NAU

Restaurante familiar
 português
 100 BONS VINS
 ESPANHOLOS
 Tel. 50529 - 51250

* KANGAI

Av. Duque de Loulé, 28-B
 Tel. 578 78
 (Grande)
 6 Embaixada Americana
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
 e o melhor arroz
CRAB CHAO

* MINABELA

Restaurante
 Churrasqueira
 Portuguesa

Estabelecimento
 muito agradável
AMADORA — Tel. 938161-2
QUELUZ — Tel. 951511

* RESTAURANTES

* O MANEL

Todos os dias e sempre
LAMPREIA & ARROZ DE
FRANCO A MINUTO
LARGO DO RECTOR, 1.
FILED 34982
 Piquete Mayor

* RESTAURANTE

* QUINTA DE S. VICENTE

Telhadas do Clima, 44
 Tel. 790211

* JANTARES

* DANÇANTES

com o conjunto privativo
 dos sábados e domingos

AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
 Parque privativo para
 automóveis

* NOVO RESTAURANTE

* AZEITÃO

ESTRADA LUSO-GERMÂNICA
 Tel. 23 82 45

LOCAL APROPRIADO PARA
 ALMOÇO, JANTAR, CHÁ
 E JANTAR

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS & ELÉTRICIDADE —
 Companhia das Águas 361333
 e Companhia de Gás 337011
 e Companhia de Gás 337011
 e Companhia de Gás 337011

BOMBEIROS — Sapadores 32223
 e Voluntários 55524

POLÍCIA & G.M.R. — Serviço de
 emergência, 115 e Segurança
 Pública, 366141 e Judiciária,
 555380 e Marinha, 326456 e
 Internacional, 362721 e Via-
 ções e Trânsito, 42205 e G.M.R.
 (área rural) 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342
 e Santa Maria, 665342
 e Santa Maria, 665342
 e Santa Maria, 665342

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342
 e Santa Maria, 665342
 e Santa Maria, 665342
 e Santa Maria, 665342

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342
 e Santa Maria, 665342
 e Santa Maria, 665342
 e Santa Maria, 665342

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342
 e Santa Maria, 665342
 e Santa Maria, 665342
 e Santa Maria, 665342

DIÁRIO DE LISBOA

Propriedade de
Renaissance Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End Tel DIBOA, Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Um enorme tubarão foi pescado nas águas nortenhas

PORTO, 17 — Os tripulantes de uma pequena batéria da Aguda, sa-

liram, quando se ocupavam na pesca de nível ao largo de Espinho, em determinado momento, um peso excessivo na rede vende o perigo que lhe constituía, cortaram as cordas até que um barco de maior porte se decidiu a rebocar a rede para a praia. Uma vez ali, e ante o pânico geral, verificou-se que o peixe capturado era nem mais nem menos do que um tubarão, ainda com sinais de vida. Pouco depois, porém, o grande caual morria.

Entretanto, o comandante do posto da Guarda Fiscal daquela área tomava conta da ocorrência, providenciando para que o tubarão fosse adquirido por alguma empresa interessada. Tal não sucedeu, e apenas houve um ganrímo, que se trata de um espécime de espécie afim, cortou um pedaço de carne com o qual se foi deliciar.

Cafe, no entanto, o enorme tubarão, a continuar ali exposto constituía perigo para a saúde pública, a Câmara Municipal de Espinho ordenou

que fosse enterrado na praia. Assim, uma brigada de trabalhadores camarários abriu uma profunda vala, onde foi «sepultado» o tubarão, depois de o haverem cortado aos bocados.

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica ter sido morto, em combate, na província de Guiné, o soldado pára-quedista n.º 304/68, José Maria da Silva, natural de Penamacor e filho de António da Silva e de Maria Teresa.

De vez em quando

Futebol é assunto, sobretudo após a jornada nefasta de ontem. As equipações perduram em Coventry e as que tinham algumas no jogo de Alvalade perderam-nas, sem aplicação nem agravo ao fim de noventa minutos. Jogos admiravelmente, fossem alarde de grande classe, exibiram valores individuais de alto nível, mas perdemos... Como se diz em linguagem futebolística, fracionamos na zona da verdade. Agora, generalizando, continuamos a ser excelentes pessoas, argutas, trabalhadores capazes de sacrifícios, bons chefes de família, somos todos muito bons... mas é o que estamos a ver.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO VOL. — Na atmosfera: 16,8, na água do mar: 15,2.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa e Alvalade, 27°, mínima: Penhas do Souto, 4,2.

PREVISÃO GERAL
ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do bom tempo com possibilidade de formação de nevoeiro durante a madrugada na faixa costeira ocidental. Vento fraco.

Amanhã
Nevos: de 6 a 17
Gelo: de 20 a 16

MAR:
PREIA-MAR: Dia 17 — 4 a 32 (4,2 m), 16 a 54 (4,1 m); Dia 18 — 5 a 10 (4,1 m); 17 a 26 (4,0 m); Dia 19 — 5 a 47 (3,9 m); 18 a 03 (3,9 m); BAIXA-MAR: Dia 17 — 10 a 17 (0,8 m); 22 a 35 (0,8 m); Dia 18 — 10 a 50 (0,9 m); 23 a 10 (0,9 m); Dia 19 — 11 a 23 (1 m); 23 a 44 (1 m).

Surpreendido a arrombar a janela de um café

O guarda-noturno n.º 150, ar. António Manuel Trindade, pertencente à 31.ª esquadra da P. S. P. (Régio) apresentou ali, esta madrugada, pelas 2 horas, o sr. António Martins Ferreira, de 17 anos, solteiro, mecânico de automóveis, natural de Alcaide-Fundão e residente na Travessa da Habixa, 13, à Quinta José Pinto Házio do facto? Momentos antes o Mar.

Uma Ferreira fora surpreendido, na companhia de outro indivíduo, cuja identidade se ignora pela conseguida fugir, a arrombar a grade de uma janela das trazeiras do Café Helsinguio, n.º Av. Madame Curie, 3, letra A, pertencente ao sr. Manuel Ribeiro Machado, residente na Estrada de Benfica, 99, 1.º.

Na esquadra, o Martins Ferreira declarou que com o arrombamento pretendia assaltar o referido estabelecimento.

Tentavam assaltar uma loja de copelista

Os srs. António da Silva Rijo, de 16 anos, solteiro, natural de Santa Eulália, Elvas, que diz residir na Rua Capitão Tenente Oliveira e Carmo, lote 10, 51-1, Dt. no Bairro, e José António Ferraz, comp. a mesma idade e também solteiro, natural de Santa Engrácia, nesta cidade e aqui residente, segundo declarou, na Travessa do Conde de Avintes, 40 r/c, foram, esta madrugada, pelas 3 e 10, indicados a um guarda da P. S. P., pelo sr. João Novais, de 29 anos, casado, coxeiro de praça, natural de Alcaide e residente em Guimarães, no Bairro de S. José, acidentalmente em Lisboa, que os acusou, de momentos antes, por meio de chave falsa, tentarem abrir uma porta de um estabelecimento de copelista existente na esquadra do prédio n.º 2 da Rua Dom Duarte.

Na 8.ª esquadra da P. S. P., confessaram que tinham entrado naquela esquadra e se propunham abrir uma das portas da mostra da escada, a fim de roubarem dali as roupas que se encontravam expostas, o que não conseguiram por terem sido surpreendidos. Acreditaram já terem furtado vários objectos, entre os quais faróis de automóvel e também dinheiro a indivíduos embriagados que atraíam a locais apropriados para o assalto.

Série de cinco lições pelo prof. Fritz Mattick na Faculdade de Ciências

No anfiteatro de Botânica da Faculdade de Ciências de Lisboa, começou esta manhã o anunciado curso de cinco lições sobre «Formas de crescimento das plantas como fundamento das unidades de vegetação», regido pelo prof. Fritz Mattick, da Universidade Livre de Berlim.

Estas lições são dadas às quintas (das 10 às 11 horas) e às sextas-feiras (das 17 às 18 horas).

O prof. dr. Fritz Mattick desloca-se a Portugal a convite do Instituto Botânico da Faculdade de Ciências de Lisboa e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

A assistência ao curso (que é em português) é livre.

BAILE DOS QUINTANISTAS DE MEDICINA

Os quintanistas da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa levam a efeito no próximo sábado, dia 20 de Abril, no Espelho de Água, o seu tradicional baile.

Os pares dançarão ao som dos ritmos modernos tocados pelos conjuntos: «Quinteto Académico+2», «Os Beatniks» e «The Mechanical Dreams».

Os bilhetes estão à venda e podem marcar-se mesas na Sala de Alunos da Faculdade de Medicina.

O motorista do Porto que agrediu um viajante teria usado uma pistola de alarme

PORTO, 17 — A P. S. P. continua a procurar o motorista de táxi, José Feltes Guimarães, de 30 anos, casado, Rua da Areosa, que, de madrugada, após uma discussão por causa de um problema de trânsito, alvejou com três tiros de pistola, junto à Praça de D. João I, o viajante sr. Fernando Ribeiro da Costa, de 28, casado, Rua do Amparo, 88-A, 3, que seguiu em sentido contrário, ao volante do seu automóvel e teve de ir ao Hospital de Santo António, receber tratamento pois ficou ferido na cabeça, junto de uma orelha.

Pessoas que assistiram à cena, após ocorrência, embora um tanto ou quanto longe, e que ocorreram logo após o acto do motorista, o qual primeiramente, puxou de uma navalha para agredir o viajante, têm a impressão de que a arma de fogo que ele sacara, depois, era uma pistola de alarme. De facto, dizem que o motorista disparou os três tiros com a arma mesmo encostada à cabeça do agredido, e que o ferimento teria sido provocado por haver o agressor batido junto à orelha. A Polícia, entretanto, investiga.

Prepara-se o desfile em Ilhavo das típicas «marchas» joaninas

ILHAVO, 17 — Todos os anos, mais ou menos, acontece o mesmo: quando as «marchas» de S. João se exibem no pavilhão, em ambiente de euforia, há sempre quem diga, no auge do entusiasmo:

— Para o próximo ano, sim, vamos ter coisa de arromba e com organização impecável!

Os meses decorrem e depois é sempre a última hora que se trata do assunto. Este ano a direcção do Ilhavam Clube, dinâmica e oportuna, resolveu organizar as marchas sanjoaninas, com o auxílio da Câmara, e para isso foram convocados os representantes daqueles diferentes agrupamentos, e só a de Cimo de Vila, por dificuldades de vária ordem, não deu a sua adesão. Como o Município prometeu a sua importante ajuda, tudo indica que tenhamos as «marchas» sanjoaninas a exibirem-se no nosso magnífico pavilhão.

Proseguem os trabalhos preparatórios e as dificuldades maiores têm sido resolvidas. Para já, teremos as «marchas» de Alqueidão, Maçada e Rio Pereira, e último-

seria que viesse também representação das Gafanhãs.

As festas à Senhora do Pranto

Uma comissão de habitantes do Bairro de Cimo de Vila, da qual fazem parte, entre outros, os srs. António Marta, capitão António Madal Veiga, Francisco Barreto e José Balde, resolveu levar a efeito este ano, com brilhantíssimo programa, as festas tradicionais de Nossa Senhora do Pranto. Estão já contratadas a Música Velha da vila, cujos componentes estrearão os novos uniformes; a Banda do Asilo Distrital de Aveiro; e do norte do distrito virá lúrida ornamentação originalíssima que, certamente, alcançará grande êxito. Também os dois arcos alegóricos, garridos e de motivos regionais, que são a atracção e o encanto das rapazes do Bairro.

Haverá fogo aéreo e prelo de grande categoria e grandes fogos de artifício na última noite das festas. A comissão conta com o auxílio de todas as entidades, com a ajuda dos ilhavenses residentes na América do Norte, po-

gas dezenas de milhares de escudos.

Uma agremiação progressiva

A actual direcção do Ilhavam Clube, a qual preside o sr. eng.º João Fonseca, realizou no edifício da sede, obras de renovação e aforamento que muito a valorizaram no aspecto decorativo e funcional. Foram pintadas todas as paredes interiores, a sala de biblioteca foi decorada com fino gosto e a de jogos sofreu radical transformação, em beleza e com arranjos tónicos regionais de belo efeito e a decoração do novo bar em expressões caprichosas, com base em portenhos de feição marítima e ribeirinha.

Cestações de férias, com suas famílias, têm visitado a sede, renovada, e muitos dos que haviam emprestado determinadas quantias ao clube para a cobertura do pavilhão, entregaram-nas, total ou parcialmente, colaborando, assim, com a direcção, num significativo gesto de solidariedade. Bom será que se mantenha este ritmo de progresso, a bem desta laboriosa e progressiva terra marítima.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

ESTA SEMANA

motor

SAI AMANHÃ COM 32 PAGINAS

com assuntos de grande actualidade, artigos de maior interesse e, além de todas as suas secções habituais.

Um Suplemento dedicado à NAUTICAMPO

Preço 150

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

N.º 559/17 DE ABRIL DE 1969



EU, MANOLO DIAZ

Entrevista de José Duarte (nas centrais)



Vailland resuscitado: sob o inimitável regard froid, a duplicidade (dramática) do libertino

VAILLAND ÍNTIMO

por Álvaro Manuel Machado

VAILLAND contra Vailland. Vailland ou a arte da negação.

Quatro anos depois de morrer, Vailland resuscita. E este Vailland resuscitado agora nos seus *Écrits intimes*, publicados pela Grail, é uma espécie de herói-mártir do nosso tempo, mantendo embora o seu inimitável regard froid. Para lá do Vailland resuscitado-libertino e do Vailland da «grande ilusão» política, para lá do Vailland perdido do amor sádico, há ainda um Vailland possessivo dos mitos e dos tabus sexuais da infância e da adolescência. E este último Vailland, que se mantinha até agora na sombra, surge como uma espécie de duplo do libertino: este afirma-se na medida em que luta desesperadamente por negar a si mesmo.

Já com a publicação recente, nos *Cahiers de l'Unité*, dos textos completos e de um estudo sobre os dois primeiros movimentos surrealistas (Lautréamont, Le Grand Jeu (I), Le Grand Jeu (II)), este aspecto psicológico de Vailland fica mais em evidência. Basta, ao longo do estudo de *Écrits intimes*, a leitura de alguns textos e da introdução de *Le Grand Jeu* (I) e *Le Grand Jeu* (II) para percebermos a importância deste aspecto da obra de Vailland. É este aspecto que vamos agora analisar.

pour la psychanalyse d'un libertin esse aspecto torna-se complexo e insofismável.

DROGA E POESIA

A primeira parte dos *Écrits intimes* vai de 1923 a 1934. É a «saison» (utilizando o termo com que Vailland gosta de qualificar as metamorfoses por que vai passando) da droga e da poesia. É a «saison» do surrealismo adolescente dos *Simplistes* do liceu de Reims. Droga e poesia são então para Vailland as únicas armas que utiliza contra a rígida tradição familiar católica e sobretudo contra o seu complexo de inferioridade perante as mulheres (há referências nestes *Écrits intimes*, mais tarde, a um complexo de castração).

É curioso ver, para lá evidentemente da tão elementar estrutura de pensamento filosófico, a maneira como Vailland — num artigo publicado no primeiro número do *Grand Jeu* (1928) a propósito dos *Destins* de Montherlant — usa o conceito de metamorfose ao conceito de religião: *Que dans toutes les religions la métamorphose, commentée par l'acte, est la condition, comme un progrès dans la vie spirituelle, il n'est là rien d'étonnant pour ceux qui ont*

quelque peu médité sur l'Unité. (...) La multiplication et la confusion des formes est un premier pas vers la communion cosmique. C'est le commencement de la fusion en l'Unité.

Paris e as mulheres são a primeira metamorfose de

(Continua na 7.ª página)



Vailland no trajo de Vasco

Um curso sobre ALMADA NEGREIROS



Folhetim artístico de José Augusto França

UMA EXPERIÊNCIA acaba de ser feita que me parece de registar. Porque fui eu quem a fez, tenho sobre ela boa informação e mais certezas e dúvidas do que qualquer outra pessoa. Em boa verdade, porém, não fiz sozinho esta experiência, mas com umas dezenas de pessoas que a justificaram.

Trata-se de um curso sobre a obra de Almada Negreiros, realizado no quadro da minha cadeira de «Noções de Sociologia da Arte» no Curso de Formação Artística na S. N. B. A. Doze lições programadas durante três meses, para cobrir a inteira e múltipla actividade do poeta, do dramaturgo, do escritor, do pensador e do artista. E para tentar definir ou entender a sua situação no complexo sociocultural português.

Sobre Almada Negreiros escreveram-se já, que eu saiba, duas teses de licenciatura em Românicas, uma em Lisboa outra em Coimbra, e em Bruxelas uma professora lusófila prepara um doutoramento — mas sempre sobre o homem de letras, deixando um pouco de parte o homem de arte, por alheia especialização dos pesquisadores. No entanto, ninguém em Portugal foi tanto de Arte e de Letras como Almada Negreiros. Numa cultura onde os dois domínios são tradicionalmente estanques, sendo breve a cultura literária dos artistas e afiliva a falta dela nos escritores — o caso de Almada é único. Na geração seguinte à sua, situou-se no mesmo plano um António Pedro — mas com dosagem diferente da sua, no campo literário, e, em invenção poética, no campo das artes visuais. Aonde trouxe uma dimensão cénica específica. Dele, de resto, penso ocupar-me no próximo ano lectivo, dentro do mesmo ensino do C. F. A. — ensino marginal-mas-no-fim-de-contas-mais-actuante-que-o-outro...

Almada Negreiros é, assim, objecto universitário. Ele é também objecto cinematográfico: neste momento, preparam-se dois filmes sobre a sua pessoa e obra — um do Ernesto de Sousa, com colaboração de muita gente do dito C. F. A. e minha também; outro é do António de Macedo, com colaboração do David Mourão-Ferreira e pena minha em recusar a que me foi pedida, por anterior compromisso. Será também ele objecto dum livro-álbum que poderá sair do filme de Ernesto de Sousa, melhor, com certeza, do que já foi dum livrinho das Edições Artís que escrevi há meia dúzia de anos e se esgotou. Melhor ainda ele o poderá vir a ser, ou deverá ser, dum verdadeiro livro como há mais anos falhei escrever para outro editor — e do qual me ficou apenas, no bico da pena, o sabor dum título: *Almada Negreiros, ou o Português sem Mestre...*

Supervalorização, endeuasamento, mitificação dum homem de carne e osso, como há quem pense? Não creio ou tenho a certeza de que não) que no meu curso falhasse algum sector crítico: de deuses nunca eu soube — e quanto a mitos, porque não? Em Portugal grassa,

entre outros males, a necrofilia. Depois de morto é que é com o o fado do costume, chelo de pena de não se ter sabido em vida... Em vida, porém, a menos que o interessado faça por isso, com indiscreta presença nos jornais — é o silêncio da tumba. Matam-se as pessoas em vida, para as ressuscitarem depois de mortas. Estranha situação cristã! Assim se passou com o Amadeo — e disso todos temos uma culpa de quarenta anos, desde 1916 até 1956... Haver pessoas a não deixarem que as-



sim seja com o Almada — é pecado que às outras parece mal e perigosíssimo para o seu descanso.

...Quanto a mitos, porque não? — se soubermos socioculturalmente o que um mito é. Sem dele termos medo? O mito tem um empenho vivencial em que nós próprios entramos, com os nossos desejos e as nossas necessidades. Que Almada tenha sido, de variadíssimas maneiras, um catalisador desses desejos e dessas necessidades, é um facto histórico. Ele constitui, de resto, na vida mental portuguesa, uma rara garantia da existência de desejos e de necessidades vivas em Portugal... O seu itinerário, da física à metafísica (contrário, me parece, ao de Fernando Pessoa, ido da metafísica à física — e por isso mesmo votado à falência, idela menos complicada do que parece mas que aqui não cabe desenvolver), comprova a sua função mítica. Nenhum outro autor, com efeito, foi mais imediatamente (visualmente) físico do que Almada — nesse processo desejando e podendo definir uma *sagesa de vida*, de vida uma e consubstancializada dentro dum lirismo dinâmico, que à sua geração competia, antes da involução «presencista».

O *Nome de Guerra*, escrito em 1925 e publicado em 1938 é, a esse propósito, um «romance de aprendizagem», como outro não há na literatura nacional —

(Continua na página seguinte)

Esclarecimento

Do poeta E. M. de Melo e Castro, nosso colaborador, recebemos o seguinte esclarecimento:

Relativamente à nota «Fragmentos e equívocos» de V. B. T. (com que condecoro as suas linhas gerais) publicada no Suplemento Literário de 10 do corrente, acerca dos 2 números especiais do Suplemento da Minerva Geral de Portugal, julgo ser necessário esclarecer o publicado até os escritores portugueses com pretensões a «Novos» do seguinte:

1) Embora o Suplemento da Minerva Geral se publique em português, ele não é um Suplemento lisboeta. É um Suplemento de um Jornal de um País estrangeiro que abriu as suas páginas a publicar fraternalmente Autores Portugueses, captando-os, por vezes, no que de mais vivo e polémico possam ter. De frisar que é a primeira vez que isso acontece em tão grande extensão (2 números 24 páginas de 31,5x46,7 cm) o que confere como um facto altamente notável e significativo de que outros números se seguirão com outros colaboradores, etc., etc.

2) Aproveito a ocasião para tornar público um convite do escritor Murilo Rubião (um dos redactores responsáveis do Suplemento da Minerva Geral) para todos os escritores portugueses Novos (isto é, que tenham alguma coisa criada a fazer ou a dizer). Mas atenção: eu não sou o representante da Minerva Geral em Lisboa, portanto quem quiser colaborar deve entrar em contacto directo com o Suplemento, que se publica em Belo Horizonte, no Brasil.

3) De facto, eu represento-me apenas a mim próprio e não sou responsável senão pelo que assino.

Assim, relativamente a

organização destes 2 cadernos, é necessário dizer que muito me surpreendeu o aparecimento do meu nome como colaborador de certo modo responsável, ao lado de Arnaldo Saraiva.

É que eu não selecciono nomes nem fotos, não atribuo nem distribuo números de páginas a ninguém. Limito-me a sugerir a Murilo Rubião (há mais de um ano e meio um Suplemento sobre a Poesia Actual em Portugal, e a enviar quando me pediram através do Arnaldo Saraiva, a minha colaboração 2 artigos (publicações de jornais portugueses), um poema então inédito, uma foto e um poema gráfico.

Depois tive notícias dos números especiais, por Ana Hatherly, quando ela regressou da sua viagem pelo Brasil, onde contactou com o Minerva Geral. O Suplemento cresce e o interesse era muito grande. Depois, passados uns meses, surgiram os dois números que me surpreenderam pela desigualdade da qualidade de certos nomes, falta de uns (Rui de Sousa O'Neill, Cesariny) presença de outros. Mas um Jornal não é uma Antologia nem um tribunal para a eternidade, mas sim uma expressão do quotidiano transitório, um meio de informação, e creio firmemente que o importante é que existe agora no Brasil uma via de diálogo amplamente aberta à colaboração portuguesa que tenha qualidade.

De uma coisa podemos estar certos: é que a equipa do Minerva Geral (M. Rubião e Luis Correia de Araújo, principalmente) são criadores, críticos e camaradas de um país irmão, cheios de um interesse válido em conhecer e dar a conhecer o que se passa em Portugal, mas tenho a certeza de que estão acima das «capelas» de Lisboa.

E. M. DE MELO E CASTRO

À procura do Mundo

O MUNDO A MINHA PROCURA (3.º volume) Autobiografia de Ruben A. Parreira A. M. Pereira L. Lisboa, 1968

NAO SAO muito frequentes na literatura portuguesa contemporânea as obras de cariz autobiográfico. E, no entanto, poucas épocas da nossa história terão sido tão propícias a esse encontro do escritor com a grandeza e miséria do seu passado no quadro mais amplo das «solitações» e «emboscadas» em que se geraram os destinos colectivos. Razões que expliquem tal facto não é, com certeza, difícil procurá-las. Pois todos sabemos o preço da coragem quando se trata de expor as vicissitudes do próprio «eu» ao julgamento implacável das consciências alheias. Uma coisa é certa: se o acto de escrever implica um compromisso moral, a autobiografia de um escritor, quando verdadeira, pode ter um alcance humano de grande interesse — ajudar cada leitor a definir o seu caminho pelo dialéctico confronto que propõe entre experiências e opções diferentes.

O terceiro e último volume da autobiografia de Ruben A. não desmente o que acabamos de dizer. A mundividência do autor — quer se localize geograficamente no Porto, no Alto Minho ou em Londres, quer nos fale de ilustres desconhecidos (como esse Lord Rosy, resuscitando um antigo solar da Ribeira Lima para os prazeres estéticos e amorosos do seu envelhecer) ou de vultos familiares ao nosso quotidiano cultural (Pe-

dro Homem de Mello, Eugénio de Andrade, Miguel Torga...) — a mundividência do autor dizíamos, possibilita esse enriquecedor contacto com a intimidade espiritual de alguém, que, por ser escritor, mais apto estará a transmitir as variadas nuances do real circundante. Por outro lado o presente volume reveste particular interesse para os conhecedores da obra de Ruben A. na medida em que lhes facilita o acesso às origens de outros livros do autor — «A Torre da Barbeta», por exemplo.

Pena é que o estilo gongórico de Ruben A., carregado de construções pouco ortodoxas e abundante de uma fraseologia rebuscada, torne a leitura por vezes cansativa, diminuindo consequentemente a fruição estética deste «O Mundo à Minha Procura»



— título um tanto ou quanto pretensioso para um itinerário do escritor à procura, ele, do seu mundo e do mundo dos outros...

M. A. VALENTE

Uma leitura difícil

O INTERROGATORIO Romance de Robert Pinget Editora Ulisseia Lisboa, 1969

«O INTERROGATORIO» («L'Interrogatoire») é o segundo romance de Robert Pinget publicado em Portugal, uma vez que já conhecíamos, também graças à Editora Ulisseia, uma outra obra do autor: «O Garoto» («Le Flacon»). Nasceu em 1920, Pinget é uma das figuras de maior destaque entre os que, após Robbe-Grillet e o primeiro núcleo de seus pares, continuaram a aventura formal do cha-

mado novo Romance. Não é este o momento azado para nos alargarmos em considerações de natureza não literária, mas gostaríamos de chamar a atenção para a relativa abundância de traduções dos «novos» escritores franceses. Tendo em conta, por um lado, que o circunstancialismo sociológico que enquadra tais formas romanescas não encontra entre nós qualquer analo-



gia e, por outro, que continuamos a desconhecer grande parte das literaturas mais facilmente referenciáveis a uma problemática portuguesa...

Ao longo das suas quase 400 páginas, «O Interrogatório» é aquilo mesmo que o título sugere: uma sucessão de perguntas e respostas, através das quais se possibilita a reconstrução de uma dada realidade. Utilizando sistematicamente a abordagem exaustiva de todos os pormenores — o interrogado ocupa dez páginas, por exemplo, para descrever o mobiliário de um salão — e amontoando situações cujo interesse narrativo não é fácil decortinar, Pinget mantém-se fiel às coordenadas fundamentais da sua experiência mas dá-nos uma obra de leitura difícil, cansativa, em que a atenção se prende aos aspectos oficiais por não lhe ser dada possibilidade de fruir os prazeres de uma comunicação autêntica.

M. A. VALENTE

No reino da Katalónia?

O REINO CIRCULAR por Mário Braga Atlântida, Coimbra, 1969

«A história maravilhosa do cronista de Akalino, sentinela e inventor do reino da Katalónia» serviu de tema a O Reino Circular, novo livro de Mário Braga. Escolhendo os invios caminhos da alegoria para explicar uma problemática dos dias de hoje não pretendia o autor, com certeza, ser original. Antes dele, já alguns haviam ensaiado esse refúgio em outro espaço e outro tempo para, escapando às limitações circundantes, mais livremente analisarem o multifacetado rosto do seu próprio tempo e do seu próprio espaço.

É evidente que o processo tem os seus perigos: o mais importante dos quais será o esquematismo com que a transposição epocal tende a realizar-se. No caso presente a regra foi uma vez mais confirmada. A evolução intelectual do cronista de Akalino, encerrado desde sempre num dos últimos andares do palácio real e conhecendo da vida e dos homens apenas o que lera nos livros ou ouvira da boca dos sábios, o impacto nele produzido pela desco-

MÁRIO BRAGA O REINO CIRCULAR



berta de uma realidade que jamais sonhara existir; a consequente tomada de consciência da felicidade do seu povo, governado por um tirano odioso e sangüinário — todas estas coisas de força de O Reino Circular se conseguem concatenar-se com um quotidiano do nosso tempo não impedem, por outro lado, um empobrecimento do complexo mais vasto em que se tecem as angústias e as esperanças presentes. O que não poderá, talvez, considerar-se defeito, mas limitação inerente ao género escolhido.

Narrativa limpa, de onde em onde poética, o novo livro de Mário Braga (18.º de uma obra sem grandes sudácias, é certo, mas informada por um humanismo estético louvável) lê-se, porém, com prazer. Por isso mesmo, caro leitor, lhe recomendamos esta viagem ao «Reino Circular».

M. A. VALENTE

Um curso sobre Almada Negreiros

(Continuação da 1.ª página)

ou como só o recente e admirável O Mundo à minha Procura do Ruben A. O herói do Almada, este «Antunes» que finalmente descobre chamar-se Luis, menos procura do que é procurado, também, pelo mundo. De resto, é essa a única garantia numa aprendizagem autêntica... Dizia o Picasso «não procure, encontre», um pouco mais além, temos a verdade do Almada: «não procure, sou encontrado».

Precisamente comeciei o meu curso sobre Almada Negreiros por uma análise do Nome de Guerra. Ali, de uma vez só, o autor nos aparecia em corpo inteiro. E de tal modo que o Ernesto de Sousa vai chamar ao seu filme Almada, um nome de guerra — jogando bem na expressão que significa pseudónimo e jogo, e luta também.

Depois foi indo cronologicamente: pelos anos 13-15, com o Manifesto Anti-Dantas, A Engomadeira, e a Cena do Ódio, pelos anos 16-18 com o Futurismo e a exposição do Amadeu, pelos anos 20-27, com A Invenção do Dia Claro, o quadro da Brasileira e o Nome de Guerra, pelos anos da sua experiência madrilena, pelos anos 30 do regresso, da Direcção Única e da revista Sudoeste, pelos anos 40 dos frescos das gares marítimas (que são a obra maior da nossa pintura da primeira metade do século). E, em lições separadas uma aproximação do seu teatro (com a colaboração do Ernesto de Sousa), do significado

(para mim essencialmente poético) das suas especulações numerológicas (com a colaboração de José Blanc de Portugal) — e da sua poesia, cedendo eu aqui a palavra ao Jorge de Sena que



realizou uma notável lição sobre as estruturas da linguagem poética de Almada Negreiros.

Assim, sobre um autor vivo, se realizou uma experiência docente e ensaística cujo valor pedagógico me parece considerável. Porque dos vivos também vive a cultura portuguesa...

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Luiza Neto Jorge na «Ilha»

Amanhã, pelas 18 horas, decorrerá, na Livraria-Galeria III uma sessão de leitura de poemas do livro «Dezanove Recantos», de Luiza Neto Jorge, recentemente dado à estampa por «Iniciativas Editoriais».

O poeta Gastão Cruz, nosso colaborador, fará a apresentação deste novo livro de Luiza Neto Jorge cabendo à autora e a Ana Maria Teodósio a leitura dos poemas.

Galerias e exposições

por Rocha de Sousa

HELENA ALMEIDA
Galeria Buchholz

NÃO É A PRIMEIRA VEZ que Helena Almeida expõe individualmente na galeria Buchholz. Já o fizera em 1967, mostrando pinturas onde o espaço se traduzia em termos abstractos, mas realizado ou explicitado através de umas relações básicas que se desdinhavam. «Nessa pintura» — relembra Rui Mário Gonçalves — «verifica-se que, para Helena Almeida, o espaço não é uma realidade transcendente de que se tenha a intuição ultrapassando a contingência das coisas, mas uma realidade objectiva que se deduz delas e das suas relações. Era uma pintura abstracta em que tudo se tornava objecto representado». Na actual pintura de Helena Almeida os dados dessa representação transferem-se para a dimensão do objecto, embora o objecto inversamente se represente. «Agora é tudo objecto mesmo, sendo porém o espectador convidado a reparar que qualquer objecto se pode tornar sinal».

As pinturas de agora, com efeito, contêm o inesperado de se revelarem claramente objectos, apesar de traduzirem um processo consequente das anteriores análises, sobretudo das de 67. Contêm em si mesmas o sinal exposto no plano, condensado através das habituais transferências da representação, e contêm o prolongamento físico do sinal, a coisificação do que se representava. O suporte deixou praticamente de funcionar de acordo com a sua etimologia, no sentido em que dele se escapam as figuras a que ele comumente se colam, ou que nele se instalam por simulação: as figuras saem para o exterior do plano, não apenas para diante (no sentido dos relevos, por

exemplo) mas para o exterior em toda a sua acepção, individualizando-se volumetricamente como objectos definidos, como formas que se emanciparam da sua contingência plástica e se constituem corpos de uma realidade súbita, portanto de uma realidade nova. O próprio plano é desmontado dos limites convencionais do quadro e transformado ou na persiana de uma janela que se desvenda ou num simples rectângulo que se retira da moldura e que se manuseia fisicamente em qualquer direcção. No mesmo sentido, o plano esvaziava-se do seu conteúdo e as formas que o significavam ou que o faziam viver descem para o domínio do nosso próprio movimento, cristalizadas e individualizadas como objectos absurdos, mas afinal envolvidas a uma disponibilidade. Ele dispõe agora, com efeito, do desmentido das aparências ao nível da corporização do que delas se pode representar: e aqui são apenas os tracejados, as dobras intuitivas do espaço, o vazão de uma distância que se fez opaca, um vermelho pintado que se transformou em tela e que se pode enrolar e substituir definitivamente. Pertencem, no entanto, esses elementos renascidos a três dimensões, a um conjunto objectual que se identifica como um todo, porque dele dependem em última análise e ao plano retornam pelo exercício da actividade visual do espectador. Feita a leitura nos dois sentidos possíveis, o quadro é desmontado nas suas aparências, nas suas mentiras, derramando-se no espaço pela tradução tridimensional do que nele se continha e que desse modo ganha um novo sentido plástico — e o quadro é imediatamente refeito através da re-integração desses elementos no domínio da sua realidade de partida, o plano, aí onde se reassume bidimensionalmente e de acordo com

a condensação que o acto de representar impõe

As ideias assim contidas na actual pesquisa de Helena Almeida organizam-se segundo uma realização franca, que se desnuda deliberadamente perante o espectador para que a função didáctica sobreviva, e a própria cor é muito aberta e incisiva, tomada em directo de um quotidiano cintilante que se identifica com a nossa ex-

periência e com a nossa capacidade de leitura. Essa cor em todo o caso não é posta ao serviço da tradução de certas imagens conhecidas, ou que de mais perto influenciam o nosso olhar, antes se desenvolvem abstractamente em função do objecto tratado, ao serviço daquilo a que Rui Mário Gonçalves chamou uma nova sensibilidade e num plano estético que ele designou como «pop-artre abstracta».



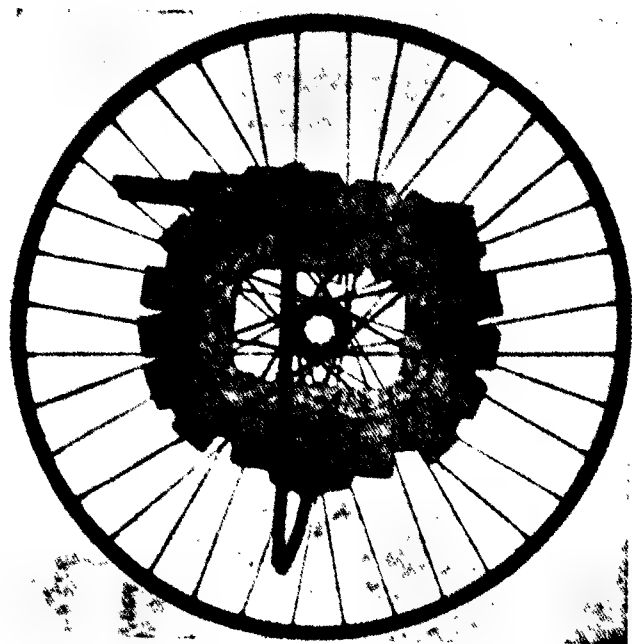
Aldina: do drama ao objecto trivial

ALDINA COSTA
Galeria 111

Em 1967, Nuno Bustorff escrevia sobre Aldina Costa: «O que surpreende em Aldina é o tom, que é bem nosso, português; a fractura compulsiva que representam os seus quadros e a realidade em desequilíbrio que parecem insinuar. Eles são, cada qual, um pequeno todo suspenso no acaso, no nada (brancos e tela nua onde para um agrupamento cerrado de formas) e é nessa suspensão irracional que vivem os pobres e comprometidos fragmentos de objectos, de máquinas, sinais do homem que ela nos apresenta e que estão todos eles em desunião mas profundamente agarrados uns aos outros pelo desespero e pelo furor de viver».

Desta tão pessoal tradução literária da pintura que neste tempo Aldina realizava, e que de resto bem depressa a radicou entre os nossos artistas mais interessantes, resalta pelo menos o relevo dado a certos elementos que dramaticamente impunham uma linguagem caracteristicamente. Não foi pelos aspectos mais retóricos dessa pintura que o juízo se fez; para além das facilidades do exercício formal, para além da sua natural adjectivação, havia um mundo de coisas que se expunham ou se diziam, havia uma problemática que começava a estabelecer-se dentro de uma investigação apropriada e viva. Viva e talvez vivida, a julgar pelo desenvolvimento que chegou a ter, ainda que de uma forma

episódica e em qualquer dos casos fragmentária. Não foi por acaso, com certeza, que Aldina declarou à imprensa estar empenhada em «dar um testemunho psicológico do tempo em que vivemos», dizendo pouco depois que «vivemos numa sociedade que está num compromisso de industrialização e em que o indivíduo é a própria máquina, e não o utente dela». Pois bem: o compromisso



Bertino: um formalismo esgotado

de relações que assim se estabelecia — um entendimento do mundo, de qualquer modo e apesar das singularidades expostas — perdeu-se para o silêncio ulterior de Aldina Costa e está longe de ter sido reconquistado com a natureza dos esmaltes que apresentou na Galeria 111. O próprio material, de resto, a trau nessa experiência em que a capacidade artesanal não se desmente, mas onde submergem um certo tipo de preocupações criativas que melhor a sublinhavam. «Un homme n'est pas stupide ou intelligent: il est libre ou il n'est pas». Mas a liberdade tem muitos caminhos e é nisso que reside o seu peso maior: porque a escolha não se faz sem risco e o risco corresponde de muito perto à moralidade da história. Os esmaltes são também o reflexo de um caminho assumido, mas a sua dimensão, como alguém me dizia, não escapa ao domínio de objectos destinados às paredes de pessoas que podem ter esmaltes nas paredes. Por seu lado, os esmaltes têm espelhos: e nos espelhos se reflecte irremediavelmente a nossa perplexidade, quando procuramos fugir ao apelo dos objectos no plano do seu consumo imediato para reencontrarmos o sentido da sua filiação anterior. Das máquinas oxidadas em que os homens se confundem, Aldina passou à requintada decoração-deparede por onde os homens se distraem, ainda que por vezes reflectidos no espelho onde deviam interrogar-se.

BERTINO
Galeria Interforma

Diz-se no catálogo que Bertino, «não tendo frequentado nenhum curso superior de Arte, entregou-se por vocação à pintura». E que foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, onde tem residência e onde trabalha incansavelmente. E ainda que, nas horas de lazer, onde tem residência e onde trabalha incansavelmente. E ainda que, nas horas de lazer, onde tem residência e onde trabalha incansavelmente. E ainda que, nas horas de lazer, onde tem residência e onde trabalha incansavelmente.

Com referências desta natureza, postas assim mesmo em letra de imprensa, seria de esperar duas coisas: ou um verdadeiro caso de martírio criador, singular e honroso, ou a mediocridade comercial proposta enfaticamente à nossa miopia salaia. Ao fim e ao cabo, nem uma coisa nem outra: apenas o esforço obscuro de um homem (o catálogo diz que tem quarenta anos em nos convencendo da actualidade de uma experiência matérica e tridimensional da pintura em termos aliás excessivamente retóricos, que a «maquillagem» utilizada só exacerba. A exposição é, em si mesma, um exemplo deste excesso na medida em que se fez sobre-

(Continua na 6.ª página)

EXPOSIÇÕES

GALERIA BUCHHOLZ Rua Duque de Palmela	HELENA ALMEIDA, UM ESPAÇO ONDE AS FIGURAS SE COISIFICAM
GALERIA QUADRANTE Av. Luis Bivar	EURICO GONÇALVES, DESCOLAGENS E DESPINTURAS COM COLAGENS E PINTURA
GALERIA 111 Campo Grande	ALDINA COSTA, ARTESANATO ELEGANTE OU A CONTINGÊNCIA DECORATIVA
GALERIA INTERFORMA Av. Casal Ribeiro	BERTINO, A ADJECTIVAÇÃO INSIGNIFICANTE
GALERIA DIVULGAÇÃO Rua D. Estefânia	MILY POSSOZ, PAISAGISMO E GATOS
GALERIA 111 (cave) Campo Grande	COSTA PINHEIRO, O PODER DA MÃO EM EXCELENTES GRAVURAS
GALERIA INTERFORMA Av. Casal Ribeiro	BERTINO, UM FORMALISMO ESGOTADO
GALERIA DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN R. Marquês de Fronteira	EXPOSIÇÃO DE OBRAS RECENTEMENTE ADQUIRIDAS PELA FUNDAÇÃO



Helena Almeida: função didáctica

MANOLO DIAZ

Entrevista
de
José Duarte



● **Quem é, Manolo Diaz?**
● Mais exactamente o meu nome é Manuel Díaz, nasci em Oviedo, nas Astúrias, em Espanha, em 5 de Julho de 1942. Estudei música durante 6 anos, sou filho dum empregado da Companhia das Águas e duma professora de piano e por pertencer a esta geração do pleno pós-guerra, nasci condenado a ser

engenheiro; meus pais tinham essa obsessão, queriam para mim o «melhor» e por isso me tornei topógrafo, engenheiro, técnico de grau médio, que não exercei porque não gosto. Comecei por fazer parte de vários «grupos de guitarras eléctricas», pouco importantes. Público e música diferentes, dos meus, de hoje. A música que, pre-

sentemente faço, é para ser ouvida, «escutada».

● **É popular em Espanha?**

● Sou popular, apesar de não ter grande êxito.

● **Quem são as figuras populares de Espanha?**

● Talvez Barito Montiel ou Marioli, gente que... Córdoba também, gente que...

● **Qual a tua opinião sobre Rafael?**

● Rafael, a sua vida, a sua obra, é um espectáculo. Com uma voz bonita, nunca fez nenhum bem à Nação, pelo contrário, está alienando-a. Nada tem a ver, com o que se passa em 1969.

● **No intervalo da transmissão do último festival da Eurovisão, a televisão espanhola incluiu um pequeno filme, com música de Luis de Pablo.**

● Luis de Pablo é um homem que está a trabalhar num campo experimental. É um compositor de linguagem musical avançada, um artista de vanguarda. As suas experiências com música electrónica e música concreta, embora não sensibilizem a gente que vive em 1969, abrem as portas a um futuro muito próximo. Luis de Pablo é um grande músico e tem-no demonstrado através de toda a sua obra, de toda a sua vida dedicada à Música.

● **Joaquim Diaz cantou há pouco tempo em Portugal. Que pensa da sua obra?**

● Joaquim Diaz é um livro com pernas, é uma enciclopédia, um musicólogo.

Mais que um intérprete, considero-o um «manual» de folclore. Sabe «tudo» sobre folclore, não só espanhol, como mundial. Está a ter um papel também extremamente útil, ao contribuir para o êxito de grupos intérpretes de folclore como, por exemplo, o grupo «Nuestro pequeño mundo».

● **Anuncia-se a vinda, dentro em breve, de Paco Ibañez, a Portugal. Fala-nos um pouco do seu trabalho.**

● Paco está realizando um grande trabalho de difusão de textos poéticos, poemas, até então desconhecidos pela grande massa. Não se lê poesia hoje em dia... Paco, é um homem muito comprometido na sua vida privada e coerente com o que apregoa nas suas canções.

● É um homem cada vez mais pobre economicamente, e mais rico ideologicamente...

● **Em tua opinião, o que diferencia a tua obra da de Paco Ibañez?**

● É difícil alusar-me a mim mesmo, há o perigo da falta de objectividade.

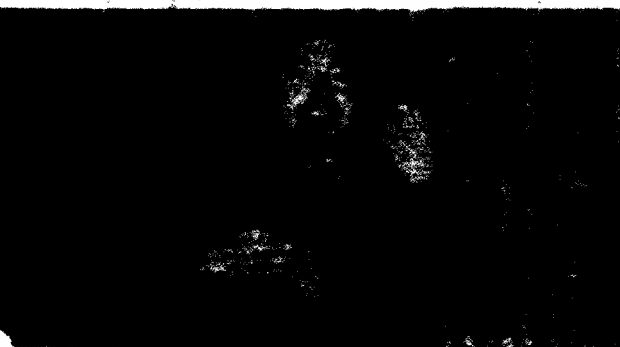
Considero-me um mau intérprete das minhas próprias canções, que carecem formalmente de qualidade poética, embora tenham um grande conteúdo social e sejam escritas, ditas na linguagem do homem da rua, para o homem da rua.

Paco, sem dúvida, tem um matiz mais intelectual que eu, no entanto, até certo ponto, posso considerar as nossas obras, como paralelas. Creio que Paco está a realizar uma obra mais importante que a mi-



... as verdades, as bárbaras, terríveis, amorosas e crueldades, a poesia necessária...

CELAYA



nha, pois os poemas que canta são de Hernandez, Alberti...

● **Celaya...**

● Celaya, Machado, Lorca. Consegue que as pessoas no autocarro os traquem, os cantem.

● **Entre as vossas duas soluções, qual para ti é a ideal para servir uma música que se quer popular, actual, séria, actuante?**

● Sem abandonar a qualidade poética, e melódica, a canção deve ser útil ao homem de hoje. Deve ser dirigida ao sector que vive, que habita a Terra, no mo-

mento em que se está a cantar. O grande segredo da canção, hoje em dia, deve ser e é pôr-nos em contacto directo com aqueles que têm a sorte ou a desgraça de habitar a Terra em 1969.

● **O teu público é essencialmente a juventude estudantil, classe média, alta burguesia, ou outro tipo mais indefinido e heterogéneo de público?**

● É uma camada baixa, porque, exactamente eu falo a linguagem dessa camada. Embora a minha intenção seja a de ser útil a todos, o que eu disser aos

Uma obra arrojada, violenta, apaixonante

um sonho
AMERICANO
de NORMAN MAILER

«O livro mais importante do autor depois de OS NUS E OS MONTEs»



Reconhecem-se as componentes habituais do romance de suspense: violência, sexualidade, assassinato disfarçado de suicídio, narcofobia, atomismo, contusão sexual, rapina... E, no entanto, não se trata de um novo Mickey Spillane ou de um banal filme de barreira visonária. Mailer transforma em verdadeiras milícias os elementos que fazem parte da vida (real ou senhada) de todos os dias.

PIERRE BOMBERGUES
Le Monde, 12.1.67



A angústia lembra a dos filmes de barreira: balas rápidas, curvas de perigo, arcos, matanças, pessoas que se perseguem. Aerodutos durante muito tempo que isto fazia parte do horror da vida americana, da sua cultura íntima... V'la São Paulo Americano quis explorar este material bruto: tecnologia, horror, magia...

NORMAN MAILER

Collecção Contemporânea — vol. de 308 págs. — 50000

Obras de Norman Mailer na Portugal Editora:

PRAIAS DA BARBARIA — vol. de 304 págs. — 40000
OS NUS E OS MONTEs — vol. de 712 págs. — 50000
OPARQUE DAS COMPOS — vol. de 408 págs. — 50000

Carta aberta a Jaime Salazar Sampaio e Artur Ramos sob a égide de Álvaro de Campos por Carlos Porto

NUNCA CONHECI quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

ÁLVARO DE CAMPOS

OUVIDOS os vossos depoimentos (1) sobre o que constitui um dos retumbantes fracassos teatrais da temporada — parecem-nos justo fazer ouvir a voz de um espectador (embora com responsabilidades críticas).

Esse fracasso não foi para nós uma surpresa por aí além: uma análise, a mais rudimentar, do espectáculo levaria à evidente conclusão de que aquele não continha elementos susceptíveis de atrair qualquer dos públicos que frequentam as nossas casas de espectáculo.

O depoimento do autor dos «Visigodos» esclarece-nos a razão por que dificilmente o seu texto pode-

ria conter esses elementos. Diz o Jaime Salazar Sampaio: a peça para mim um encadeado necessário de palavras, situações, que se basta a si próprio e constitui como que um objecto. Pronto! A partir deste surpreendente e inverosímil conceito de teatro, compreender-se-á que «Os Visigodos» praticamente não exista como teatro. Pois se para o autor o teatro se reduz a um mero encadeado necessário de palavras e de situações que se basta a si próprio — então para quê, por quê representá-lo? Pondera-se ainda um outro problema: há substanciais diferenças entre o texto publicado pela «Europa-América» e o apresentado em palco. Qual deles é o objecto acabado a que se refere Jaime Salazar Sampaio?

Na verdade, o facto dum texto ser encenado — e encenado — é já transpô-lo — ser representado — e representado — é re-presentá-lo —

ser posto perante um público — o que significa: recriado com ou contra outros — nega a possibilidade, sequer a hipótese dum teatro tal como o concebemos e no-lo propõe Jaime Salazar Sampaio. Não, um texto não é como um copo que o público tem que encher (como você quer): o copo tem que ser construído pelo autor, pelo encenador, pelos actores, pelos espectadores. É desse acto de criação em comum que deve nascer a água que há-de encher o copo. A não ser que o copo esteja furado: e nessa altura não poderá encher-se. Não será isso que se terá passado?

A resposta de Artur Ramos basta-se no pressuposto — aliás, explicito na pergunta — de que o fracasso de «Os Visigodos» tem origem no facto de a peça ser de comunicação difícil. A isso se poderá responder desde logo que peças como o «Tango» (que você cita), «A Espera

de Godots» e mesmo «Equilíbrio Instável» são peças de comunicação difícil — e nem por isso terão sido fracassos. Salvo erro, compete ao encenador contrariar o que possa haver de difícil na comunicação com o público (neste caso: com o público português), do texto que vai encenar. Será a partir dum esforço de imaginação que o encenador conseguirá inventar uma plataforma inexistente onde se possa dar um encontro, mesmo, difícil, mesmo provisório, entre texto e espectador. Você concordará connosco em que a sua encenação de «Os Visigodos» não traduz esse esforço de imaginação e que a crítica social (obscura ou não) a que se refere brilha pela ausência. É claro que, depois de ler o depoimento do autor, é legítimo pôr em dúvida a possibilidade de você poder usar a sua imaginação. Seria mesquinha da nossa parte vir aqui unicamente fazer uma análise

estudantes, aos universitários, eles já o sabem e por isso sou-lhes menos útil. O que eu pretendo é chamar a atenção sobre determinados problemas a certa gente, a quem nunca foi dada a possibilidade de pensar.

● «La juventud tiene razón» é a tua última canção?

● Sim. Ao fim de 3 ou 4 retoques, modificações no texto, a censura autorizou-a. Mas existe tal medo, que os próprios realizadores de programas de rádio e televisão se autocensuram. Recentemente gravei, em Barcelona, um programa de televisão onde não me autorizaram que a cantasse... Não percebo nada, estou a ficar céptico e prevejo que acabarão, desgrazadamente por me obrigar a gravar «La pachanga»!!!

● Encontra alguma diferença regional, em Espanha, no que diz respeito a dificuldades de gravares ou cantares as tuas canções?

● Sim, sobretudo porque a média de promoção cultural e social do povo é mais elevada na metade Norte do que na metade Sul.

● Que conheces tu, da música portuguesa?

● Amália, claro, duo Ouro Negro e também um jovem do qual não me recordo o nome e que creio também ter aqui algumas canções proibidas. Vi anunciado o seu nome, como participante num festival de música folclórica em Barcelona, ao lado de Joaquim Diaz.

● Que opinião tens da música «pop»?



... basta de História e de contos, não vivemos do passado, anunciamos algo novo ...

CELAYA

● Creio que cumpre um papel. Proporciona a certos senhores dar uma série de saltos e gritos ao compasso duma bateria e dum contra-baixo, melhor ou pior tocados.

É uma música de evasão, e até certo ponto a evasão é uma cobardia.

No mundo cada vez há mais problemas dos quais

devemos tomar conhecimento: cada vez também há mais homens conscientes: em contrapartida há também quem lhe apeteça fazer de burro.

● A juventude é ou não capaz de transformar a sociedade contemporânea?

● Creio que sim. Há que contar com a gente nova, pois, ao fim e ao cabo, dentro de dias, o mundo estará nas suas mãos.

● Jazz e ambiente do jazz em Espanha.

● Jazz é uma música absolutamente do nosso tempo, pura e autêntica. Todas as manifestações musicais do mundo actual estão baseadas no «jazz». O «jazz» está para a Música como a experiência para a Química. É necessário, imprescindível.

Em Espanha o «jazz» é música de minorias; há 4 ou 5 sítios onde se pode ouvir bom «jazz», o resto é «jazz» comercial, falso.

● E no entanto um dos melhores pianistas de «jazz» europeus é espanhol: Tete Montoliu.

● Tete é um «monstro». Músico de técnica extraordinária possui, além disso,

o que em «jazz» é muito importante: a inspiração.

● Sabias que Tete Montoliu tocou em Portugal, na Figueira da Foz, acompanhando Juan Manuel Serrat, e passou totalmente despercebido?

● Que maravilha!...

(Declarações recolhidas em gravador)

Não é vossa — é nossa — esta incapacidade de reconhecer os nossos erros, as nossas culpas. Seria lindo — mas é impossível — ouvir o Salazar Sampaio dizer: «Esta experiência foi para mim preciosa. E nas tábuas do palco que podemos verificar se as experiências, que até nos podem parecer definitivas, devem ser revistas, enriquecidas, corrigidas. É lá que podemos verificar por que falhámos e como falhámos». Mas não: a peça é um objecto intocável. Quanto ao encenador: «Lavo daí as minhas mãos — a peça é difícil, em vez de: «Não conseguir tornar apreensível ao nosso público a crítica social «que na minha opinião a peça contém».

A culpa não é do autor (para quem a encenação é excelente), não é do encenador (para quem a peça é maravilhosa) — a culpa é do público. Nós é

(Continua na página seguinte)

TIMOTHY LEARY: A «viagem» em regresso

COM DROGA ou sem ela, Timothy Leary consegue tempo para escrever livros. Em Nova Iorque acabam de sair duas obras do mais «agredido» dos apóstolos psicadélicos. *The Politics of Ecstasy* e *High Priest*.

The Politics of Ecstasy é uma colecção de ensaios sobre os halucinogénios, seus efeitos e seu presumível futuro. *High Priest* relata as «viagens» de Leary («Uma experiência psicadélica é uma viagem aos novos reinos da consciência», escreveu ele em *Psychedelic Experience*) desde a altura em que pela primeira vez comeu cogumelos sagrados na aldeia mexicana de Cuernavaca e experimentou a clássica «viagem visionária»: «Voltei outro homem... Nunca se é o mesmo depois de o vê-se ter erguido». O relato autobiográfico passa pela sua primeira experimentação em Harvard, a clausura numa prisão estadual, o consequente despedimento e o mergulho na campanha de que se tornou um dos mais exaltados arautos.

Vistoso, agudo, desmedido e quase sempre fascinante, *High Priest* apresenta vinhetas gráficas da experiência de Leary tomando drogas com Allen Ginsberg, Alan Watts (o seu mais fiel partidário), William Burroughs (que viria a renegar a experiência da droga), Richard Albert (colega de Leary em Harvard e no «retiro psicadélico» de Millbrook), Arthur Koestler (que também fez «uma má viagem» e ficou pelo caminho) e o Dr. Dana Farnsworth, de Harvard, que parece ser o único contra quem Timothy Leary não sente qualquer rancor.

Mas, acima de tudo, o livro dá-nos o retrato em corpo inteiro desse rebelde irlandês que a si próprio se apresenta como «um desdenhador arrogante da conformidade burguesa». Quando abandona o relato autobiográfico, Leary nada acrescenta ao que já se sabe sobre os efeitos do LSD.

Assim, quando do seu regresso do México, escreve: «Eu estive no céu. Iluminação. Cada objecto na sala era uma estrutura radiante de partículas atómicas-divinas... A matéria não existia... E a descoberta incrivelmente desagradável: a consciência controlava tudo... tudo era consciência... Uma infinita variedade de experiências extáticas espiralava à minha volta. Eu tinha dado o *Passo-Deus*... Então, disse para Pat e Parsons: Não é incrível? Estamos aqui, conseguimo-lo... Não é belo?»

Era belo. Mais à frente, porém: «Horror! A minha carne está-se decompondo, fundindo-se com um mi-

lhão de corpos estranhos... uma ligação orgânica de fibra de colchão de espuma com a corpulência vaporosa, odorosa e flácida duma raça estranha».

Mas não há horror que sempre dure: «Fiquei libertado. Livre para fazer algo que me apetece». Ficar no jardim. Ficar em Tepoztlan. Regressar e vaguear pelo planeta como alguém que eu escolhesse ser (...) Estamos no céu».

Estariam mesmo? Talvez não.

«Nós temos — escreve Leary — o sacramento e o ritual. Agora temos de encontrar a religião que de com eles».

«Ora — diz-nos Rollo May, psicoterapeuta que dedica aos livros de Leary uma atenção pormenorizada e ácida — a religião de Leary é o mais completo sistema autofechado de que se possa imaginar. As drogas são aplicadas do exterior, uma força química que cada um toma e a qual



quando o LSD tiver destruído a cosmologia convencional, que conteúdo terá Leary no seu lugar? E que o anjo psicadélico limita-se a repetir *aud infinitum*: «Tu és Deus, tudo está na tua consciência». A quase trágica redução disto é ilustrada na horrenda viagem para a cidade do México, (com a qual termina o livro) em que Leary considera que se a barreira que separa a auto-estrada do precipício está «apenas no meu próprio pensamento, eu posso acelerar o carro, saltar a barreira e ficar livre!».

Liberdade pelo suicídio? Claro que não: e assim Leary, após ter iniciado a aceleração para o abismo, reconsidera. Feitas as contas, a vida é mais forte — triunfa, mesmo sobre o efeito «paradisiaco» da droga, o instinto da sobrevivência...

É que a droga (ainda segundo Rollo May), como toda e qualquer forma de tecnologia, «so aguçada a necessidade de forjar valores humanos através de meios psicológicos e espirituais». Assim, os jovens a quem Leary confia o seu trabalho já exauriram a «rotina da droga» e passaram, ou estão passando, a uma aventura (vital) mais completa e frutuosa.

A advocacia não-realista e não-crítica das drogas como fonte de uma vida inteira de alegria num «fim-de-semana, eis o perigo não evitado por Timothy Leary nestes seus dois últimos livros — modelos, por outro lado, de um pujante fluxo literário aberto às mais audaciosas e sugestivas aventuras dum imaginário vívido.

V. S. T.



então reage. Por grande que esta experiência possa parecer, ela não cria o céu nem a terra, ou qualquer verdade fundamental. Apenas limpa os resíduos, as falsas fés, a hipocrisia convencional. O que o indivíduo substitui depende da luta da sua própria consciência com a realidade que ele não cria mas em que apenas participa». Ponha-se a questão:

novidade literária

De EVAN HUNTER, o autor de
MAES E FILHAS,
acaba de se publicar

O HOMEM SEM NOME

A história pungente e dramática
de um homem que a si próprio se
desconhece

Col. «Século XX», 488 págs., 65\$00

Na mesma colecção:

SEM PIEDADE de Albertine
Sarrasin, 45\$00.

38.º ANDAR — O drama da
O. N. U., de Clifford Irving,
80\$00.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 — Mem Martins
Delegação em Lisboa: Rua das Flores, 45, 2.º
Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º



dos vossos depoimentos sobre o «caso Visigodos». Não é o particular que nos interessa: passemos ao geral. Dos vossos depoimentos de responsáveis pelo espectáculo conclui-se que o fracasso deste se deve unicamente ao público: O que pode acontecer é que um espectador não tenha nada para deitar lá dentro — e assim, ao cair do pano, se encontre perplexo com um copo vazio na mão (diz o Jaime). A culpa é da obscuridade da crítica social (insinua o Artur). A nós, o que nos dói é que também Vós,

que sois inteligentes e cultos e civilizados, não seiais capazes — sabeis de quê? — dum pequeno esforço de autocritica (ai vai o chavão). Quando é assim, lembamo-nos invariavelmente do poema de Alvaro de Campos:

«Nunca conheci quem tivesse levado porrada.

Todos os meus conhecidos têm sido campeões sem tudo».

... ..
«Arre, estou farto de semideuses.

Onde é que há gente no mundo?»

Carta aberta

(Continuação da pág. anterior)

que somos burros nós é que nos apachamos para fora da possibilidade do sono! São todos o ideal, se os ouço e me falam Quem ha neste largo mundo que me confessa: que uma vez só foi vil? (Alvaro de Campos).

Por isso dizemos que não é caso particular que interessa. É facto de todos sermos genios a dar lições ao mundo (tanto na Eurocancão como na Europolitica).

Não lhes dá isso cuidado meus senhores, não lhes dá isso cuidado? É possível que haja aí um ou

dois esturrados que se queizem, digam tolices sobre a decadência de Portugal - que estamos num marasmo e que vamos caindo no embrutecimento - e que isto assim não pode durar dez anos, etc., etc. Baboseiras! (...) A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos.

Isto já dizia o Eça em 1876 Tudo continua como então: isto é sem o mínimo senso de auto-crítica. Cont-nuamos a ser os primeiros só somos primeiros todos princípios na vida.

Depois disto, deve acrescentar: com uma grande

dose de hipocrisia) que como o Alvaro de Campos estava pronto a apanhar porrada... Em termos metafísicos, é claro!

(1) V. N.º anterior deste Suplemento.



Galerias e exposições

(Continuação da 1.ª página)

carregada de objectos inúteis ou que uma selecção criteriosa teria designado como tal. O aproveitamento de objectos reais, destruídos pela inutilização no quotidiano, não acusa a coragem ou a limpeza de um acto puro, antagónico a pontado nos conceitos tradicionais da expressão pictórica, porque só a contestação na herança da

sua tradução em plano. Berlim conforma-se rapidamente com a nostalgia de tudo recobrir de pintura e não o faz como se anuncia no catalogo, com elementos diversos e severamente cronometrados, mas antes através de uma obsessiva cobertura desses elementos segundo matérias que disfarça e repinta por intermédio de cores baratas. A própria monumentalidade — digamos

escultórica — que alguns dos objectos sugerem, é depressa anulada num tratamento errado quanto à escala, num envolvimento de bibelot que as formas não comportam nem podem assumir. Assim essas formas se esvaziam do seu próprio conteúdo, submersas num condimento monótono que lhes dá a pastosidade de certos bolos e disfarçadas com as tintas que, do mesmo passo, alegam para os olhos e para a boca o consumo dos referidos bolos. Os ferros pintados desta experiência perderam naturalmente a sua natural agressividade, nem um grilo nos resta do que eles foram e do que eles, em boa verdade, valem.



GRAVURAS DE COSTA PINHEIRO: a Galeria 111 apresentou, na cave das suas instalações, uma importante exposição de gravuras de Costa Pinheiro. Este pintor português, que trabalha actualmente em Munique, tem trazido até ao nosso convívio a sua obra e a singularidade do seu temperamento criador. Desta vez, com um notável conjunto de gravuras, Costa Pinheiro dá-nos conta da coerência do seu trabalho e surpreende-nos com linha vibrante, expressiva, diversificada na forma, da sua produção de gravador. Difícilmente se poderá dizer qual o confronto a estabelecer entre a obra do gravador e a do pintor, mas é facto que as gravuras apresentadas pela Galeria 111 são das melhores peças formuladas por Costa Pinheiro. Para além de uma arrumação que é simultaneamente espontânea e de bom gosto, a matéria nasce martirizada pela febre da expressão, vive das cicatrizes que a mão do artista abre na pedra ou no metal, marcando decisivamente a sua escrita na matriz. Muitas das imagens evocadas falam de uma memória antiga, ou de uma infância que de novo se exprime, e nisso Costa Pinheiro desdobra diante dos nossos olhos todo um universo de linhas, riscos tocos ou delicados, redes laboriosas, reflexão sobre o acto da escrita e o papel inalienável da mão.

Edições francesas

— **PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE:** Léon Trotsky, *L'Internationale communiste après Lénine* (um inédito sensacional); Roger Garaudy, *Perspectives de l'homme* (reedição actualizada, agora com a inevitável crítica ao estruturalismo); René Zazzo, *Croissance de l'enfant, genèse de l'homme*; Jean-Paul Gabus, *Introduction à la théologie de la culture de Paul Tillich* (com alguns textos em antologia).

— **SEGHES:** Lucien Rioux, *Serge Gainsbourg*

(col. «Poésie et chansons»); Lucien Serphagnon, *Vladimir Jankélévitch* (col. «Philosophes de tous les temps»); Pierre Bégnaud, *Paul Langevin* (col. «Écrivains du monde entier»); Claude Rostand, *Anton Webern* (col. «Écrivains de tous les temps»); Paul Idatte, *Clefs pour la cybernétique*.

— **EDITIONS DU CHEUIL:** obra colectiva, *Petite encyclopédie politique*; Susan Sontag, *Voyage à Hanoi*; Georges Steiner, *Langage et silence*; Juan Bosch, *Le*

Pentagonisme (na colecção «Combats»); Pierre Vidal-Nacquet e Alain Schnapp, *Le discours étudiant* (um dossier monumental); Claude Kiejman e Jean-François Held, *Marxisme: le pain et les jeux* (os bastidores políticos das Olimpíadas).

— **EDITIONS SOCIALES:** Rosa Luxembourg, *Texts choisis* (antologia por Gilbert Badia).

— **GRASSET:** François Bott, *Les saisons de Roger Vailland*.



qualidade!
distinção!
bom preço!



Porquê uma rosa negra
bordada nesta camisa de homem?
A rosa negra é um símbolo.
A rosa é uma flor requintada.
A rosa negra é a perfeição do requinto.
A rosa negra não está imediatamente
à vista, é uma flor discreta.
Abra negligentemente o casaco
— confirme a opinião que os outros têm de si.

rosa negra

para homem



a camisa com o monograma da distinção

Agora também em Portugal • um exclusivo Triple Martell

Vailland íntimo

(Continuação da 1.ª página)

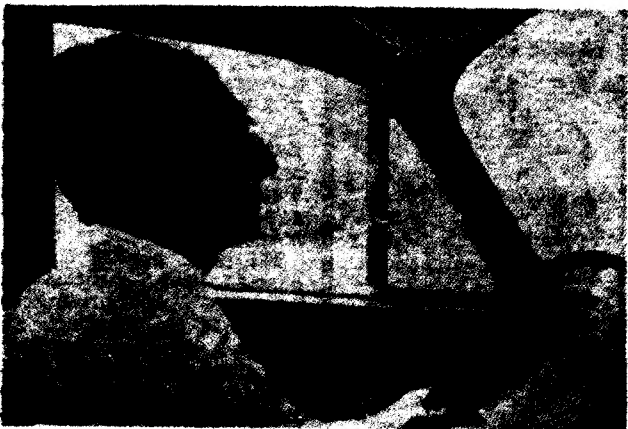
Vailland (mas não a camuflagem da participação nem da unidade). O jornalista, no *Paris-Midi*, lança-o no mundo da ação. O ex-provinciano adolescente frêge de amor, esse tímido, frequenta os bares de Montparnasse e aposta no jogo da glória literária.

Mas em breve (1935-1942) a ruptura com o grupo do *Grand Jeu* lança-o novamente num período de crise. A isso acrescenta-se a tirania do clismo de uma rapariga com que passara a viver, a falta de dinheiro e a obrigação de fazer um jornalismo convencional.

RESISTÊNCIA E DESINTOXICAÇÃO

A terceira parte destes *Écrits intimes*, que vai de 1943 a 1947, é básica para a compreensão de todo um processo de mitificação histórica e intelectual. E, como diz Jean Recanat, se desintoxiquer, entrer dans la Résistance, c'est pour Vailland une autre manière de mettre un terme à son adolescence.

Participando na Resistência, escrevendo *Drôle de jeu* Vailland constrói a sua própria personagem: será um libertino por obra e graça da sua ironia corrosiva. E não deixa de ser significativo que Vailland se insurja contra a «falta de humor» de Camus e que escreva no final da guerra: *Ubu est toujours sur son trône mais nous savons que son règne n'est pas éternel et qu'il nous appartient de le renverser. Notre humour n'est plus l'expression du désespoir mais une arme. La révolte de jadis est devenue conscience révolutionnaire.*



A «personagem» de Vailland: um libertino por obra e graça da ironia corrosiva

Este processo de engajamento e ao mesmo tempo de libertinagem aplica-se à literatura, ao próprio acto de criar. Tencionando escrever uma peça de teatro (*Héloïse et Abelard*) Vailland anota no seu *Journal de Héloïse et Abelard*: *Le théâtre rapporte de l'argent. Je n'ai pas d'objection contre les romanciers américains dont on dit... C'est plutôt une garantie contre la satisfaction déournée et à bon compte de la Tour l'ivoire: c'est que je ne peux pas être Citron ni même procureur de la République, je serai mieux que tout cela: un génie solitaire.*

Entretanto, apesar do seu entusiasmo político, mais possível d'escrutar do seu racionalismo ottocentista, Vailland não se livra do vício, ainda que o utilize como arma de lucidez crítica: se é certo que delirou por completo e desceu, entrega-se ao al-

cool. Devemos-lhe a este propósito uma definição exemplar da nossa civilização e de de Gaulle: *notre civilisation est une civilisation de l'écueil, qu'il s'agisse d'écueil et de ses inconvénients, enfin c'est comme ça, Churchill se souvient, Staline se souvient, il n'y a que de Gaulle qui ne se souvient pas mais de Gaulle n'est pas un contemporain, ce n'est pas un vivant, c'est une image d'Épinal destinée à illustrer l'histoire.*

A GRANDE ILUSÃO

A quarta parte dos *Écrits intimes* abrange o período áureo da ilusão política de Vailland: 1948-1956.

Esse período começa com a viagem a Itália. Ali, Vailland descobre a *douceur de vivre*. E eis que de novo, nos surge o adolescente acomplexado que Vailland quer esquecer ou, pela libertinagem e a política, explicar de uma vez para sempre em termos elementares de sociologia marxista: *Si j'étais, ce printemps, quand nous voguions ensemble en Italie, si sensible à la douceur de vivre, c'est que je sais tout de la vie sans douleur. Mes arrière-grandes-parents étaient des paysans savoyards. Mes grands-parents émigrèrent à Paris, artisans, mon père fit ses études et eut une profession libérale. L'histoire de ma mère est analogue. Ils appartiennent tous trois à cette troisième génération qui fait l'armature de la petite bourgeoisie française.*

Mas o adolescente regressa, inesperadamente, em sonhos obsessivos: *Au petit matin, d'un rêve à de-*

plô, e estudo sobre *L'impératif rationnel*, vaticina contra a paz.

Ao mesmo tempo, descobre o «amor lúcido» por Elisabeth, que o acompanhará até à morte nas várias metamorfoses por que Vailland ainda vai passar: *La saison des amours touche à sa fin. Je suis las, non pas de cet amour, mais de recommencer sans cesse l'amour. Elle (Elisabeth) ajoute à la passion, la tendresse, et c'est ainsi une femme de tête, qui m'aiderait à mettre dans ma vie l'ordre nécessaire à l'exécution de mon plan triennal.*

Mas não nos iludamos: a plena lucidez no amor nada tem de crepúsculo do guerreiro: a lei capital do verdadeiro libertino é a do movimento. Movimento dentro e fora de si próprio. Dentro e fora da história. Ou mesmo contra ela.

TÉDIO

A última *saison* da vida de Vailland (quinta parte dos *Écrits intimes* — 1956-1965) foi justamente um movimento desenfiado contra a história — essa história que ele mitificara na pessoa de Estaline, um Estaline-César que o «rapport Khrouchev» desmitifica em definitivo. De regresso de Moscovo, Vailland sente-se verdadeiramente traumatizado: *J'ai pleuré le jour de la mort de Staline. Et j'ai de nouveau pleuré sur le chemin de Moscou, à Prague, j'ai pleuré toute une nuit, quand j'ai dû le tuer une seconde fois, dans mon cœur, après avoir lu le récit de ses crimes.*

Daqui para diante, a vida de Vailland (e mesmo a sua obra) não passa de sobrevivência. E é curioso verificar como, ainda e sempre, Vailland regressa à adolescência, até no seu conceito de sorte, ou acaso, comparada à graça quando medita sobre o fogo que foi a sua vida.

Para além disso, pouco mais. A não ser o tédio (mesmo nas frequentes sessões de erotismo a três ou quatro abissamente plagiadas de Sade). Esse tédio que ele tanto odeia: *Je m'étais endormi vers onze heures avec les soporifiques habituels. Je me suis réveillé. Il n'était que minuit dix. J'ai crié: merde! ce que je m'enfume! Le pire c'est quand il arrive à quatre de l'après-midi (l'heure où commence vraiment le plaisir de travailler, quand j'écris) de se dire: qu'est-ce que je vais faire jusqu'à 7 heures (l'heure du premier whisky). Esse tédio que lhe provoca o francês-médio actual, mais despolitizado do que nunca.*

Concluindo: estes *Écrits intimes*, vasta enciclopédia do optimismo moderno, é um dos mais trágicos testemunhos de uma lúcida renúncia de transformar o mundo. Renúncia de um moralista (entenda-se: o contrário de um metafísico) — esse moralista rigorosamente na tradição de Sade que Vailland (mesmo quando nega, e sobretudo quando nega a sua adolescência) sempre foi.

ALVARO MANUEL MACHADO

(1) Ver *Suplemento Literário* de 22/1/68 — «Le Grand Jeu» — redescoberta do surrealismo.

Livro menor

(Continuação da 2.ª página)

nas confissões de «ma consciência» da consciência publicitária:

O adjectivo
dá-me de comer.
Se não for ele
o que houvera de ser?

Vivo de acrescentar as coisas
o que elas não são.
Mas é por cálculo,
não por ilusão.

MAS, acima de tudo, devemos extrair deste livro um grande poema, um desses poemas que deveriam ir direitinhos para uma antologia, dos melhores poemas do ano que passa (e acaso entre nós existisse tal antologia, no estilo da que P. Seghers realiza em França): trata-se de «O ladrão do pão», narrativa maravilhosa sobre os sonhos da emigração, a nostalgia do mar, a exploração do trabalho dos homens e o espanto de existir. Na impossibilidade de o transcrever na íntegra, citemos alguns dos seus «parágrafos»:

Eu já não sou marujo.
Do mar fujo.

O mar é um grande ladrão.
O mar não vem comer à mão.

Adentro-me pelos campos.
Levo um remo
Ainda tremo do remar.

O ladrão não rima com pão.
O ladrão não rema.
Quem remava era a minha mão.

Até que enfim que o rosmatinho
é uma flor.

A terceira rodada
já quero saber
onde é que eu sou,
que venho ali fazer.
Respondendo:
— Esquecer.

— Marujinho, a terra é madrastra
para quem está do lado do suor.
— E o mar é um grande ladrão.
Não troca o suor em pão.

Dois luzeiros descem do monte.
Desaparecem. Aparecem.
Dois faróis encandei-lam-se.
Tac-tac do motor
— Suba.

E a última da carreira.

Nas curvas ouço o «emo»
rotar no tejadilho.
Começo a não perceber.
Começo a sentir frio.

— E aqui. Desça
Salto
Atravem-me o remo
para a estrada.

Então o grande olho
acusador,
fogo santelmo na roda da candela,
crava-se em mim: — Aqui é fronteira.
Algo a declarar.
— Só este lenho
que eu trouxe por trazer.
— Nada a fazer.
Tem de voltar pro mar.

Ao sol
não canta o rouxinol.
Na alta manhã
uma voz clareia.
Lá estão os montes
de antes de eu o sonhar.

— Acorda, padeirinho
que o pão não cresce.
Deitaste sair o dia.
Onde foi que te perdeste?

— Quem disse que fui marinheto?
Aqui declaro a pura verdade:
esta pá é pá de padeiro
(padeiro de muito enforçar)
e se não fora o ladrão do pão
até gostava de ir conhecer
o mar!

«O ladrão do pão» é um belíssimo poema de um grande poeta: para quando um livro maior?

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Alexandre O'Neill «De ombro na ombreira», *Cadernos de Poesia*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1969.

114 minutos de cinema

(Continuação da 2.ª página)

gim inquietante procura servir-se do Sindicato (e da Polícia) para conseguir notoriedade pública. Bullitt é o homem destinado a ser bode expiatório de uma cabala em que as cartas estão previamente viciadas. O que se desencadeia depois documenta a ampla mente os «reinos podres da Dinamarca» das sociedades da ausência.

Steve McQueen é gigantesco na figura de Bullitt,

e Jacqueline Bisset tão bonita que até dói. A São Francisco que serviu de cenário a tantos romances de Raymond Chandler e tantas aventuras de Humphrey Bogart anima-se com uma espantosa perseguição de automóveis, em que o «Ford Mustang» de Bullitt surge, de repente, no pára-brisa do carro dos «gangsters»; como um anjo vingador, antes de iniciar uma corrida estonteante. Restaurantes, estapas, quadras, hospitais, tudo

possui um cunho avassalador de verdade. A sequência do aeroporto vive de uma preparação dramática intensa e de uma montagem que se torna magistral nos planos da morte do homem do Sindicato. Bullitt é uma força que se desenvolve, que se agiganta, que torna as pressões intoleráveis, que transpira energia nervosa em cada enquadramento. O melhor filme de 1969.

JOSÉ VAZ PEREIRA

NA IGREJA DESTE TEMPO

Y. Congar 42,00

A nossa época está marcada por uma reinvenção do homem cristão, isto é, de um homem que não se contenta em professar uma Fé, em praticar as obrigações de ética ou de culto definidas pela Igreja, mas que tenta viver o Evangelho nos seus comportamentos de homem. Ora o homem cristão é um homem que participa, que está aberto aos outros, que presta serviços, que não se nega aos apelos.



Y. CONGAR
NA IGREJA
deste tempo

UNIÃO GRÁFICA—R. Santa Marta, 48—LISBOA

uma editora em renovação



Livro menor

por Eduardo Prado Coelho

POR várias vezes o tenho dito já, mas é sempre bom repeti-lo, porque temos de contar com a fragilidade das memórias humanas: Alexandre O'Neill é um dos grandes nomes da nossa poesia moderna. A sua obra é extremamente rica e pessoal, e é algo muito instrutivo percorrer os diversos sentidos e as inesperadas intenções que nela se cruzam: a violência satírica, o humor enternecido e generoso, o riso negro, o lirismo discreto e retraído, a reflexão embuçada no alarido das palavras.

Porque — digamo-lo já — verifica-se em O'Neill um trabalho importante relativo às palavras. Trabalho que consiste em analisar os seus vários estratos de significação, em restituí-las aos seus sentidos originais, em transformá-las através da inserção em novos contextos, em promovê-las pela justaposição de elementos que vêm produzir surpreendentes efeitos semânticos. Por conseguinte, todo um trabalho de montagem (na acepção complexa que a palavra tem em cinema — veja o leitor o número de Março dos «Cahiers du Cinéma»), de colagem, de sobreposições, de transparências e de revelações que só um grande poeta, isto é, um grande senhor da Linguagem, poderia levar a bom termo.



O'Neill: para quando um livro maior?

POR outro lado, O'Neill procura situar-se na linha zigzagueante que une a palavra escrita à palavra oral, tentando pôr em relevo a distância existente entre os dois níveis de comunicação. Na medida em que a poesia adere à especificidade da expressão oral, a poesia reapropria-se do mundo recalcado do quotidiano, da ingenuidade doméstica, da ternura dispersa nos códigos do amor e da amizade (a má articulação das palavras como forma de aproximação entre as pessoas ao nível quase infantil dos seus rostos de pureza), de toda uma existência pitoresca e «não-poética», o que é uma das grandes recuperações que O'Neill realizou para nós.

O verdadeiro «experimentalismo» está aqui, acreditem. Aqui, no trabalho poético de Alexandre O'Neill — como no de Carlos de Oliveira, no de Herberto Helder, no de Gastão Cruz entre outros. Onde não está, onde certamente não está é nas exibições de alguns «experimentalistas» mais ou menos medíocres, que fazem do «experimentalismo» uma causa sagrada e intocável para assim terem um escudo que torne menos vulnerável a sua iniludível mediocridade.

POR tudo isto, que, como viram, não é pouco, a nossa exigência em relação a O'Neill tende a tornar-se cada vez maior. O poeta criou responsabilidades.

Digo isto com certo constrangimento: porque se o poeta criou efectivamente responsabilidades, criou-as acima de tudo no interior desse universo da cultura que ele sempre pôs em causa. Por conseguinte, uma das formas de manter a coerência será a de «estar-se nas tintas» para a qualidade dos seus versos, medida a partir de critérios já por ele fortemente abalados. Mas o sofismo é demasiado sofismo para a gente acreditar nele — não é O'Neill? Não foram somente responsabilidades culturais que o poeta criou, mas responsabilidades cívicas — de transformar a poesia num instrumento de desmistificação que nos ajude a purificar este nosso mundo enredado em preconceitos e ilusões.

E por isto também que o livro «De ombro na ombreira» (*) me decepciona. Livro menor, parece feito de poemas demasiado encomendados pelas circunstâncias, feito de piruetas verbais nem sempre convincentes, feito de pequenas «graças» descoladas e solitárias. Tudo o que aliás sempre existiu em livros anteriores de O'Neill, mas existia enquadrado em poemas de maior fôlego e alcance, que indicavam um sentido global que aqui não se chega a entrever. Obra onde não existem «risco e consequência» (para empregar uma expressão que, segundo César, é de Lopes Graça), «De ombro na ombreira» fica aquém daquilo que nos era lícito exigir de O'Neill.

CONTUDO, há ainda neste livro uma meia-dúzia de excelentes poemas. O melhor tom de O'Neill está presente, por exemplo nestes versos:

Groselha, na esplanada, bebe a velha,
e um cartaz, da parede, nos convida
a dar o sangue. Franco a sobrance-
[celha:
dizem que o sangue é vida: mas que
[vida?

Que fazemos, Lisboa, os dois aqui,
na terra onde nascente e eu nasci?

Podemos também reparar na pericla com que o poeta, por meio de alterações mínimas desvirtua a longa série de lugares-comuns do nosso falar quotidiano:

A força do hábito é como o que tem
[que ser.
E o que tem que ser tem muita força.

Devemos acentuar a subtil destruição de certas verdades feitas:

Da gaiola de vidro, à prova de bala,
o suja-chaminés observava a sala.

Reforçara-se muito nos últimos me-
[ses,
a sua fé em Deus.

Não desse que desse pela chaminé
e entretém, candidamente, a nossa fé.
Mas num Deus mais volátil,
de iconografia mais industrial,
sempre a subir no céu por toda a
[eternidade.

Na gaiola de vidro, à prova de bala,
o suja-chaminés era visto da sala.

Dir-se que, afinal,
matou menos judeus do que se jul-
[gava.

E merecem a nossa admiração es-
tos versos corajosos, que constituem
seguramente uma das mais espanto-

(Continua na 2.ª página)



Steve McQueen é «Bullitt». E «Bullitt» é o melhor filme do ano...

114 minutos de cinema

por José Vaz Pereira

BULLITT

filme de T. Yates

Interpretes: Steve McQueen e Jacqueline Bisset

Produção: U. S. A. 1968

BULLITT faz da simplicidade força, da linearidade profundidade. Todos os anos se pinta o fim do cinema americano e todos os anos se celebra o seu renascimento. E, em todos os momentos que ele irrompe com o ímpeto de Bullitt, ficam dúvidas se haverá comparações possíveis. Não. Para atingir uma técnica narrativa tão densa e simultaneamente tão imediata o cinema tem que aprender à custa dos próprios erros. Só assim se pode atingir essa concentração prodigiosa de todos os ingredientes e de toda a tradição violenta do filme negro galopantemente condensada nos 114 minutos tensos e implacáveis de Bullitt. A obra de Yates depura-se um pouco como os pugilistas que perdem peso antes de ir para o «ringue». Sabe, que só dinamizando o essencial poderá ser tremendamente significativa.

Yates é fascinado pela acção e põe toda a técnica ao serviço da acção — é um filme em que se não pára, em que não se verifica um tempo morto, em que o ritmo jamais abandona. O difícil consiste em não abandonar completamente uma humanidade que procura no meio do turbilhão, tempo para respirar. Pelo menos, o indispensável para não se converter numa legião de «robôs». Mas sem desistir de mostrar a realidade de um tempo contemporâneo, em que há cada vez menos ocasiões para respirar. Pensamos, ao vermos Bullitt, na linguagem vigorosa de Elia Kazan ou na frase de Godard, o cinema é a verdade sessenta vezes por segundo. Simplesmente. Yates não parece interessado em «demonstrar» algo através do cinema. Para ele basta recorrer a actividades quotidianas e competitivas de uma cidade como São Francisco.

Claro que pensamos e chegamos a pensar com frequência pela rotina, rotina

chegada da polícia, investigações, luta com o Sindicato. Bullitt não foge a essa rotina, mas consegue servi-la convincentemente — tudo é tão real, que parece ser visto pela primeira vez, constituir uma novidade. E, no entanto, a intriga é bem simples, as situações convencionais dentro da evolução do cinema, a crítica à sociedade

de americana ingenuamente frontal.

Mas isso perde a importância, se lhe adicionarmos a eficácia de uma linguagem que nunca vacila, que nunca faz concessões. O filme torna-se dominador e irresistível, quando poderia ser considerado toco sob um ponto de vista de problemática. Regista-se a impossibilidade de apresentar outra ética que não seja a da acção, outras razões diversas, dum dinamismo efervescente, que não cessa de movimentar-se. Caminho perigoso, porque pode abrir caminho a tudo, inclusive à ideologia da violência. Mas os planos finais são suficientemente eloquentes para mostrar que essa violência, mesmo quando justificada, provoca um violento traumatismo emocional naqueles que a praticam. Talvez Bullitt, no aeroporto e no regresso a casa, medite nos tremendos limites da sua condição de dinamo humano.

Há hoje, nos E. U., um oportunismo político na cruzada aparentemente meritória do combate ao crime. O caso Garrison constitui um exemplo flagrante. O senador personificado por um Robert Vau-

(Continua na 2.ª página)



Acabe de sair

HISTÓRIA MUNDIAL DA ARTE

III volume: O RENASCIMENTO

por Everard M. Upjohn, Paul S. Wingert e Jane Gaston Mahler

Capítulos deste volume:

Platão: Os Primitivos; O «Quattrocento»; O Século XVI em Itália; O Renascimento no Norte; O Renascimento em Espanha

Volume de 368 páginas, com ilustrações: 4000

Volumes anteriores:

- I — DA PRÉ-HISTÓRIA À GRÉCIA ANTIGA
- II — DOS ETRUSCOS AO FIM DA IDADE MÉDIA

A seguir:

- IV — DO BARROCO AO ROMANTISMO
- V — ORIENTE E MÉRITO ORIENTE
- VI — ANOS PRIMITIVOS E ARTE MODERNA

Tradução de João Barreira

LIVRARIA SERRAVALLE